

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Programa de Pós-Graduação em Administração, Mestrado

EVERTON MANUEL NONATO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: um estudo de caso na escola estadual
três poderes**

Belo Horizonte

2024

EVERTON MANUEL NONATO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: um estudo de caso na escola estadual
três poderes**

Dissertação apresentada ao curso do Programa de Pós-Graduação em Administração, Mestrado, do Centro Universitário Unihorizontes.

Orientador: Prof.º Dr.º Jerisnaldo Matos Lopes

Linha de pesquisa: Estratégia, Inovação e Competitividade

Área de concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário
Bruno Tamiatt de Almeida CRB6 3082

Nonato, Everton Manuel.

N812e

Educação financeira e o desenvolvimento dos alunos da educação de jovens e adultos – EJA: um estudo de caso na escola estadual Três Poderes. Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2024.
124 p.

Orientador: Dr. Jerisnaldo Matos Lopes

Dissertação (mestrado). Centro Universitário Unihorizontes.
Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Educação financeira - Educação de jovens e adultos - Escola pública

I. Everton Manuel Nonato II. Centro Universitário Unihorizontes – Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: 658.61

FOLHA DE APROVAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

MESTRANDO(A): **EVERTON MANUEL NONATO**

Matrícula: 241487833

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Organização e Estratégia

LINHA DE PESQUISA: Estratégia, Inovação e Competitividade

ORIENTADORA (A): **Prof. Dr. Jerisnaldo Matos Lopes**

TÍTULO: **"EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: um estudo de caso na Escola Estadual Três Poderes"**

DATA: 08/11/2024

RESULTADO APÓS DELIBERAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA: **APROVADO(A)**

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **JERISNALDO MATOS LOPES**
Data: 11/11/2024 17:13:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jerisnaldo Matos Lopes
Centro Universitário Unihorizontes

Documento assinado digitalmente
 **THAIS PINTO DA ROCHA TORRES**
Data: 08/11/2024 14:52:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Thaís Pinto da Rocha
Centro Universitário Unihorizontes

Documento assinado digitalmente
 **JOABSON LIMA FIGUEIREDO**
Data: 08/11/2024 13:50:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO RIBAS REIS**
Data: 08/11/2024 13:22:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Ribas Reis
Centro Universitário UniRuy

DEDICATÓRIA

Ao meu amado filho, Raphael Diego Ribeiro Nonato. Sua presença em minha vida é a fonte de inspiração e força que me impulsiona a seguir em frente, mesmo diante dos maiores desafios. Que este momento simbolize o valor da dedicação e do esforço e que você sempre se lembre-se de que, com determinação e fé, qualquer sonho pode se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa tão importante da minha trajetória acadêmica, expresso minha sincera gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, a Deus, pela força, resiliência e sabedoria a mim concedidas ao longo desta jornada.

Aos meus professores de todas as unidades curriculares cursadas durante todo o processo de aprendizagem nessa especialização.

Aos meus orientadores Hudson Fernandes Amaral e Helena Belintani Shigaki, por terem iniciado a caminhada que resultou nesta pesquisa.

Ao meu orientador Jerisnaldo Matos Lopes, pela orientação competente, paciência e dedicação, sempre disposto a compartilhar conhecimento e oferecer suporte, tornando possível a realização deste projeto; pelos ensinamentos e pela confiança depositada no meu trabalho.

À minha família, por todo o amor, incentivo e compreensão nos momentos mais desafiadores. Aos meus pais Esmeraldo Nonato e Eliza Raimunda Nonato, por acreditarem no meu potencial e me apoiarem em cada etapa da vida acadêmica.

Aos meus colegas de pesquisa e amigos, por compartilharem comigo esta caminhada, oferecendo-me apoio e colaboração em momentos de incerteza.

Também ao Centro Universitário Unihorizontes, por fornecer as condições necessárias para a realização desta pesquisa; e ao Programa Trilhas do Futuro – Educadores – da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Estado de Minas Gerais, pela oportunidade para o meu crescimento acadêmico.

Por fim, deixo meu profundo agradecimento aos participantes desta pesquisa, por, com generosidade, terem compartilhado suas experiências e contribuído, de forma significativa, para o enriquecimento deste trabalho.

A todos, o meu mais sincero e profundo agradecimento.

"A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática."

Paulo Freire

RESUMO

Aderência à linha de pesquisa: este estudo seguiu a Estratégia, Inovação e Competitividade que abordaram o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a forma como uma escola da rede pública trabalha para Ensinar a Educação Financeira (EF) aos jovens e adultos. Foi questionada qual a avaliação do conteúdo sobre educação financeira explorado na EJA de uma escola pertencente à rede pública estadual de Belo Horizonte, Minas Gerais, na perspectiva dos professores e dos alunos. **Objetivo:** analisar os critérios explorados nas atividades didáticas de uma escola da rede pública de Belo Horizonte, Minas Gerais, em relação à Educação Financeira no EJA, na perspectiva dos professores e alunos da Escola Estadual Três Poderes sobre o desenvolvimento dos estudantes em conhecimento financeiro e gestão das suas finanças. **Teorias:** foram apresentados os pressupostos teóricos acerca da educação e alfabetização financeiras; a educação financeira; a inclusão financeira; e a formação, gestão de risco, inovação e desempenho no cotidiano das pessoas, além da cultura da educação financeira no contexto da EJA, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Métodos:** foi adotada a metodologia da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, que contou com a aplicação de questionários estruturados para compreender a proposta das atividades relacionadas à Educação Financeira ministrada aos alunos da EJA de uma escola estadual tomada como estudo de caso. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professores, para saber a percepção deles sobre o que é explorado nas aulas envolvendo a educação financeira e a receptividade dos alunos. Ao combinar a análise de dados quantitativos dos questionários estruturados dos alunos com a análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas dos professores, foi possível obter uma visão mais abrangente sobre a importância da disciplina Educação Financeira. **Resultados:** os alunos, em sua maioria, consideram as aulas de Educação Financeira úteis, mas muitos sentem que os conteúdos abordados ainda são insuficientes para que possam aplicar efetivamente o que aprendem em suas vidas financeiras. Os professores acreditam que o conteúdo explorado em sala de aula cobre os aspectos essenciais da educação financeira, mas reconhecem que os desafios enfrentados pelos alunos fora da escola limitam a eficácia desse ensino. Também foi destacada a importância de uma formação continuada dos professores para que possam atualizar e diversificar suas abordagens pedagógicas, adaptando-as às necessidades específicas dos alunos da EJA. **Contribuições teóricas:** foi possível constatar que tanto professores quanto alunos reconhecem a importância da Educação Financeira no desenvolvimento da autogestão financeira. Os alunos demonstraram entendimento básico sobre finanças pessoais, mas apontaram dificuldades em aplicar esses conceitos de maneira eficaz em seu dia a dia. Muitos relataram que, embora entendam a importância de controlar gastos e poupar, as limitações econômicas e a falta de planejamento financeiro estruturado continuam sendo desafios significativos. **Contribuições sociais:** ao comparar as percepções de alunos e professores, observam-se tanto convergências quanto divergências. Ambos os grupos reconhecem a relevância da educação financeira, mas divergem quanto à adequação do conteúdo e à eficácia das aulas em promover mudanças comportamentais significativas. Enquanto os professores acreditam que o conteúdo é adequado, os alunos sentem que precisam de mais ferramentas práticas para aplicar o que aprendem.

Palavras-chave: Educação Financeira; Educação de Jovens e Adultos; Escola Pública.

ABSTRACT

Adherence to the line of research: the present study followed the Strategy, Innovation and Competitiveness that addressed the context of Youth and Adult Education, EJA, and the way in which a public school works to teach financial education to young people and adults about financial education. It will be questioned what the evaluation of the content on financial education is explored in the EJA of a school belonging to the state public network of Belo Horizonte, Minas Gerais from the perspective of teachers and students. **Objective:** to analyze the criteria explored in the didactic activities of a public school in Belo Horizonte, Minas Gerais, in relation to financial education in EJA from the perspective of teachers and students at the Três Poderes State School on the development of students in terms of financial knowledge and management of their finances. **Theories:** the theoretical assumptions about financial education and literacy were presented; financial education, financial inclusion, training, risk management, innovation and performance in people's daily lives, in addition to the culture of financial education, in the context of EJA) in line with the National Common Curriculum Base (BNCC). **Methods:** the method of the literature review was adopted, and the field research included the application of structured questionnaires to understand the proposal of activities related to financial education taught to EJA students in a state school taken as a case study. Semi-structured interviews were also conducted with four teachers to find out their feeling of what is explored in classes involving financial education and the receptivity of students. By combining the analysis of quantitative data from the students' structured questionnaires with the qualitative analysis of the teachers' semi-structured interviews, it was possible to obtain a more comprehensive view of the importance of the discipline of financial education. **Results:** Most students consider financial education classes useful, but many feel that the content covered is still insufficient for them to effectively apply what they learn in their financial lives. Teachers believe that the content explored in the classroom covers the essential aspects of financial education but recognize that the challenges faced by students outside of school limit the effectiveness of this teaching. The importance of continuing education of teachers was also highlighted so that they can update and diversify their pedagogical approaches, adapting them to the specific needs of EJA students. **Theoretical contributions:** it was possible to verify that both teachers and students recognize the importance of financial education in the development of financial self-management. The students demonstrated a basic understanding of personal finance but pointed out difficulties in applying these concepts effectively in their daily lives. Many reported that while they understand the importance of controlling spending and saving, economic limitations and a lack of structured financial planning remain significant challenges. **Social contributions:** when comparing the feelings of students and teachers, both convergences and divergences are observed. Both groups recognize the relevance of financial education but differ on the adequacy of the content and the effectiveness of the classes in promoting significant behavioral changes. While teachers believe the content is adequate, students feel they need more practical tools to apply what they learn.

Keywords: Financial Education; Youth and Adult Education; Public school.

RESUMEN

Adherencia à la línea de investigación: el presente estudio siguió la Estrategia, Innovación y Competitividad que abordó el contexto de la Educación de Jóvenes y Adultos, EJA, y la forma en que una escuela pública trabaja para enseñar educación financiera a jóvenes y adultos sobre educación financiera. Se cuestionará cuál es la evaluación de los contenidos sobre educación financiera explorados en la EJA de una escuela perteneciente a la red pública estatal de Belo Horizonte, Minas Gerais, desde la perspectiva de profesores y alumnos.

Objetivo: analizar los criterios explorados en las actividades didácticas de una escuela pública de Belo Horizonte, Minas Gerais, en relación a la educación financiera en la EJA desde la perspectiva de profesores y alumnos de la Escuela Estadual Três Poderes sobre el desarrollo de los estudiantes en términos de conocimientos financieros y gestión de sus finanzas.

Teorías: se presentaron los supuestos teóricos sobre educación y alfabetización financiera; educación financiera, inclusión financiera, capacitación, gestión de riesgos, innovación y desempeño en la vida cotidiana de las personas, además de la cultura de la educación financiera, en el contexto de la EJA) en línea con la Base Curricular Común Nacional (BNCC).

Métodos: se adoptó la metodología de la revisión bibliográfica y la investigación de campo incluyó la aplicación de cuestionarios estructurados para comprender la propuesta de actividades relacionadas con la educación financiera impartidas a estudiantes de EJA en una escuela estatal tomada como estudio de caso. También se realizaron entrevistas semiestructuradas a cuatro docentes para conocer su percepción sobre lo que se explora en las clases de educación financiera y la receptividad de los estudiantes. Al combinar el análisis de los datos cuantitativos de los cuestionarios estructurados de los estudiantes con el análisis cualitativo de las entrevistas semiestructuradas de los docentes, se pudo obtener una visión más integral de la importancia de la disciplina de la educación financiera.

Resultados: La mayoría de los estudiantes consideran útiles las clases de educación financiera, pero muchos sienten que el contenido cubierto aún es insuficiente para que puedan aplicar de manera efectiva lo que aprenden en su vida financiera. Los profesores creen que el contenido explorado en el aula cubre los aspectos esenciales de la educación financiera, pero reconocen que los desafíos que enfrentan los estudiantes fuera de la escuela limitan la efectividad de esta enseñanza. También se destacó la importancia de la formación continua de los docentes para que puedan actualizar y diversificar sus enfoques pedagógicos, adaptándolos a las necesidades específicas de los estudiantes de EJA.

Aportes teóricos: se pudo constatar que tanto docentes como estudiantes reconocen la importancia de la educación financiera en el desarrollo de la autogestión financiera. Los estudiantes demostraron una comprensión básica de las finanzas personales, pero señalaron dificultades para aplicar estos conceptos de manera efectiva en su vida diaria. Muchos informaron que, si bien comprenden la importancia de controlar el gasto y el ahorro, las limitaciones económicas y la falta de una planificación financiera estructurada siguen siendo desafíos importantes.

Aportes sociales: al comparar las percepciones de estudiantes y docentes, se observan tanto convergencias como divergencias. Ambos os grupos reconocen la relevancia de la educación financiera, pero difieren en la adecuación del contenido y la efectividad de las clases para promover cambios significativos de comportamiento. Si bien los maestros creen que el contenido es adecuado, los estudiantes sienten que necesitan herramientas más prácticas para aplicar lo que aprenden.

Palabras clave Educación Financiera; Educación de Jóvenes y Adultos; Escuela pública.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão externa da Escola Estadual Três Poderes	30
Figura 2 - Reflexos da Educação Financeira na vida do indivíduo	35
Figura 3 - Representação da associação entre Educação Financeira, conhecimento financeiro e alfabetização financeira	36
Figura 4 - Fases de implementação de políticas públicas.....	39
Figura 5 - Dados sobre Educação Financeira de adultos no Brasil	46
Figura 6 - Compreendendo a ENEF	47
Figura 7 - Esferas trabalhadas na cidadania financeira	48
Figura 8 - Média do índice de Educação Financeira no Brasil, por região – 2020	49
Figura 9 - Retrato da Educação Financeira no Brasil – 2020	50
Figura 10 – Educação Financeira e a consciência da população em poupar para a velhice....	52
Figura 11 - Posição do Brasil no desempenho em competências financeiras	55
Figura 12 - Evasão escolar e EJA.....	62
Figura 13 - Perfil dos professores (entrevistados) da EJA	75
Figura 14 - Capacitação para ensinar Educação Financeira.....	76
Figura 15 - Proposta e temas abordados.....	76
Figura 16 - Interesse e dificuldades dos alunos.....	77
Figura 17 - Desafios na Educação Financeira	77
Figura 18 - Preparação dos alunos para a Gestão Financeira.....	78
Figura 19 - Projetos de referência em Educação Financeira	79
Figura 20 - Sugestões para melhoria do ensino de Educação Financeira.....	79
Figura 21 - Perfil dos alunos respondentes.....	80
Figura 22 - Conhecimento do que é Educação Financeira	82
Figura 23 - Possuía habilidades na gestão das finanças pessoais antes das aulas de Educação Financeira	83
Figura 24 - Melhoraram os conhecimentos em Educação Financeira.....	84
Figura 25 - Tratamento da Educação Financeira na rotina de casa	85
Figura 26 - Aprendizado e o conteúdo das aulas de EF refletem importância no dia a dia ..	86
Figura 27 - Aplicação do conteúdo aprendido na vida.....	87
Figura 28 - O que deve ser mais bem explorado nas aulas de Educação Financeira	89
Figura 29 - Plano de ação para melhorar a Educação Financeira e o desenvolvimento dos alunos da EJA na Escola Estadual Três Poderes.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Amplitude de uma amostra populacional finita com coeficiente de confiança de 95,5%	70
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

- ASB – Auxiliar de Serviços de Educação Básica
- ATB - Assistentes Técnicos de Educação Básica
- AEF-Brasil – Associação de Educação Financeira do Brasil
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira
- CAF – Corporación Andina de Fomento (Banco de Desenvolvimento da América Latina)
- CVM – Comissão de Valores Mobiliários
- EF – Educação Financeira
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira
- FGC – Fundo Garantidor de Créditos
- LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PEB – Professores da Educação Básica
- PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
- PPP – Proposta Político Pedagógica
- PRONEF – Programa Nacional de Educação Financeira
- ROI – Retorno sobre o Investimento
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Apresentação do tema	18
1.2 Problema e questão central de pesquisa	22
1.3 Objetivos da pesquisa	24
<i>1.3.1 Objetivo Geral</i>	24
<i>1.3.2 Objetivos Específicos.....</i>	24
1.4 Justificativa	25
<i>1.4.1 Nível Organizacional.....</i>	25
<i>1.4.2 Nível Social.....</i>	26
1.5 Adequação à linha de pesquisa.....	28
2 AMBIÊNCIA DE PESQUISA.....	29
2.1 Caracterização da Unidade Escolar.....	29
2.2 Identificação histórica	30
2.3 Aspectos legais da instituição.....	31
2.4 Estrutura física	32
2.5 Perfil dos alunos.....	32
2.6 Perfil dos professores, da direção e dos demais servidores da escola	33
2.7 Inclusão, diversidade e cultura na aprendizagem	33
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	34
3.1 Alfabetização e Educação Financeira	34
<i>3.1.1 Conceitos diferenciadores.....</i>	34
<i>3.1.2 Origem e evolução da Educação Financeira.....</i>	37
<i>3.1.3 Educação Financeira como vertente da administração</i>	40
<i>3.1.4 Educação Financeira como estratégia para gestão e inovação.....</i>	43
<i>3.1.5 Educação Financeira no Brasil</i>	45
<i>3.1.6 Importância da Educação Financeira para a população.....</i>	51
3.2 O ensino da Educação Financeira nas escolas	53
3.3 A Educação Financeira como elemento transformador	58
3.4 EJA no Brasil	61
3.5 Relação entre a EJA e a Educação Financeira	63
3.6 Desafios para a Educação Financeira da EJA no Brasil.....	64

4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	68
4.1 Tipo, abordagem e método de pesquisa.....	68
4.2 Unidade de análise e sujeito de pesquisa	69
4.3 Técnica de coleta de dados	71
4.4 Técnica de análise de dados	71
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	75
5.1 Entrevista com os Professores da EJA	75
5.2 Questionário aplicado aos alunos.....	80
6 DISCUSSÃO	92
7 PROPOSTAS FUTURAS	97
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES	113
ANEXOS.....	118

1 INTRODUÇÃO

No escopo da Administração e da Gestão existem diferenças entre os dois termos que se relacionam. A Administração envolve supervisionar as operações diárias de uma organização, garantindo que elas funcionem sem problemas, mediante a implementação de políticas e decisões definidas pela gestão. A gestão se volta, *a priori*, a planejar, organizar, dirigir e controlar recursos para atingir os objetivos organizacionais (Philippas & Avdoulas, 2021).

Considera-se aqui a abrangência da Administração enquanto ciência, que vai além da ideia limitada que se trata de aprender e aprimorar as habilidades administrativas e o funcionamento de uma empresa, com foco no alcance máximo da produtividade do trabalho. O conceito vai além, pois estão inclusas as habilidades de comunicação e de organização em si, bem como de gerenciamento de projetos, de contabilidade e de competências para gerir tempo e alcançar o equilíbrio com a rotina das pessoas (Da Guia *et al.*, 2023).

Contudo, parte-se do pressuposto de que a Administração também está inserida na vida cotidiana, em que os indivíduos realizam várias tarefas, como administrar a casa, a família e o trabalho, gerir compras, economizar recursos financeiros, administrar a vida social, entre outros. Se observado mais atentamente e conciliando todas essas atividades, isso faz que um indivíduo administre as demandas financeiras, de planejamento e de gestão do tempo e, para isso, ele necessita de conhecimento básico para administrar a sua vida diária (Carvalho & Scholz, 2019).

Atividades como administrar o dinheiro, poupar, gastar, comprar produtos e serviços, dar prioridade a atividades imediatas e adiar outras sem importância fazem parte da vida. Klapler e Lusardi (2020) reforçam o fato de que, na hora de fazer compras ou adquirir itens, é dada importância à qualidade do produto, bem como às suas características. Em resumo, todas essas atividades podem ser simplesmente chamadas de “Gestão” ou “Administração”, que não são palavras com igual significado, mas existe correlação entre os eixos dessas áreas do conhecimento e a sua relação com o dia a dia das pessoas.

No âmbito da Administração, Kaiser e Menkhoff (2020) trabalham com uma vertente que contempla a relação entre educação financeira, inclusão financeira, formação, gestão de risco, inovação e desempenho no cotidiano das pessoas. Como foco desta dissertação, considera-se que uma abordagem mais abrangente mostrara que a Educação Financeira (EF) tem influências positiva e significativa na inclusão financeira dos indivíduos.

A EF contempla, também, as inovações de processos e produtos que influenciam o

desempenho das empresas, a vida das pessoas e os órgãos e instituições que estão relacionados a uma vida em sociedade e impactam as operações atuais e futuras, na percepção do clima de negócios, do mercado, do governo e da dinâmica das mais variadas organizações (Garg & Singh, 2018).

Sendo assim, ao estabelecer esse diálogo entre a Administração, a gestão das finanças pessoais e a EF, parte-se da premissa de que o saber e o aprendizado no controle e planejamento financeiro pessoal podem começar cedo, em casa e na escola. Idealmente, os conceitos de finanças pessoais devem ser ensinados no ensino fundamental, no médio e no superior. Na matemática, inicia-se a contagem, passa para a adição e subtração e depois vêm a divisão e a multiplicação. A educação em finanças pessoais deve ser um processo cumulativo, com tópicos apropriados à idade dos ensinados a cada ano letivo. A realidade é que muitos estados e distritos escolares não fornecem nenhuma educação substancial sobre finanças pessoais até o ensino médio e a educação de jovens e adultos; se é que oferecem (Accorsi *et al.*, 2018).

Segundo Ramon e Trevisan (2019), muitos países estão considerando a EF escolar para preparar os alunos para o uso responsável de produtos financeiros. No entanto, ainda se sabe pouco sobre os efeitos desse ensino no comportamento financeiro de longo prazo. A maioria dos estudos mede os efeitos da EF escolar em menos de um ano após a intervenção.

Nas aulas de EF se ensina a importância de economizar, mesmo que seja pequena quantia. Os alunos também aprendem sobre gestão financeira pessoal, crédito pessoal, uso de cartões de crédito, juros compostos e outras questões importantes, para não haver perdas de dinheiro, endividamento excessivo, descontrole; e são estimulados a economizar e começar a investir desde cedo (Cherobim, 2020).

Martins (2019) assinala que o número de decisões financeiras que um indivíduo deve tomar continua a aumentar, assim como a variedade e complexidade dos produtos financeiros também continuam a crescer. Os jovens geralmente não entendem a dinâmica e os encargos de cartões de débito e crédito, financiamentos, serviços bancários, produtos e serviços de investimento e seguros, empréstimos consignados, produtos de aluguel próprio, relatórios de crédito, pontuações de crédito etc.

Segundo Ramon e Trevisan (2019), a EF pode ensinar aos jovens sobre dinheiro, seu valor, como economizar, investir e gastar e como não desperdiçar, questões essas que devem ser ensinadas na escola desde o ensino fundamental. No entanto, em muitos distritos escolares se ensinam finanças pessoais pela primeira e única vez na educação de jovens e adultos.

O cenário deste estudo envolve a importância da educação em finanças pessoais, especialmente na educação de jovens e adultos, que fornece aos alunos o conhecimento e as

habilidades para gerenciar recursos financeiros de forma eficaz para uma vida inteira de bem-estar financeiro.

Atualmente, a abordagem da EF tem ganhado cada vez mais destaque nas escolas, em especial na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem incorporado na sua grade de unidades curriculares uma tratativa específica relacionada a esse tema. Segundo o portal do Ministério da Educação (MEC), a experiência de informar sobre finanças produziu mudanças significativas na vida dos jovens estudantes e de suas famílias e rendeu ao Brasil referência sobre essa modalidade de ensino no relatório *The impact of high school financial education – experimental evidence from Brazil* (O impacto da EF na EJA – a experiência do Brasil, em tradução livre), do Banco Mundial (2021).

Diante da necessidade de mudanças na forma de conduzir a cultura da EF, Kaiser e Menkhoff (2020) mencionam que pesquisas sobre letramento financeiro vêm sendo conduzidas no Brasil desde o ano 2010, por organizações internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), quando destacam a importância de uma abordagem educativa que valoriza a sustentabilidade, a gestão financeira pessoal e a cidadania. Sob essa nova perspectiva, o foco essencialmente técnico e matemático está sendo substituído de modo gradativo.

Segundo informações do Banco Central (2023), entre fevereiro e março, a referida autarquia, em parceria com o Fundo Garantidor de Créditos – FGC, tem realizado avaliações do letramento financeiro e da inclusão financeira de adultos no Brasil. O letramento financeiro busca o desenvolvimento de consciência, conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para a tomada de decisões financeiras conscientes, em prol do bem-estar financeiro de um indivíduo.

Esse é o enfoque desta dissertação, compreender o nível de aceitação e aplicação dos conhecimentos relacionados à EF para os alunos das turmas de EJA na realidade de uma escola pública tomada como referência, a Escola Estadual Três Poderes.

1.1 Apresentação do Tema

No campo da Administração, também se insere a Literacia Financeira, que é competência crítica para os jovens adultos – especialmente quando começam a ingressar na faculdade ou no mercado de trabalho – muitas vezes determinante para a independência financeira parcial ou total, além de aumentar a assertividade da tomada de decisões financeiras (Kistemann & Xisto, 2024).

De acordo com Lusardi (2019), a alfabetização financeira desempenha papel importante na preparação dos alunos para o sucesso em sua vida como um todo. Esse autor reforça que quase 80% dos adultos não possuem essas competências, o que os deixa vulneráveis ao endividamento e a um futuro incerto. Equipá-los com conhecimentos financeiros não é mais opcional – é mandatário para uma vida dinâmica e altamente competitiva no mercado e na sociedade.

Nesse limiar, Kistemann Jr. e Xisto (2024) apontam que a literacia financeira vai além da orçamentação básica e da prevenção de dívidas, ela representa uma força transformadora no ensino em todos os seus ciclos. Ao integrar programas de literacia financeira no currículo, estabelecer parcerias com especialistas do setor e utilizar abordagens baseadas em dados, é possível desbloquear um futuro em que o bem-estar financeiro se torna fator de impacto direto no sucesso dos alunos, especialmente os jovens e adultos.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudante, que é coordenado pela OCDE, oferece oportunidade única de analisar e compreender a literacia financeira de jovens e adultos no mundo todo, inclusive no Brasil, em diferentes ciclos de ensino no mundo. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é a única avaliação representativa em grande escala, em nível nacional, que mede as competências de literacia financeira de jovens de 15 anos de idade (Martins, 2019).

A ampla concepção da literacia financeira tem como marco histórico o ano 2012 e, depois, 2015 e 2018. O ciclo de literacia financeira de 2018 avaliou cerca de 117.000 alunos, isto é, quase 13,5 milhões de jovens, na faixa etária de 15 anos, de 20 sistemas educativos. O quarto ciclo começou no final de 2022 e está sendo conduzido atualmente (Oliveira, 2024).

Até então, evidenciou-se que os jovens e adultos podem ficar comprometidos em termos de conhecimento e oportunidades com a falta de ensino sobre EF nas escolas. No estudo citado por Ergun (2018), buscou-se compreender a vida financeira dos adultos e jovens brasileiros, bem como se revelou que indivíduos entre os 18 e os 24 anos de idade se classificam como os menos confiantes e conhecedores de todos os adultos do Brasil sobre a gestão de dinheiro e as questões financeiras. Esses jovens e adultos devem receber a educação de que necessitam para compreender e gerir o seu dinheiro, a fim de evitar dificuldades financeiras.

Entretanto, pode ser difícil entender o desenvolvimento de jovens e adultos financeiramente capazes quando não se contextualizam o alcance da Administração e a relação com a Gestão. No cotidiano, muitos revelam nunca ter entendido bem como funcionam aspectos básicos de matemática financeira, como os juros compostos ou, mesmo, que não sabem planejar ou encontrar meios de economizar. Pode ser um desafio transmitir conhecimento aos alunos

quando os docentes não se sentirem seguros, experientes e com domínio nos conhecimentos que envolvem as bases da Administração, da Gestão e da Inovação (Lührmann, Serra-Garcia, & Winter, 2018).

As faces do ensino estão mudando, como postulam Da Guia *et al.* (2023), e, nesta pesquisa, compreende-se que o corpo discente de hoje, que é composto por ampla gama de experiências, origens e aspirações, abrange tanto a geração Y quanto a geração Z, sobrecarregadas pelo aumento dos custos de vida em geral e pela ansiedade provocada pelo endividamento dos estudantes. Tudo isso faz que muitos alunos priorizem a praticidade e preparação para a carreira. Não se concebe mais uma comunidade estudantil homogênea focada apenas no conhecimento teórico. Essa mudança exige abordagem proativa por parte das instituições e que se reconheça a evolução das necessidades e expectativas dos alunos modernos.

O foco desta dissertação é na EJA, modalidade de ensino voltada a pessoas que não tiveram acesso ou não conseguiram dar continuidade ao ensino fundamental e médio na faixa etária correspondente. O cenário que provoca o estudo proposto é que, entre os anos 2022 e 2023, mesmo diante do cenário em que o Brasil ainda tenha aproximadamente 13 milhões de pessoas analfabetas, Oliveira (2024) assinala que os sistemas educacionais têm oferecido maiores oportunidades educacionais. Desse modo, essas pessoas que na idade regular/esperada foram privadas, por razões diversas, dos conhecimentos formais definidos pela escola passam a ter seu direito à educação assistido e garantido.

Segundo Viana, Silva e Rufino (2023), para compreender o alcance da EJA, é preciso analisar que, muitas vezes, os termos educação de adultos, educação popular, educação não formal e educação comunitária são usados como sinônimos, embora não o sejam. A educação de adultos e a educação não formal fazem parte da mesma área disciplinar, teórica e prática da educação.

“Contudo, temos assistido à popularização do termo educação de adultos, especialmente em organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2009), para se referir a uma área especializada da educação. (...) A história mostra-nos, por exemplo, que os analfabetos eram proibidos de exercer o direito de voto porque não pertenciam ao mundo das letras, porque eram vistos como “incapazes” de exercer a sua cidadania e a democracia. Consequentemente, não participaram de decisões importantes para a construção da história do seu próprio país. Parte dos alunos da EJA (agricultores, pedreiros, auxiliares de serviço, vendedores, empregadas domésticas, babás, entre outros) trabalha durante o dia e estuda à noite. Devido à intensa jornada de trabalho, o cansaço pode ser um agravante

para o fracasso ou o abandono escolar, e muitos estudantes são novamente excluídos do processo educativo. Nesse sentido, há exigência maior quanto ao comprometimento do professor com o planejamento da aula. Portanto, é importante que as atividades sejam significativas e direcionadas às necessidades dos alunos, pois a maioria carrega grande bagagem de vida (p. 124)”.

E a EF surge como pedra angular na resposta a um estilo de vida em sociedade e amplo envolvimento das questões que envolvem o cotidiano, que vai desde a entender a economia do país, seus reflexos na dinâmica do mercado, a preocupação profunda sobre empréstimos e gestão de dívidas, alcançando o consumo racional e inteligente, a gestão da vida diária, a tomada de decisões financeiras e de planejamento de modo mais consciente (Garg & Singh, 2018).

Nascimento e Strohschoen (2023) relatam que muitos alunos da EJA anseiam não apenas pela perspicácia e desenvoltura na vida, mas também pelas ferramentas para navegar em um cenário financeiro complexo. O ensino das habilidades orçamentárias e a conscientização sobre empréstimos e conhecimentos sobre investimentos capacitam esses alunos a se tornarem consumidores responsáveis e participantes ativos da força de trabalho. Essa estratégia se traduz na redução das taxas de endividamento, promovendo a estabilidade financeira individual e apoiando a viabilidade de longo prazo dos projetos e da saúde financeira das pessoas.

Muitos, na esfera educacional, provavelmente são vítimas da falta de EF. É relatado que um em cada cinco professores de EF não está confiante em ensinar o tema, desde a sua inclusão legal no novo currículo nacional em 2014. No entanto, ensinar capacidade financeira e competências de empregabilidade é fundamental para melhorar a mobilidade social, pois, com a lacuna nas capacidades financeiras dos jovens, tem-se uma ligação preocupante entre a confiança na gestão do dinheiro e os hábitos financeiros negativos (Hurtado & Freitas, 2020).

Segundo Paula (2022), a maioria dos professores entende essa situação e querem que seus alunos saiam da escola sabendo o que é uma conta bancária e por que o orçamento é importante. Acreditam que é preciso tornar a EF mais palatável para os professores que lutam para encaixá-la no seu ensino. No âmbito da EJA, é também necessário tornar o conteúdo mais interativo, dinâmico, com oportunidades de aprendizagem experiencial. A escola é um bom lugar para iniciar esse aprendizado, amparando-se em muitas ferramentas e vídeos para ajudar a orientar os alunos com orçamentos e priorização de gastos. Podem-se acessar esses recursos nas aulas e explorar como integrá-los ao cotidiano vivenciado.

Rodrigues (2020) postula que a gestão do dinheiro pode ser abordada de vários ângulos, desde a aprendizagem baseada em objetos na história até o câmbio de moeda ou o consumo de

comércio justo na geografia, chegando à criatividade, a investimentos e ao empreendedorismo no futuro. É necessário conversar com os colegas sobre maneiras pelas quais a escola pode incluir a EF nas aulas, além de negócios, matemática, entre outros.

Muitos questionam o porquê não dar vida à EF para os alunos e solicitar que parceiros das escolas entrem e forneçam conhecimentos e experiências extras, para atender às necessidades da EF. É preciso contar com a participação de especialistas da EF na escola para tornar qualquer provisão uma realidade. Inscrever o ensino de EF no currículo não é suficiente, pois são as pessoas, e não a política, que fazem que isso aconteça. É preciso refletir o porquê não considerar nomear um professor especializado de EF na escola para realmente apoiar essa filosofia (Paula, 2022).

No Brasil, Barbosa (2020) reforça que o momento é propício para a EF no mundo político. Está em curso uma consulta para tornar a EF obrigatória em todas as escolas, com o “E” de “Econômico” contendo oportunidades para EF. Isso deverá reforçar o trabalho realizado para incluir a EF no currículo de todos os estudantes de escolas públicas nos domínios da matemática e da cidadania. Esse autor defende que, nos países desenvolvidos, a empregabilidade e a EF são partes fundamentais da aprendizagem dos alunos como parte do currículo.

Além disso, há esforço em tornar a EF na EJA prioridade crítica e estratégica, incluindo descobrir o que realmente funciona e realizar um inquérito para compreender o que as escolas já estão a fazer, em que aulas e quais são as barreiras para fazer mais. A maioria das pessoas questiona a EF no âmbito das escolas públicas. No entanto, percebe-se que elas não têm sido o maior beneficiário dos projetos que integram o ensino integrativo de EF (Melo, 2019).

1.2 Problema e questão central de pesquisa

Quando se fala em saúde financeira, especialmente considerando a EJA, tem-se como referência a base para alcançar os objetivos e, para navegar no cenário financeiro, é importante ser alfabetizado financeiramente. Seja na gestão financeira pessoal cotidiana, seja gerindo as finanças em longo prazo, atingir seus objetivos envolve entender assuntos básicos em relação ao dinheiro e o que este pode fazer. Quanto mais as pessoas entenderem os elementos pertinentes à gestão do dinheiro, incluindo sua renda, dívida, crédito e despesas e como eles influenciam uns aos outros, melhores decisões financeiras elas poderão tomar (Harmuch, 2017).

Ramalho e Forte (2019) afirmam que a alfabetização financeira é a compreensão cognitiva dos componentes e habilidades financeiras, como orçamento, investimento, empréstimos, tributação e gestão financeira pessoal.

De acordo com Sodré (2018), iniciativas de EF ajudam os indivíduos a desenvolver seu conhecimento financeiro para que se possam tomar as decisões financeiras que levam aos resultados financeiros. Esse autor menciona o relatório global, S &P Ratings Services Global Financial Literacy Survey, em que o Brasil ocupa a 74ª posição, ficando depois de alguns dos países mais pobres do mundo, como Madagascar, Togo e Zimbábue.

No ano 2010, o Decreto Presidencial nº 7.397 estabeleceu a Estratégia Nacional de EF (ENEF) e, a partir de então, os programas de EF passaram para mais de 2.000, contemplando sua adoção no sistema nacional de ensino público (Hartmann, Mariani, & Maltempo, 2021).

Importante considerar aqui que a EF pode contar com uma abordagem mediante atividades didáticas de Matemática com propostas que ofereçam a oportunidade de suscitar o reflexo mediante exercícios matemáticos e não matemáticos que envolvem a vida cotidiana dos alunos. Nesse limiar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica a necessidade de tratativa contextualizada de assuntos importantes na sociedade contemporânea, entre os quais está a EF (Ramalho & Forte, 2019).

Parte-se da premissa de que é essencial, para tomar decisões financeiras responsáveis e influenciar se as pessoas controlam seu dinheiro ou se é o dinheiro que está no controle da vida delas, que a EF seja trabalhada desde as crianças, adolescentes e até os adultos no contexto escolar. Porém, dada a importância da gestão financeira, a crescente complexidade dos ambientes financeiro e social é preciso contar com esforços para as escolas trabalharem desde o ensino fundamental 1 e 2, pois a EF impacta diretamente outras áreas da vida das pessoas e nunca foi tão importante ser alfabetizado financeiramente.

Segundo Sodré (2018), a educação em finanças pessoais deve começar cedo em casa e na escola. Idealmente, os termos e conceitos de finanças pessoais precisam ser ensinados nos ensinos fundamental e médio e devem continuar na faculdade.

Este estudo se concentra no contexto da EJA e na forma como a escola da rede pública trabalha a EF no planejamento financeiro pessoal para ensinar aos jovens e adultos sobre dinheiro, seu valor e como poupar, investir e gastar e como não perder dinheiro. Existem ações e propostas diferentes de ensino para a educação em finanças pessoais na EJA, para que se possa fornecer aos alunos o conhecimento e habilidades para eles gerenciarem recursos financeiros de forma eficaz para uma vida inteira de bem-estar financeiro.

Considerando a proposta de trabalho da EJA, Santos (2018) reforça que a EF é uma competência de vida importante para os jovens adultos, porque lhes confere o conhecimento e as ferramentas necessárias para tomar decisões financeiras informadas, evitar dívidas, construir ativos e se tornarem mais resilientes.

Contudo, pouco se sabe como as aulas devem ser conduzidas para ajudar a preencher a lacuna de oportunidades que existem em comunidades desfavorecidas e dar aos jovens e adultos a confiança necessária para gerirem suas finanças e tomarem decisões financeiras sólidas. É preciso saber o que fazer para que os alunos possam compreender conceitos financeiros como poupança, investimento e dívida. Os jovens adultos podem estabelecer um sentimento de controle sobre as suas finanças, ao mesmo tempo em que utilizam o dinheiro como ferramenta para fazer escolhas livremente que conduzam à maior satisfação com a vida (Carvalho & Scholz, 2019).

Nesse sentido é que se busca responder: “Como o ensino da Educação Financeira, no contexto da EJA, pode desenvolver nos alunos um comportamento de autogestão em suas finanças?”

1.3 Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral e objetivos específicos os seguintes:

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é analisar como o ensino da Educação Financeira, no contexto da EJA, pode contribuir para o desenvolvimento de um comportamento de autogestão financeira entre os alunos, na perspectiva dos mesmos e dos professores da Escola Estadual Três Poderes.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Descrever a percepção dos alunos no que concerne ao conteúdo dado nas aulas de Educação Financeira.
- Descrever a percepção dos professores sobre o que é explorado nas aulas em relação à Educação Financeira para os alunos da EJA da E.E. Três Poderes.
- Comparar e analisar o que é percebido por alunos e professores sobre o que é ensinado nas aulas de Educação Financeira na EJA, os pontos fortes e fracos.

1.4 Justificativa

A implementação de EF na EJA, especificamente na Escola Estadual Três Poderes, apresenta relevância nos níveis acadêmico, organizacional e social, sendo imprescindível para o desenvolvimento educacional, a eficácia organizacional e o bem-estar da comunidade. Esta pesquisa vai em busca do preenchimento de uma lacuna importante no campo da Administração, com foco específico na Organização e Estratégia. Observou-se a falta de estudos que explorem em que situação se encontra a integração da EF no Novo Ensino Médio e seu impacto na EF para a formação dos alunos das escolas estaduais, em especial na Escola Estadual Três Poderes, no âmbito da EJA.

Para as escolas em geral, especialmente as públicas, esta pesquisa pode contribuir com as estratégias e os programas de EF, para testar novas abordagens e aumentar a disponibilidade de intervenções que funcionam. Além de ser um exemplo de como realizar e promover pesquisas para melhorar a compreensão das necessidades de EF de jovens e adultos alinhados ao seu bem-estar financeiro. Pode-se ter uma base de informação para gerir e contribuir para redes que apoiam o desenvolvimento de ferramentas de EF e partilha de boas práticas (Philippas & Avdoulas, 2021).

Os professores da EJA, por meio dos resultados alcançados no estudo aqui delineado, podem aprimorar suas aulas e explorar os aspectos e conteúdo da EF, de modo a melhorar os currículos ou até abranger conteúdo extracurricular. Trata-se de um dos indicativos para trabalhar nas salas de aula, numa diversificação de assuntos que dão sustentação ao currículo de matemática, com exemplos relevantes para a vida dos alunos, que pode ser incorporado em tópicos de desenvolvimento pessoal, saúde e bem-estar e cidadania. A EF aumenta o bem-estar financeiro e prepara os alunos para entender e gerenciar seus rendimentos como adultos (Nascimento & Strohschoen, 2023).

Segundo Kaiser e Menkhoff (2020), ao analisar os efeitos da implementação de programas de EF na escola objeto do estudo de caso, busca-se saber em qual situação se encontra o desenvolvimento dos alunos em três dimensões fundamentais, como: conhecimento financeiro, comportamento econômico e habilidades de gestão financeira.

1.4.1 Nível Organizacional

A pesquisa aqui proposta é financiada pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), demonstrando o compromisso da SEE-MG em promover educação de

qualidade e adaptada às necessidades dos alunos, especialmente na modalidade da EJA. A implementação de programas de EF na Escola Estadual Três Poderes, em parceria com a SEE-MG, destaca a importância atribuída pela referida Secretaria ao desenvolvimento das habilidades financeiras dos alunos como parte integrante de sua formação educacional, como destacado por Melo (2019).

Ao conduzir esta pesquisa, em colaboração com a SEE-MG, buscou-se fornecer informações valiosas sobre o impacto desses programas na Escola Estadual Três Poderes. Os resultados deste estudo têm o potencial de orientar políticas educacionais futuras da SEE-MG, contribuindo para o fortalecimento dos currículos escolares e aprimoramento das práticas pedagógicas em todo o estado, como visto em Luz, Ayres e Melo (2019). Ao demonstrar os benefícios tangíveis da EF, tanto para os alunos quanto para o sistema educacional como um todo, a SEE-MG reafirma seu compromisso com a promoção de uma educação de qualidade e o desenvolvimento integral dos estudantes em Minas Gerais.

1.4.2 Nível Social

A pesquisa proposta sobre o impacto da implementação de programas de EF na Escola Estadual Três Poderes, no contexto da EJA, é crucial do ponto de vista social. É uma demonstração sobre o quanto aprender sobre dinheiro pode mudar a vida dos alunos que sempre tiveram dificuldades financeiras, especialmente para aqueles que estão voltando à escola para concluir seus estudos (Philippas & Avdoulas, 2021).

Falar sobre a EF no escopo da EJA, de acordo com Santos (2018), centra-se como tema relevante para o país, os professores e os alunos, porque ser alfabetizado financeiramente permite que o indivíduo esteja mais bem preparado para superar obstáculos financeiros específicos, o que, por sua vez, diminui as chances de dificuldades econômicas pessoais. Tem-se, portanto, mais uma fonte de pesquisa sobre como alcançar a alfabetização financeira, tal como questão crucial na sociedade devido às facetas cotidianas da vida, como empréstimos estudantis, financiamentos, cartões de crédito, investimentos e seguro de saúde (Garg & Singh, 2018).

Ao abordar essa questão, reconhece-se que muitos alunos da EJA podem ter sido privados do acesso à EF ao longo de suas vidas. O interesse e a relevância da pesquisa residem também em descobrir como os programas de EF podem ajudar esses alunos a entenderem melhor suas finanças, a fazerem escolhas mais inteligentes com o dinheiro e a planejarem o futuro financeiro mais seguro para si e suas famílias (Santos, 2018).

Além disso, como reforçam Ribeiro, Rizzo e Scarausi (2020), ao promover a EF entre os alunos da EJA, está-se contribuindo para a redução das desigualdades sociais e econômicas. Podem ser dados a esses alunos as ferramentas para enfrentarem os desafios financeiros do dia a dia e participarem mais ativamente da economia. Isso não só ajuda esses alunos individualmente, mas também pode gerar impactos positivos em suas comunidades e na sociedade em geral.

Vale também destacar que a relação entre a EF na EJA e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é uma conexão significativa que busca promover a inclusão, a redução de desigualdades e a sustentabilidade econômica. A EF para alunos da EJA pode contribuir para diversos ODS, ajudando a alcançar objetivos globais de desenvolvimento sustentável.

Lembrando que os ODS foram adotados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015 como parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, Valentim e Rodrigues (2020) descrevem os referidos objetivos interligados que abordam questões como pobreza, desigualdade, educação, clima e crescimento econômico. A relação entre a EF na EJA e os ODS é determinante para o alcance de uma sociedade mais justa e sustentável.

A pesquisa tem justificativa econômica que vai além dos números e gráficos. Está-se investigando o nível atual da EF na perspectiva de professores e alunos, sem a intenção de capacitação direta. Ao examinar o conhecimento financeiro dos alunos, busca-se compreender suas necessidades e desafios específicos em relação às finanças pessoais. Isso nos permite identificar áreas de melhoria e desenvolver estratégias futuras para fortalecer sua EF.

A pesquisa também permite entender melhor o comportamento econômico dos alunos e suas habilidades de gestão financeira. Essas evidências podem fornecer informações de peso sobre como os alunos lidam com questões financeiras do dia a dia e onde podem ser necessárias intervenções adicionais para melhorar sua capacidade de gerenciar efetivamente suas finanças. Tem-se o comprometimento de fornecer indicativos que possam direcionar políticas educacionais futuras e, assim, estimular a estabilidade financeira de todos os alunos envolvidos.

Para a sociedade como um todo, especialmente no Brasil, a realização deste estudo desponta como mais uma via de informação e orientação em como se pode melhorar a oferta de EF especialmente para os alunos da EJA. Pode também ser referência complementar para amparar o desenvolvimento e o acesso a instrumentos e recursos de conhecimento da EF (Philippas & Avdoulas, 2021).

Para os alunos da EJA, mais do que uma oportunidade de reforçar a importância da EF para a vida cotidiana, é uma forma de dar retorno sobre o que é ensinado a eles na escola. Os

estudantes podem trabalhar as suas decisões, atitudes em relação ao dinheiro e, por meio de suas percepções acerca do conteúdo dado em salas de aula, refletir a respeito do aprendizado sobre o universo do dinheiro em seu ensino. Os alunos podem indicar como a EF pode ser bastante eficaz, alinhando-se a uma oportunidade para o jovem colocá-la em prática (Melo, 2019).

Como em outras áreas de aprendizagem, Schotten *et al.* (2020) reforçam a relevância do tema quando assinalam que a EF na escola precisa ser mais bem-sucedida quando a comunidade também estiver engajada. Na EJA, os alunos podem se envolver em atividades experimentais de aprendizado financeiro ou desenvolver o que foi aprendido em casa.

Sabe-se que esta pesquisa não é a única fonte de referência para estudo, mas constitui-se como mais uma base para a análise sobre a EF, que precisa ser mais bem explorada nas escolas, contribuindo para que o indivíduo alcance estabilidade financeira prolongada. Pode-se, assim, auxiliar a comunidade a atuar em conjunto para fomentar a habilidade que gera uma variedade de benefícios que podem melhorar seu padrão de vida, mediante o aumento da estabilidade financeira.

1.5 Adequação à linha de pesquisa

A investigação da percepção que professores e alunos têm da EF na Escola Estadual Três Poderes, dentro do contexto da EJA, é de extrema importância na área de “Estratégia, Inovação e Competitividade” na Administração. O olhar é lançado para além dos números e relatórios, para compreender verdadeiramente as histórias e desafios individuais que cada aluno enfrenta em relação ao seu conhecimento financeiro, comportamento econômico e habilidades de gestão financeira.

Ao centrar os esforços em saber como a falta de acesso à EF implicou as vidas dos alunos e propor algum meio de ajudá-los a construir um futuro financeiro mais seguro e estável para si mesmos e suas famílias, esses estudantes podem desenvolver estratégias futuras que promovam a inovação e a competitividade.

Como ressaltam Kaiser e Menkhoff (2020), a alfabetização financeira é uma habilidade essencial para tomar decisões financeiras inteligentes, compreender o mundo e ser um bom cidadão. As mudanças no sistema de seguros e previdências, a crescente complexidade dos instrumentos financeiros (incluindo novos ativos, como os criptoativos), a inflação e o aumento dos riscos (da guerra na Ucrânia às alterações climáticas) são algumas das razões que denotam a necessidade cada vez mais urgente de os indivíduos terem o conhecimento e as habilidades

que aumentarão sua resiliência financeira e seu bem-estar. A recomendação da OCDE sobre EF, adotada em 2020, reconheceu o bem-estar financeiro como o objetivo final da literacia financeira.

Apesar dessa urgência, Kistemann Jr. e Xisto (2024) afirmam que a EF não só é generalizada na população, como também é particularmente aguda em alguns subgrupos demográficos que já são financeiramente vulneráveis, como as mulheres e as pessoas com baixos rendimentos e baixos níveis de escolaridade. A EF também é baixa entre os estudantes do ensino secundário, indicando que a próxima geração de adultos está mal equipada para enfrentar os desafios e mudanças que os aguardam.

Até então, diversos estudos foram realizados buscando desde a medição da EF até a avaliação da eficácia dos programas de EF, passando pela avaliação da ligação da gestão pessoal de finanças, envolvendo o comportamento e impacto da literacia financeira nos indivíduos e na macroeconomia. No entanto, focar a percepção dos alunos e docentes da Escola Estadual Três Poderes, dentro do contexto da EJA, pode tornar esta pesquisa mais rigorosa, para promover o conhecimento e informar políticas e programas.

Podem ser trazidos ao cenário da Administração, Gestão e Inovação esses temas que estão no centro da investigação acadêmica, desde os efeitos da EF na escola em questão e no local de trabalho até a importância da literacia financeira para a macroeconomia. Devem-se abranger também a inclusão financeira e a forma como a EF pode promover a utilização de instrumentos financeiros básicos, como contas bancárias. Não obstante, esse tema contempla a tomada de decisões financeiras no campo de instrumentos complexos, como empréstimos, mecanismos de financiamentos diversos, investimentos, previdência, entre outros.

2 AMBIÊNCIA DE PESQUISA

2.1 Caracterização da Unidade Escolar

A Escola Estadual Três Poderes (Figura 1), pertencente à Superintendência Regional de Ensino – Metropolitana C, está localizada na Avenida Portugal, 4095, Bairro Itapoã (zona urbana), no município de Belo Horizonte, CEP 31.710-400, tendo como contato o telefone (31) 3441-4067 e o e-mail: escola.2402@educacao.mg.gov.br. Essa escola é inscrita no CNPJ 19.907.112/0001-59, tendo como código do INEP 31002402 (Proposta Político- Pedagógica, PPP, 2022).

Figura 1

Visão externa da Escola Estadual Três Poderes



Fonte: PPP da Escola Estadual Três Poderes (2022).

Segundo o PPP (2022), as etapas e modalidades de ensino ofertadas pela unidade escolar agrupa o Ensino Fundamental – Anos Finais, o Ensino Médio Regular, a Educação de Jovens e Adultos (Médio), a Educação Profissional, o Marketing e a Logística. Para essas modalidades de ensino, há um total de 1.450 matrículas, sendo no ENSINO FUNDAMENTAL 146; no ENSINO MÉDIO REGULAR, 723 (manhã), 290 (tarde) e 98 (noite); ENSINO MÉDIO EJA, 90 (à noite); LOGÍSTICA, 22; e MARKETING, oito alunos.

2.2 Identificação histórica

De acordo com o PPP (2022), em uma região de grandes chácaras, atividade de pecuária de corte, córregos e mata nativa, em que a família Gianetti era proprietária de terras na região

– Américo Renée Gianetti, prefeito da capital mineira, cedeu terrenos a inúmeros empreendimentos, como o Parque Lagoa do Nado. A área do parque fazia parte de um antigo entreposto usado por tropeiros, que no início do século XIX era tido como ponto estratégico para as paradas, por causa do riacho Córrego do Nado, que anos mais tarde seria mantido como manancial de recarga natural na planta original da capital, traçada por Aarão Reis. As moradias urbanas foram proporcionadas pela construção do conjunto Habitacional dos Contabilistas, na década de 1970.

O único grupo escolar do Bairro Itapoã funcionava nas instalações atuais do Centro Espírita Paulo de Tarso, devido ao Decreto nº 7845, de 2 de setembro de 1964, que transforma em grupo escolar, com a denominação de “Três Poderes”, as escolas combinadas anexas ao “Solar da Criança Cristã”, do quadro b da capital, a unidade passa a funcionar em local próprio e já contava com 150 alunos matriculados.

2.3 Aspectos legais da instituição

O PPP (2022) ainda traz os aspectos legais que originou o ambiente:

- Decreto 7845 – Transforma em Escola Estadual Três Poderes as Escolas Combinadas Anexas ao Solar da Criança Cristã, em 02/09/1964.
- Resolução 252/73 – Autorização para funcionamento de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental.
- Resolução 1206/75 – Autorização para o funcionamento de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental.
- Em 1982, tornando-se polo da 5ª à 8ª série, foram extintas as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Decreto 23396 – Implantação do Ensino Médio com funcionamento a partir de 1984; e Portaria SEE 747/90.
- Resolução SEE nº 2197/2012 – Dispõe sobre a organização e funcionamento do ensino nas Escolas Estaduais de Educação Básica de Minas Gerais, instituindo o Ensino Fundamental com duração de nove anos e o Ensino Médio com duração de três anos.
- Resolução nº 444/2001 – Regulamenta, para o Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais, a EJA.

2.4 Estrutura física

De acordo com o PPP (2022) são, no total, 27 salas de aula, entre elas 21 salas em uso para aulas regulares, 01 para sala de vídeo (com TV e computador), 01 para Laboratório de Informática, 01 de Linguagens, 01 de Matemática e suas Tecnologias, 01 de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e 01 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Um auditório/teatro com palco e coxia, 01 biblioteca com banheiros, 01 Secretaria de Alunos com banheiro unissex e depósito de arquivos, 01 Secretaria de Recursos Humanos, 01 cantina com refeitório e despensa, 01 Sala de Professores com cozinha e banheiros masculinos e femininos, 01 sala de Educação Física, 01 sala de jogos, duas quadras poliesportivas cobertas, uma delas com palco e ambas com arquibancadas, 01 quadra de peteca descoberta, 02 vestiários de funcionários, 03 banheiros de alunos, 01 sala para a Secretaria Escolar, 01 Sala da Direção com banheiro unissex, 01 Sala da Vice Direção, 01 Sala de Supervisão, 02 Laboratórios de Ciências, 02 depósitos para produtos de consumo, 02 garagens de funcionários e 01 sala de leilão. É necessário citar que ainda existe uma moradia particular nas instalações da escola, do período em que existia o cargo de zelador, habitada por uma senhora idosa irmã da falecida zeladora e sua curadora.

2.5 Perfil dos alunos

O PPP (2022) ainda menciona que a escola atende a um público desde crianças (11 anos, 11 meses e 29 dias de idade) adolescentes entre 12 e 16 anos de idade no Ensino Fundamental Anos Finais; 15 a 19 anos de idade no Ensino Médio Regular e faixa etária diversificada na EJA (EJA), que se destina àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos Ensinos Fundamental e Médio na idade adequada.

A matrícula de alunos com deficiência obedece à Resolução do CNE/CEB nº 2/2001, a qual define as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, determina que as escolas do ensino regular devam matricular todos os alunos em suas classes comuns, com os apoios necessários.

Os alunos oriundos do sistema socioeducativo também têm matrícula compulsória de acordo com a RESOLUÇÃO CONJUNTA SEE/SEJUSP/Nº 09, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2021, que estabelece as normas conjuntas e as diretrizes para o processo de escolarização dos adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa no Estado de Minas Gerais e

em cumprimento de medida socioeducativa de internação, internação provisória, semiliberdade e egressos das referidas medidas.

2.6 Perfil dos professores, da direção e dos demais servidores da escola

Os Auxiliares de Serviços de Educação Básica (ASB) e Assistentes Técnicos de Educação Básica (ATB) têm formação mínima, exigida pela legislação, de ensino fundamental incompleto e ensino médio completo, respectivamente. Porém, alguns profissionais possuem nível de escolaridade superior ao exigido à investidura no cargo.

Os Professores da Educação Básica (PEB) possuem, em sua totalidade, formação superior na área de atuação e um quantitativo expressivo (mais de 60% possuem especialização *Lato sensu*) e dois professores estão cursando pós-graduação *Stricto sensu* (mestrado) na área da Administração, com ênfase em Gestão Pública e Gestão da Inovação, além dos cursos de curta duração e capacitações oferecidos pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), Ministério da Educação (MEC), Fundação Dom Cabral, órgãos filantrópicos e Secretarias de Ensino do Brasil e do mundo.

2.7 Inclusão, Diversidade e cultura na aprendizagem

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9394/96, em seu artigo 26:

“Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”

A EJA, em seu artigo 37, será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

Assim sendo, dentro da filosofia escolar, o processo ensino-aprendizagem tem ênfase prioritária e assume compromisso de formação de seres humanos aliado à transformação da sociedade, respeitando a diversidade cultural presente na escola. Visa à construção de uma proposta pedagógica fundamentada em ações interdisciplinares que articulem o conhecimento científico e os saberes locais dos sujeitos, propondo aprendizagem significativa para todos.

Nesse contexto, os componentes curriculares integram-se, compondo uma política educacional interativa, que prevê uma relação multidisciplinar na forma de parcerias com a comunidade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo resume os principais termos e conceitos em relação à alfabetização ou à EF, de modo a expor a origem e evolução da EF e a importância da EF para a população. Também é lançado um olhar sobre o ensino da EF nas escolas como elemento que pode ser determinante para maior conhecimento sobre a gestão financeira pessoal.

3.1 Alfabetização e Educação Financeira

3.1.1 Conceitos diferenciadores

A alfabetização é abordada por Martins (2019) como habilidade permanentemente desenvolvida dos indivíduos para usar sistemas de símbolos socialmente organizados para receber, compreender, criar e utilizar textos para a vida na família, na escola, no trabalho e na sociedade.

Domingos (2018) reforça que as bases da alfabetização são a leitura, a escrita e o cálculo, tal como habilidades na moderna sociedade. A alfabetização é o conhecimento associado à habilidade, equiparada a uma condição basilar para um crescimento pessoal estável e criativo e atuação responsável na vida profissional e social.

A internet, a tecnologia moderna e a digitalização mudaram a natureza, a frequência e o significado da escrita. Para uma atuação bem-sucedida na sociedade que enfrenta problemas econômicos, tecnológicos, sociais e culturais globais, muda também o desenvolvimento de outras formas de alfabetização, o qual pode ser explorado por mecanismos informacional, digital e de multimídia (Ramon & Trevisan, 2019).

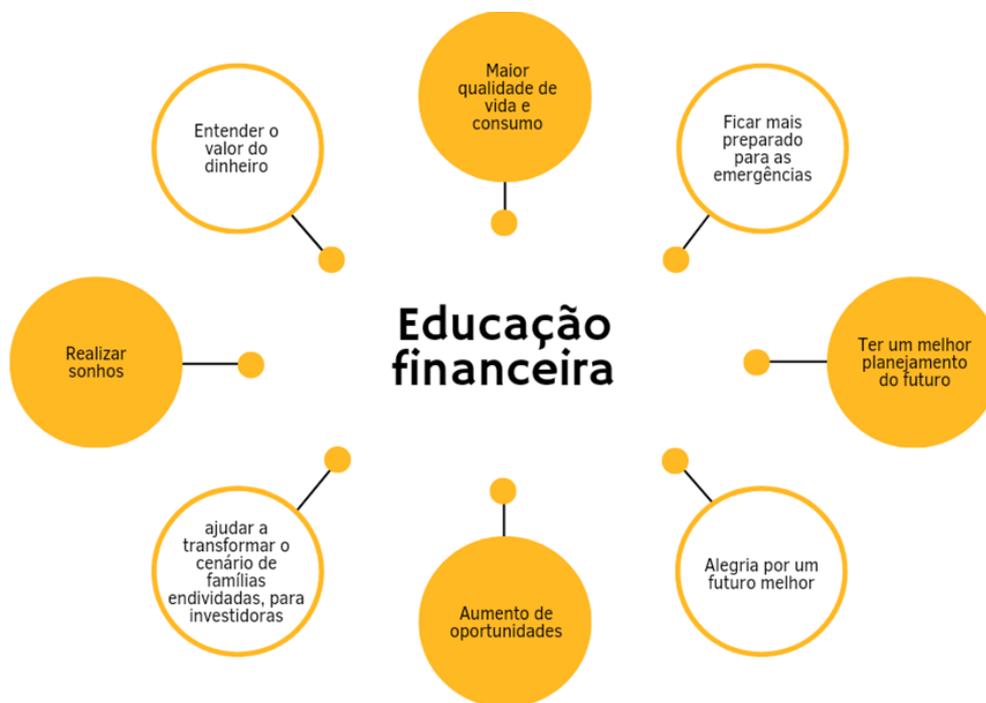
Segundo Martins (2019), a alfabetização financeira abrange a alfabetização básica e, conseqüentemente, a leitura e a alfabetização matemática são simultaneamente a sua atualização, porque requer mais conhecimentos e habilidades especificamente no campo financeiro. Os princípios da alfabetização geral são válidos e envolvem a compreensão e habilidade de usar dados financeiros na tomada de decisões.

Sendo assim, Ergun (2018) reforça que a alfabetização financeira não apresenta um tipo separado de alfabetização, mas como um elo entre leitura geral e alfabetização matemática e

outros conhecimentos e habilidades básicas e outros assuntos financeiros, reverberando para as áreas indicadas na Figura 2.

Figura 2

Reflexos da Educação Financeira na vida do indivíduo



Fonte: Carvalho e Scholz, 2019.

A alfabetização financeira é também expressa como informações sobre finanças, tendências financeiras e como a capacidade de entender ou, por assim dizer, o domínio acerca dos produtos, noções e riscos financeiros.

Teixeira (2015) amplia o conhecimento acerca da alfabetização financeira como uma combinação de estar consciente de conhecimentos, habilidades e comportamentos esperados para uma decisão financeira adequada para alcançar seus próprios meios de equilíbrio financeiro. Esse autor sustenta que aqueles que são alfabetizados em finanças são por aqueles que têm alfabetização matemática, podem gerir efetivamente o dinheiro e sabem como administrar créditos e dívidas. Eles são capazes de avaliar a necessidade de seguro e proteção, sabem como analisar diferentes tipos de riscos e reembolsos que estão ligados a possibilidades distintas de poupança em dinheiro e outros investimentos. São contemplados critérios éticos, sociais, políticos e ambientais nas dimensões de finanças.

Martins (2019) enfatiza os pontos de vista cognitivos para a alfabetização financeira que abarcam conhecimento, educação e informações sobre diferentes áreas financeiras, no tocante a como gerenciar dinheiro, enquanto Santos (2012) realça em relação aos bancos, depósitos,

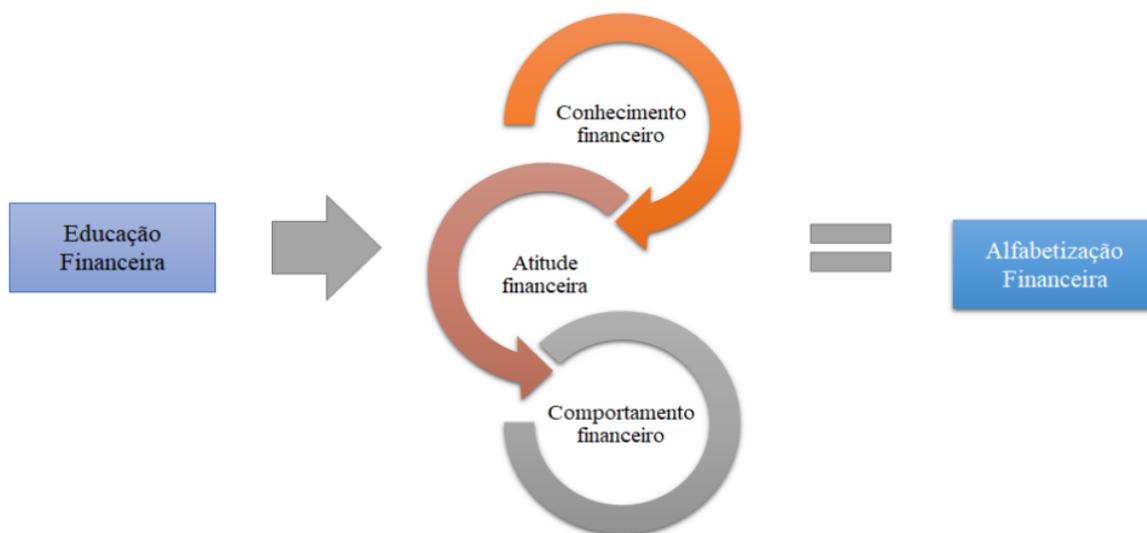
créditos, seguros e impostos, bem como tem o entendimento dos conceitos básicos de como administrar o dinheiro e outros meios.

No entanto, o analfabetismo financeiro se manifesta por meio de indicadores de instabilidade financeira, como: passivos pesados, pouca poupança, mau planejamento para o futuro (por exemplo, para despesas previstas consideráveis, economias de precaução para eventual deterioração imprevista da situação financeira, poupança de reforma) e não a prática ideal de investimento (Ramon & Trevisan, 2019).

A diferenciação entre EF e alfabetização financeira (Figura 3) é importante porque cada termo tem conotações e focos ligeiramente diferentes, embora ambos estejam ligados ao desenvolvimento de habilidades e conhecimento para lidar com questões financeiras. Paula (2022) relaciona que a alfabetização financeira diz respeito ao conhecimento básico e à compreensão de conceitos financeiros fundamentais. Contempla habilidades básicas, como o entendimento do uso do dinheiro, o funcionamento das instituições financeiras, a importância da poupança e noções elementares de crédito e dívidas.

Figura 3

Representação da associação entre Educação Financeira, conhecimento financeiro e alfabetização financeira



Fonte: Adaptado de Luz, Ayres e Melo, 2019.

De acordo com Silva (2022), a alfabetização financeira também implica a capacidade de ler e interpretar informações financeiras, como extratos bancários, taxas de juros e contratos de empréstimo. Está mais voltada para a compreensão superficial ou de nível básico, visando fornecer as habilidades essenciais para navegar nas situações financeiras cotidianas.

A EF, portanto, indica não apenas o conhecimento básico de finanças, mas também

habilidades práticas, valores, atitudes e comportamentos relacionados ao uso do dinheiro. Vai além dos conceitos elementares para incluir planejamento financeiro, investimento, aposentadoria, gerenciamento de riscos, empreendedorismo e aspectos mais complexos do sistema financeiro (Hurtado & Freitas, 2020).

Cherobim (2020) assinala que a EF também implica um componente educacional mais formal e estruturado, com foco em ensinar as pessoas a tomar decisões financeiras informadas e planejadas em longo prazo. Alfabetização financeira é um ponto de partida para EF, mas a EF exige um nível de envolvimento e compreensão mais profundos.

Segundo Souza (2012), a alfabetização financeira geralmente lida com questões básicas de finanças pessoais, enquanto a EF pode incluir assuntos como investimentos, planejamento de carreira e planejamento para a aposentadoria. A alfabetização financeira pode ser vista como a base para uma sociedade capaz de lidar com questões financeiras do dia a dia. A EF visa criar cidadãos que entendam as finanças de maneira mais abrangente e podem construir riqueza, investir com sabedoria e compreender a economia em um contexto mais amplo.

Ao distinguir entre esses conceitos, é possível desenvolver estratégias educativas mais eficazes, focadas no nível de conhecimento e necessidades específicas de diferentes grupos. A alfabetização financeira pode ser adequada para iniciantes ou jovens, enquanto a EF pode ser mais relevante para adultos, profissionais ou pessoas interessadas em aprofundar seu conhecimento financeiro (Barbosa, 2021).

Compreende-se, portanto, que a alfabetização financeira é o domínio dos conceitos relacionados a finanças pessoais, incluindo poupança, investimento e dívida, o que leva a uma sensação geral de bem-estar financeiro e autoconfiança.

3.1.2 Origem e evolução da Educação Financeira

A EF na América Latina tem história tão antiga quanto os próprios países. Seus primeiros anos, no entanto, foram inteiramente informais. As escolas não ofereciam aulas de finanças pessoais e não existiam profissões que hoje fornecem alfabetização financeira para as pessoas em geral (Accorsi *et al.*, 2018).

Durante esse período, dicas sobre gerenciamento de dinheiro podem ter vindo dos pais, amigos ou mentores profissionais. Um dos primeiros registros desse tipo de educação em finanças pessoais ocorreu no ano 1737 nos Estados Unidos, EUA, com Benjamin Franklin quando tinha 31 anos de idade e recentemente se destacara escrevendo e publicando um almanaque anual. Na edição daquele ano, ele escreveu uma coluna intitulada “Dicas para quem

quer ser rico”. Nele, ele assinou com um conselho financeiro: “Um centavo economizado é dois centavos de desconto” (Flores, 2013, p. 18).

Nos Estados Unidos, país de referência na literatura quando se trata de EF, faz-se referência à Lei Smith-Lever, que estabeleceu o conceito de EF formal quando o Serviço de Extensão Cooperativa foi criado para oferecer programas de extensão para educar os americanos rurais sobre uma série de tópicos – dentre eles finanças pessoais (Cherobim, 2020).

Já o Brasil tem histórico ruim em estabelecer padrões de EF, embora o conceito e sua importância como habilidade para a vida tenham sido compreendidos desde os primórdios da civilização (Teixeira, 2015).

No século XIX, a alfabetização financeira ainda carecia de um local para instrução formal. No entanto, a gestão do dinheiro era tão importante quanto nos últimos anos, e os registros mostram as primeiras tentativas de EF (Negri, 2020).

Um exemplo da época vem do exterior, com James Gilbert, gerente do London & County Bank. Gilbert trabalhou como autor de finanças pessoais e, em 1849, publicou um artigo intitulado “Conselhos de dez minutos sobre como manter um banqueiro”. Nele, ele detalhou as vantagens de abrir uma conta bancária e explicou o processo para quem pode se sentir intimidado por isso. Gilbert publicou extensivamente, escrevendo para seus colegas banqueiros, bem como para o público em geral. Ele acreditava que todos – não apenas os ricos – deveriam ter uma conta bancária e se esforçava para educar o público sobre o sistema bancário e seus benefícios (Buss & Amorim, 2020).

Ramon e Trevisan (2019) mencionam que, em 2003, a Comissão de Alfabetização e EF, nos EUA, foi estabelecida e, posteriormente, lançou uma estratégia nacional para EF. Os americanos comemoram em abril o Mês Nacional de Conscientização sobre Alfabetização Financeira. Além disso, o presidente George W. Bush assinou uma ordem em 2008, que criou um conselho consultivo sobre alfabetização financeira.

No Brasil, a história da EF é relatada por Campos (2021):
“A educação financeira tem sua origem, de acordo com pesquisas sobre a temática, no contexto neoliberal, momento em que surge a necessidade de educar financeiramente os indivíduos para que estejam preparados para as tomadas de decisão frente à atual diversificação de pagamentos, financiamentos, produtos financeiros, ou seja, para a formação de consumidores financeiramente conscientes. (...) (p. 32).”

A história da EF no sistema de ensino brasileiro é marcada por um desenvolvimento gradual e por desafios significativos, sendo uma disciplina que ganhou importância nos últimos anos. Por muitos anos, a EF não era parte do currículo escolar no Brasil, e as preocupações com

questões financeiras eram comumente aprendidas no ambiente familiar ou mediante as experiências pessoais. A falta de instrução formal em finanças contribuiu para uma população com baixo conhecimento financeiro, levando a problemas como endividamento, falta de planejamento para a aposentadoria e dificuldade em gerir dinheiro (Lührmann, 2018).

Lotta (2019) ilustra, na figura 4, a necessidade de reflexão acerca dos desafios da implementação de políticas públicas, não importando sua natureza (quer de Estado ou de governo) sob a perspectiva da agenda, formulação, implementação e avaliação. Assim sendo, as fases que perpassam a implementação de políticas públicas mostram-se de suma relevância, enquanto ferramenta analítica para o entendimento dos processos decisórios que fazem parte dessas políticas, como se vê na figura 4.

Figura 4

Fases de implementação de políticas públicas

FASE 1 AGENDA	FASE 2 FORMULAÇÃO	FASE 3 IMPLEMENTAÇÃO	FASE 4 AVALIAÇÃO
Momento de definição de temas prioritários a serem tratados pelo Estado. Fase de compreensão de como e por que determinados temas são (ou se tornam) prioritários.	As políticas serão objeto de formulação, de planejamento e de decisão sobre seus modelos e objetivos. Definição do papel dos diferentes agentes no processo.	Momento em que os planos formulados se tornarão realidade. Depende fortemente da ação de burocratas e dos instrumentos de ação estatal.	Busca-se compreender as diferenças entre o que foi formulado e o que foi executado. Os resultados alcançados devem ser avaliados em suas várias dimensões (eficiência, eficácia, efetividade, etc.).

Fonte: Lotta, 2019, p. 13.

Domingos (2018) explica que a alfabetização financeira avançou ao longo do século XX. Nos últimos anos, as capitais incluíram finanças pessoais nas escolas públicas. No entanto, essas escolas já são obrigadas a oferecer ensino de finanças pessoais para os alunos da EJA.

Embora haja espaço para melhorias, a alfabetização financeira no Brasil já percorreu um longo caminho, e há muitas escolas e grupos que fazem um bom trabalho ao ensiná-la. A alfabetização financeira é parte crítica da preparação dos alunos para o sucesso. Têm-se usado muito as lições experimentais para conectar o que os alunos aprendem na sala de aula ao mundo real, demonstrando aos alunos como o conhecimento se correlaciona com o ganho.

Cordeiro, Costa e Silva (2018) assinalam:

“Até o ano 2010 eram pouquíssimas as ações voltadas para EF, podendo considerar que o seu nascimento formal no Brasil se deu a partir da criação da Estratégia Nacional de EF (ENEF) com o Decreto nº 7397/2010, publicado no Diário Oficial da União de 22 de dezembro de 2010. Desde então, a EF começou a ganhar repercussão, inclusive, no âmbito escolar. (...) Um embrião formal da EF no Brasil foi a criação do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – Coremec, pelo Decreto nº 5.685, de 25/01/2006. Este primeiro movimento rumo à EF mostra claramente o

resultado da feitura da Deliberação nº 3, de 31 de maio de 2007 – Coremec, a qual dispõe sobre a constituição de um Grupo de Trabalho com o propósito de propor estratégia nacional de EF. (...) Avançando ainda mais no sentido de buscar uma EF ampla, o Coremec elabora mais um documento para seu fomento: a Deliberação nº 5, de 26 de junho de 2008 – Coremec, a qual estabelece diretrizes e objetivos para a ENEF (p. 3).”

Compreende-se que a EF nas escolas brasileiras tem seu estímulo dado pelo Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, trazendo a definição do artigo 1º:

“Art.1º – Fica instituída a Estratégia Nacional de EF – ENEF com a finalidade de promover a EF e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores (Brasil, 2010).”

Negri (2020) assinala que o Decreto Federal nº 7.397, que cria o ENEF, o CONEF e o GAP, que no seu 2º art. expressa a preocupação em definir diretrizes que possam orientar a EF na esfera nacional, em que se lê:

“Art. 2º – A ENEF será implementada em conformidade com as seguintes diretrizes: I - atuação permanente e em âmbito nacional; II - gratuidade das ações de EF; III - prevalência do interesse público; IV - atuação por meio de informação, formação e orientação; [...] VI - formação de parcerias com órgãos e entidades públicas e instituições privadas; [...] (Brasil, 2010).”

Observa-se que a ENEF tem seu estabelecimento na totalidade do território nacional de modo gratuito, seguindo um esforço para estabelecer parcerias, quer com órgãos e entidades públicas, quer com instituições privadas, em que o propósito é o reforço de suas ações. Com as referidas parcerias, fomenta-se que o ensino seja dado à parte da população, não importando a classe social, etnia ou crença, o que possibilita maior conhecimento financeiro para as famílias brasileiras.

3.1.3 Educação Financeira como vertente da Administração

A ciência da Administração, ao ser aplicada ao contexto diário, envolve o uso de princípios, técnicas e abordagens administrativas para resolver problemas, otimizar recursos e alcançar objetivos em ambientes de negócios, organizações sem fins lucrativos e na vida pessoal. É possível compreender que a ciência da Administração pode ser trazida para o cotidiano, destacando suas aplicações práticas e benefícios (Philippas & Avdoulas, 2021).

Amagir *et al.* (2018) esclarecem que, no dia a dia, o planejamento estratégico demanda

definir objetivos claros, determinar recursos necessários e estabelecer cronograma para alcançá-los. No ambiente doméstico, isso pode significar planejar metas financeiras, como comprar uma casa ou fazer uma viagem, bem como criar um plano para alcançá-las. Em uma empresa, isso se traduz em definir a missão, visão e objetivos estratégicos, bem como criar planos de ação para cada departamento.

Melo (2019) postula que a EF no escopo da Administração ensina a importância do controle financeiro e do orçamento. Em casa, isso significa manter o orçamento familiar, acompanhar despesas e receitas e fazer investimentos inteligentes. Na seara empresarial, envolvem-se controle de custos, análise de receitas e despesas e otimização dos recursos financeiros, para manter a sustentabilidade do negócio.

Ademais, Amagir *et al.* (2018) destacam que a gestão é uma habilidade administrativa essencial e está diretamente relacionada à EF. No dia a dia, isso pode significar organizar um evento familiar, reformar uma casa ou gerenciar um projeto no trabalho. Associar a Administração e a EF pode demandar ferramentas, como diagramas de Gantt, e metodologias ágeis ajudam a planejar, executar e monitorar projetos para garantir que eles sejam concluídos no prazo e dentro do orçamento.

Administradores eficientes sabem como tomar decisões informadas. Rotineiramente, isso se refere a avaliar opções, considerar riscos e benefícios e fazer escolhas com base em dados confiáveis. Trata-se de algo que tem aplicabilidade tanto na compra de um carro quanto na escolha de um sistema de software para uma empresa. Trazer a ciência da Administração para o contexto diário da EF significa fundamentar princípios administrativos em todos os aspectos da vida, desde a gestão do tempo e o controle financeiro até a liderança e tomada de decisões. Quer na esfera doméstica ou no trabalho, as habilidades administrativas podem melhorar a eficiência, a produtividade e a qualidade de vida. Os princípios administrativos oferecem estrutura para lidar com desafios, gerenciar recursos e alcançar objetivos, proporcionando uma abordagem organizada e eficiente para o dia a dia (Carvalho & Scholz, 2019).

Lusardi (2019) relata que a EF como vertente da Administração se refere ao uso de princípios financeiros na tomada de decisões administrativas. Essa concepção integra elementos de planejamento financeiro, controle de custos, análise de investimentos e gestão de recursos financeiros em contextos corporativos e pessoais.

Segundo Nascimento e Strohschoen (2023), no âmbito empresarial, a EF é determinante para assegurar a sustentabilidade e lucratividade da organização. Administradores com sólido conhecimento financeiro são mais capazes em tomar decisões informadas sobre orçamentos,

investimentos, financiamentos e gestão de riscos. Eles também são mais propensos a identificar oportunidades para otimizar custos e maximizar a rentabilidade.

Considerando as aplicações práticas, quando a EF é trabalhada com as bases da Administração, ela envolve o planejamento financeiro, pois administradores utilizam a EF para planejar orçamentos anuais, projeções de receitas e despesas e para garantir que a empresa tenha recursos capazes de cumprir seus objetivos de negócios. No controle de custos por meio do conhecimento financeiro, gestores podem colocar em prática estratégias para diminuir custos, como análise de gastos e renegociação de contratos (Berry; Karlan & Pradhan, 2018).

Vasconcelos (2018) indica que a EF permite que os administradores avaliem oportunidades de investimento, considerando o retorno esperado, riscos associados e impacto no fluxo de caixa. Também ajuda na administração de salários, benefícios e incentivos, equilibrando a motivação dos funcionários com a sustentabilidade financeira da empresa.

Além do conjunto empresarial, a EF é imprescindível para a gestão de finanças pessoais, o que reflete de modo direto na qualidade de vida e na estabilidade dos colaboradores e administradores. Pessoas com desejável nível de conhecimento financeiro são mais capazes de: fazer orçamentos pessoais e gerenciar dívidas; planejar objetivos de longo prazo, como aposentadoria ou compra de imóveis; e entender produtos financeiros, como empréstimos, hipotecas e investimentos (Lührmann; Serra-Garcia & Winter, 2018).

A Administração trabalha a EF e proporciona base sólida para a tomada de decisões administrativas com base em dados concretos e análises rigorosas. Indivíduos administradores com conhecimento financeiro estão mais preparados para identificar e refletir sobre os riscos financeiros. Um conhecimento mais aprofundado de finanças é determinante para a longevidade e o sucesso sustentável das empresas e da vida pessoal diária (Philippas; Avdoulas, 2021).

A EF é uma competência vital para administradores e gestores, uma vez que pode oferecer instrumentos necessários para conduzir pelo complexo mundo das finanças, seja em um contexto corporativo ou pessoal, contribuindo para o sucesso e sustentabilidade no longo prazo (Schotten *et al.*, 2020).

A Administração enquanto ciência e área do saber abrange as demandas da sociedade. Kistemann Jr. e Xisto (2024) explicam que o sucesso ou o fracasso dos agentes econômicos, especialmente das famílias, dependem da tomada de decisões, que por sua vez dependerá das capacidades, conhecimentos e competências adquiridas por meio da EF. Nesse sentido, a falta de capacidade financeira é considerada um dos problemas mais prementes nas sociedades atuais. No Brasil, uma das principais barreiras à inclusão financeira é a falta de conhecimento

no campo da Administração, da Gestão e da Inovação, tendo como uma das vertentes a EF; e os baixos níveis de escolaridade afetam a contratação de operações ativas e passivas no sistema financeiro.

3.1.4 Educação Financeira como estratégia para gestão

A ideia de a Gestão abarcar a EF é abordada por Oligin e Silva (2021), quando descrevem que se trata de um fator essencial para a gestão eficaz e a inovação das organizações. Quando indivíduos compreendem e aplicam princípios financeiros sólidos, eles contribuem para uma cultura organizacional mais saudável, promovendo a inovação e aprimorando a eficácia da gestão.

Da Guia *et al.* (2023) relatam que existem diferentes formas pelas quais a EF está relacionada à gestão, citando a gestão eficaz que envolve tomada de decisões informada, e que pessoas com desejável conhecimento em EF tendem a tomar decisões mais informadas e baseadas em dados. No escopo empresarial, isso se traduz em gerentes e líderes que realizam escolhas mais amparadas e fundamentadas acerca de investimentos, alocação de recursos e estratégias de crescimento.

Um bom nível de conhecimento em EF permite que gestores inovadores criem orçamentos realistas, façam previsões precisas e planejem o futuro. Essa condição acaba por resultar em gestão mais eficaz, pois os recursos são alocados de forma otimizada e as metas são definidas de maneira clara e realista. O conhecimento financeiro auxilia na identificação e gerenciamento de riscos. Gestores com domínio em EF são capazes de implementar estratégias para reduzir riscos financeiros e proteger a sustentabilidade da organização (Berry; Karlan & Pradhan, 2018).

Na seara da gestão e do crescimento, Xisto (2020) explica que uma organização com uma cultura de EF tende a alocar recursos de forma mais estratégica, permitindo investimentos em inovação. Gestores com boa compreensão financeira podem direcionar fundos para projetos inovadores com maior potencial de retorno. Empresas que possuem funcionários com amplo conhecimento em EF tendem a ser mais dispostas e capazes de investir em pesquisa e desenvolvimento, P &D, facilitando a inovação. A compreensão de conceitos financeiros como Retorno sobre o Investimento, ROI, permite que gestores avaliem quais projetos inovadores têm mais chance de sucesso (Lührmann; Serra-Garcia & Winter, 2018).

Segundo Ribeiro, Rizzo e Scarausi (2020), pessoas com EF são mais propensas a ter segurança financeira pessoal, permitindo-lhes assumir riscos calculados e experimentar novas

ideias. Isso pode levar a um ambiente mais propício à inovação, em que os funcionários se sintam capacitados para propor e testar soluções inovadoras.

Amagir *et al.* (2018) mencionam que uma cultura de EF promove transparência e comunicação aberta sobre finanças e orçamentos. Isso cria um ambiente em que a inovação é incentivada, pois os funcionários entendem os objetivos financeiros da organização e como suas ideias podem contribuir para o sucesso. Quando os funcionários têm EF, eles tendem a ser mais engajados e responsáveis, pois compreendem melhor a ligação entre seu trabalho e o desempenho financeiro da empresa. Esse engajamento pode levar a uma vontade maior de inovar e contribuir para o crescimento da organização.

A EF das pessoas está intimamente ligada à gestão eficaz e à inovação nas organizações. Uma boa compreensão financeira entre funcionários e gestores contribui para tomada de decisões mais informada, melhor alocação de recursos e maior capacidade para investir em inovação. Além disso, uma cultura organizacional que valoriza a EF tende a ser mais transparente, engajada e propícia à inovação. Portanto, promover a EF dentro de uma organização mostra-se como estratégia fundamental para o sucesso sustentável e para impulsionar a inovação (Brown; Henchoz & Spycher, 2018).

Na perspectiva defendida por Kaiser *et al.* (2022), a gestão e a inovação desempenham papéis fundamentais na promoção da EF para as pessoas no seu dia a dia, seja na esfera empresarial ou no pessoal. A gestão, em seu sentido mais amplo, contempla um conjunto de atividades relacionadas ao planejamento, organização, liderança e controle. No contexto da EF, a gestão pode auxiliar na estruturação de iniciativas que estimulem a melhor compreensão de finanças entre os funcionários e, conseqüentemente, nas comunidades mais amplas.

Vasconcelos (2018) destaca o exemplo dos Programas de EF no trabalho em que as empresas podem implementar programas de treinamento financeiro para contribuir com os funcionários a aprender sobre orçamento pessoal, gestão de dívidas, previdências e planejamento para a aposentadoria.

Importante considerar as situações em que as empresas ofereçam benefícios, como contribuições para planos de aposentadoria ou opções de ações, que estimulam os funcionários a aprender mais sobre finanças pessoais. Gerenciar esses benefícios pode motivar os funcionários a buscar mais informações em relação sobre como funcionam as finanças. Ao ter gestão eficaz, a empresa pode assegurar que os funcionários recebam salários justos e pontuais, o que contribui para um ambiente financeiro saudável. Tal estratégia também fomenta um senso de estabilidade que possibilita às pessoas se concentrarem mais em sua EF (Goyal & Kumar, 2021).

A inovação, por sua vez, se volta a encontrar novas soluções de seus problemas e melhorar processos. Quando aplicada à EF, a inovação pode abrir novas portas para ensinar e aprender sobre finanças. Bronw *et al.* (2014) citam que o exemplo dos aplicativos e plataformas *online* que ensinam conceitos financeiros de forma interativa são exemplos de como a inovação pode tornar a EF mais acessível e envolvente. Esses instrumentos permitem que as pessoas aprendam no próprio ritmo e com ferramentas interativas.

Ferramentas de Gestão Financeira Pessoal são destacados por Kistemann Jr. e Xisto (2024) quando expõem que inovações como aplicativos de orçamento, rastreamento de despesas e planejamento financeiro ajudam as pessoas a ter uma visão mais clara de suas finanças. Isso pode motivá-las a se tornarem mais educadas financeiramente, pois têm acesso a informações em tempo real.

Inovações que usam elementos de gamificação para ensinar conceitos financeiros podem tornar o aprendizado mais interessante e envolvente, incentivando mais pessoas a participar de atividades relacionadas à EF. Quando gestão e inovação se unem para promover a EF, as implicações no dia a dia das pessoas podem ser significativas: na melhor tomada de decisões financeiras, com maior domínio financeiro, as pessoas podem tomar decisões mais informadas sobre gastos, poupança e investimento. A EF ajuda a reduzir o estresse advindo de dívidas e insegurança financeira, promovendo um ambiente mais saudável no trabalho e em casa. Funcionários com boa saúde financeira pessoal estão mais propensos a serem produtivos e criativos, pois não estão distraídos por preocupações financeiras.

Nascimento e Strohschoen (2023) sustentam que gestão e inovação são elementos de peso para trabalhar a EF das pessoas no seu cotidiano. Por meio de programas estruturados de EF, ferramentas inovadoras e uma cultura corporativa que valoriza o aprendizado financeiro, é possível melhorar a compreensão e a saúde financeira tanto em ambientes de trabalho quanto na vida pessoal. A harmonia entre gestão e inovação resulta em indivíduos mais informados, confiantes e capazes de gerir suas finanças de forma eficaz.

3.1.5 Educação Financeira no Brasil

A EF no Brasil tem evoluído ao longo dos anos, refletindo mudanças na sociedade, na economia e no sistema educacional. O país está em 3º lugar em pesquisa sobre inclusão financeira em países em desenvolvimento, para o que foi preciso, considerando os percentuais apresentados na figura 5 sobre o compromisso do país com a inclusão financeira, capacidade móvel, ambiente regulatório e adoção de serviços financeiros; sendo também necessário

explorar a história e o conceito de EF no Brasil para entender como se chegou ao cenário atual (Schotten *et al.*, 2020).

Figura 5

Dados sobre Educação Financeira de adultos no Brasil



Fonte: Bacen, 2023.

Kistemann Jr. e Xisto (2024) relatam que a EF no Brasil começou a ganhar destaque a partir da década de 2000, quando o crescimento econômico e a ampliação do acesso ao crédito fizeram que as questões financeiras se tornassem mais relevantes para a população. Anteriormente, havia pouca ênfase em ensinar habilidades financeiras nas escolas ou em outros espaços educacionais.

Naquela década, com o aumento do acesso ao crédito e do consumo, começaram a surgir preocupações sobre o endividamento excessivo dos brasileiros. Isso levou ao surgimento de iniciativas para promover a EF, tanto por parte do governo quanto por instituições privadas e organizações não governamentais (Oliveira, 2020).

No ano 2008, o Banco Central do Brasil lançou o Programa Nacional de Educação Financeira (Pronef), com o objetivo de disseminar conhecimentos financeiros e promover uma cultura de planejamento e organização financeira entre os brasileiros. Esse programa assinalou um marco importante na institucionalização da EF no país (Hurtado; Freitas, 2020).

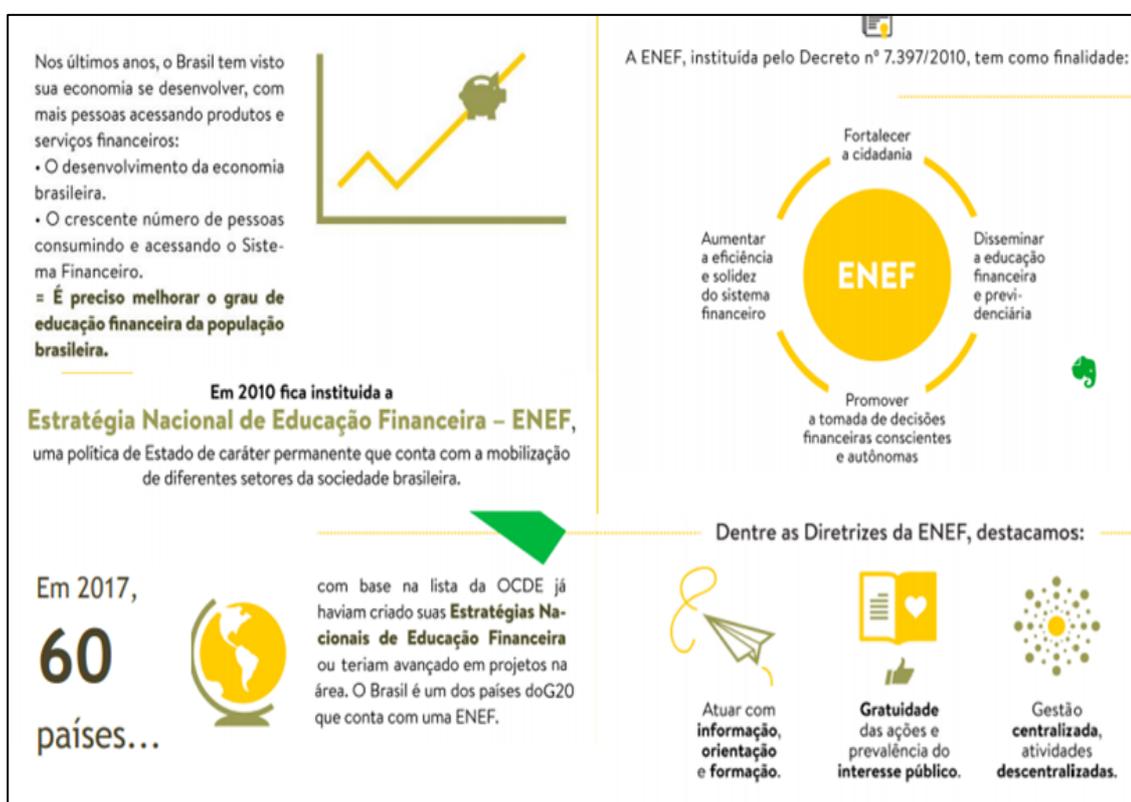
Em 2010, foi criado o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), uma parceria entre órgãos governamentais e instituições privadas para desenvolver estratégia nacional de EF. O CONEF coordena e orienta ações para a implementação da EF em todo o Brasil, e no ano 2013 foi lançada a ENEF, uma iniciativa abrangente para promover a EF no Brasil, incluindo ações em escolas, no sistema financeiro e em outras áreas da sociedade. A ENEF propõe a

inclusão da EF no currículo escolar, assim como a promoção de eventos e atividades de conscientização para o público em geral (Santos, 2012).

Santos (2018) explica que a ENEF foi lançada em 2010 pelo governo brasileiro com o objetivo de promover a EF no país. A ENEF busca estimular uma cultura de planejamento, poupança e investimento, ajudando a população a tomar decisões financeiras mais informadas. Ela envolve diversas iniciativas que visam à aplicação da EF em escolas, universidades e na sociedade em geral. A dinâmica que envolve a ENEF pode ser vista na figura 6.

Figura 6

Compreendendo a ENEF



Fonte: Santos, 2018.

A EF no Brasil, como já mencionado, significa como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes permite às pessoas tomar decisões financeiras informadas e responsáveis. Essa concepção abrange ampla gama de tópicos, incluindo a compreensão de como gerenciar orçamentos pessoais e familiares, poupança e despesas. Considera-se o conhecimento sobre o uso responsável do crédito, taxas de juros e riscos associados ao endividamento (Ribeiro; Rizzo & Scarausi, 2020).

Parte-se da premissa das noções básicas de investimentos, planejamento financeiro e diversificação, além da capacidade de planejar para objetivos de curto, médio e longo prazos, como compra de bens, educação e aposentadoria. Não obstante, tem-se o desenvolvimento de

uma mentalidade responsável em relação ao dinheiro, com foco no consumo consciente, no planejamento e na busca por estabilidade financeira (Santos, 2018).

A EF no Brasil busca capacitar indivíduos para a lógica da cidadania financeira, que por sua vez contempla diferentes esferas trabalhadas para lidar com desafios financeiros em um ambiente cada vez mais complexo e para promover uma sociedade mais equilibrada financeiramente. A inclusão da EF no currículo escolar se apresenta como estratégia fundamental para atingir esses objetivos, garantindo que os jovens cresçam com as ferramentas necessárias para tomar decisões financeiras informadas (Ribeiro; Rizzo & Scarausi, 2020).

A EF relaciona-se à capacidade de entender e usar efetivamente várias habilidades financeiras, incluindo gerenciamento financeiro pessoal, orçamento e investimento. O significado da cidadania financeira, representada na figura 7, é a base do seu relacionamento com o dinheiro e uma jornada de aprendizado ao longo da vida. Para manter e aumentar a riqueza de cada indivíduo, é importante que ele tenha as habilidades para administrar com seus meios financeiros. Para se considerar financeiramente capaz, ele tem que saber administrar as finanças pessoais ou, por assim dizer, familiares, ou seja, ter a capacidade de planejar com antecedência, bem como tomar decisões informacionais vinculadas a produtos/serviços financeiros (Domingos, 2018).

Figura 7

Esferas trabalhadas na cidadania financeira



Fonte: Adaptado de Oligin e Silva, 2021.

Essa representação revela os alcances das esferas a serem trabalhadas na EF, as quais capacitam os indivíduos a tomar decisões financeiras informadas ao longo de suas vidas. A EF

envolve o trabalho com habilidades críticas, como orçamento, gestão de dívidas, investimento e compreensão de produtos financeiros. Tendo compreensão mais aprofundada desses conceitos, os indivíduos podem enfrentar os desafios financeiros e alcançar seus objetivos de médio e longo prazos (Brown; Henchoz & Spycher, 2018).

Nos dizeres de Floriano (2020, p. 17), lê-se:

“Assim, a alfabetização financeira passou a ser adotada como a terminologia que considera a diferença entre a dimensão do conhecimento e da aplicação, embasada em três aspectos básicos: os conhecimentos financeiros, os comportamentos financeiros e as atitudes financeiras. Nesse sentido, a EF torna-se parte do processo de alfabetização financeira. Um comportamento adequado no que diz respeito às decisões finais de consumo/poupança/investimento requer a compreensão de conceitos atinentes à gestão financeira pessoal.”

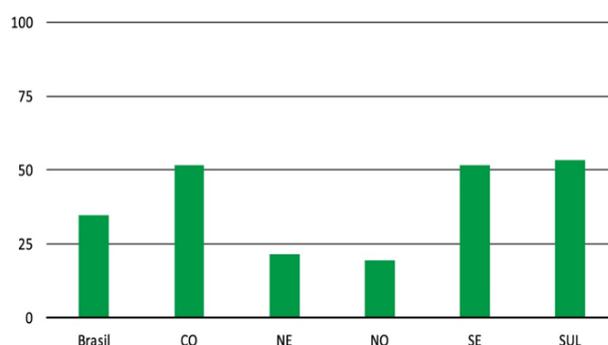
Compreende-se, desse modo, que a EF também se refere a saber monitorar, dentro do escopo de todas as novidades do mercado financeiro, em que se encontram os problemas para decidir como autocontrole, atraso, discordância temporal de desejos, objetivos, intenções e necessidades reais, problemas com a criação de estratégia financeira própria e depara-se com o problema de escolher o produto/serviço financeiro adequado (D’Aquino, 2017).

De acordo com Martins (2019), a EF é, pela definição da OCDE (2005), um processo em que o usuário de serviços/investidores melhora sua compreensão sobre produtos financeiros, noções e riscos e sobre as bases de informações, instruções e conselhos objetivos desenvolvem as habilidades e a confiança amparada em informações.

A figura 8 ilustra o nível de conhecimento de EF no Brasil, por região:

Figura 8

Média do índice de Educação Financeira no Brasil, por região – 2020



Fonte: Cherobim, 2020.

Segundo Domingos (2018), as informações abrangem fatos, dados e conhecimentos específicos e, por meio deles, os indivíduos enxergam suas oportunidades financeiras, alternativas e têm maior ciência das consequências de suas escolhas. As instruções garantem

treinamento e liderança, em que os indivíduos adquirem habilidades e domínios de compreensão das condições financeiras e conceitos. Algumas orientações de profissionais em finanças ajudam as pessoas a compreender assuntos e produtos financeiros gerais e permitir o melhor aproveitamento das informações e instruções adquiridas.

Na visão de Teixeira (2015), o assunto mais comum dos programas de EF são os conceitos básicos relacionados a lidar com dinheiro, a exemplo de usar uma conta bancária, com produtos e serviços financeiros, incluindo o acesso ao crédito e a gestão de dívidas. Alguns desafios financeiros podem estar fora do espectro de conhecimento de grande parte da população brasileira, mas o saber associado ao planejamento financeiro pode capacitar as pessoas a fazer boas escolhas financeiras. Não se trata de ser fluente na linguagem contábil, mas ter noção ao usar conhecimentos e habilidades para gerenciar recursos financeiros de forma eficaz para uma vida inteira de bem-estar financeiro (D'Aquino, 2017).

Na Figura 9, resume-se o cenário da EF no Brasil.

Figura 9

Retrato da EF no Brasil – 2020



Fonte: Martins, 2019.

Ramon e Trevisan (2019) lembram que inúmeras modificações econômicas, sociais, demográficas e políticas influenciaram o crescimento da população, e o significado da EF era pouco explorado antes da crise econômica que surgiu no ano 2008. Além disso, as modificações demográficas são somadas ao aumento da expectativa de vida; a estabilidade de emprego e a mudança do estilo de vida desencadearam em uma crescente mobilidade geográfica e social dos habitantes, implicando, de modo direto, no campo financeiro ou, por assim dizer, econômico.

Essas tendências também estiveram presentes no mercado de serviços financeiros. O desenvolvimento tecnológico permitiu inovações no campo do canal de mercado, comunicação de mercado e atividades de negócios, no entanto também trouxe redução de custos para as atividades empresariais. Entretanto, a falta de capacidade financeira pode dificultar a tomada de decisões financeiras importantes, como abrir os tipos certos de contas bancárias, planejar a aposentadoria e pagar dívidas pessoais de empréstimos ou cartões de crédito (Ramon & Trevisan, 2019).

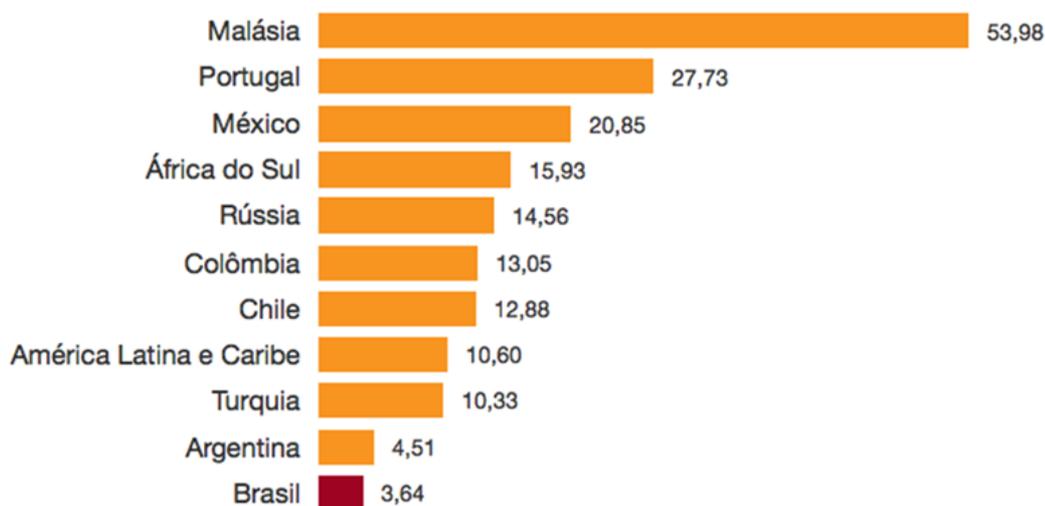
3.1.6 Importância da Educação Financeira para a população

A EF deve ser um processo contínuo desde a infância até a idade adulta. Infelizmente, nem mesmo as instituições de ensino parecem reconhecer esse fato, em que muitos supõem que as pessoas de alguma forma aprenderão sobre dinheiro por conta própria. É preciso haver mudança de paradigma quando se trata de EF (Accorsi & *et al.*, 2018).

De acordo com Flores (2013), a importância da EF para os jovens não pode ser subestimada. Não há nada tão perigoso quanto um jovem analfabeto financeiramente. Alguém que não tem ideia de como administrar suas finanças pode facilmente cair em várias armadilhas financeiras sem saber.

Geralmente, é difícil corrigir decisões ruins em relação às finanças – pode levar vários anos para fazê-lo. Ensinar aos jovens sobre dinheiro desde cedo lhes transmitirá conhecimentos e habilidades vitais que os ajudarão a tomar decisões informadas quando se trata de assuntos financeiros. Da mesma forma, a educação sobre dinheiro deve ter a mesma prioridade que outras disciplinas. Os jovens e adultos precisam ser capacitados sobre o dinheiro e como ele funciona (Buss & Amorim, 2020).

A figura 10 ilustra a comparação de parcela da população de diferentes países que tem o entendimento de EF, de modo a ser consciente de que precisa gerir melhor suas finanças para a velhice.

Figura 10*EF e a consciência da população em poupar para a velhice***Fez economias para a velhice (em%*)**

Fonte: Banco Mundial, 2021.

Campos (2021) aponta que as estatísticas indicam que os jovens que nunca receberam educação adequada sobre finanças acabam se tornando adultos irresponsáveis, principalmente em questões financeiras. Eles não sabem como investir, não conseguem economizar dinheiro suficiente para comprar uma casa e, muitas vezes, têm uma pontuação de crédito muito baixa. Esses comportamentos são contrários aos dos adultos que aprenderam sobre gerenciamento de dinheiro quando eram jovens. Essas pessoas são capazes de tomar decisões financeiras informadas na vida adulta simplesmente porque tiveram base financeira sólida na juventude.

Muitas vezes, os jovens envolvidos em maus hábitos de dinheiro, como jogos de azar, tinham pouca ou nenhuma formação financeira. Eles podem ser facilmente influenciados por outros a se envolverem em outros maus hábitos financeiros. Uma pessoa com histórico financeiro adequado não será facilmente atraída para participar de atividades como jogos de azar e esquemas de pirâmide (Bavaresco, 2021).

Negri (2020) afirma que, para um jovem alfabetizado financeiramente, torna-se um pouco mais fácil manobrar e sair da situação em comparação com alguém analfabeto financeiramente. Em outras palavras, existem inúmeras razões pelas quais a alfabetização financeira é importante para os jovens. Eles devem ser constantemente ensinados sobre como economizar, investir, orçar e gerenciar dívidas. Não fazer isso pode levar a uma geração que não é apenas irresponsável, mas também pobre.

Há muitos benefícios obtidos por ser financeiramente alfabetizados, e Flores (2013) ressalta a ajuda em compreender o valor do dinheiro. Quando se entende o valor do dinheiro, tem-se maior capacidade de lidar melhor com as finanças. Pode-se conhecer a importância de orçar, poupar e evitar gastos desnecessários.

A EF impede que as pessoas sejam escravos da dívida. Se o indivíduo for alfabetizado financeiramente, poderá “cortar seu casaco de acordo com o tecido”. Isso significa que ele só tomará empréstimo do que puder pagar. Além disso, capacita-o sobre como investir e criar riqueza. Ser alfabetizado financeiramente em geral torna mais claras as várias maneiras pelas quais se podem investir o dinheiro e gerar mais riqueza (Philippas & Avdoulas, 2021).

A referida educação impede a tomada de más decisões financeiras. Uma pessoa financeiramente alfabetizada não será facilmente atraída para esquemas de pirâmide e jogos de azar, isso porque ela entende o valor do dinheiro e como é difícil ganhá-lo. Para resumir, a alfabetização financeira dos jovens em 2020 é muito importante. A juventude de uma pessoa é uma fase crítica na vida. Os erros que se cometem quando jovem terão grande impacto em sua vida adulta. Se a educação adequada sobre dinheiro for fornecida nessa fase, então será construída uma geração adulta financeiramente responsável (Goyal & Kumar, 2021).

A integração da EF na proposta pedagógica da EJA, de acordo com Viana, Silva e Rufino (2023), oferece uma infinidade de benefícios tanto para estudantes quanto para instituições. Fornece aos alunos as ferramentas práticas necessárias para gerir as suas finanças de forma eficaz. Quando os alunos têm conhecimento financeiro, eles podem tomar decisões informadas sobre empréstimos, levando a menores taxas de inadimplência, conhecimento sobre serviços bancários, o mercado, possibilidades de gestão financeira pessoal, familiar, entre outros. Também reduz o estresse e a ansiedade relacionados a dívidas, criando um ambiente melhor para a tomada de decisões na vida cotidiana.

3.2 O ensino da Educação Financeira nas escolas

O ensino da EF nas escolas do Brasil é uma iniciativa que ganhou destaque nos últimos anos, especialmente devido ao reconhecimento da importância de preparar os jovens para os desafios financeiros da vida adulta. É preciso analisar a evolução do ensino da EF nas escolas brasileiras e como essa iniciativa está sendo implementada (Goyal & Kumar, 2021).

No contexto e Evolução do Ensino da EF nas Escolas, De Araújo Silva e Gomes (2023) postulam que a ENEF, criada em 2013 pelo governo brasileiro, foi um marco na promoção da EF no país. Ela propôs a inclusão da EF nos currículos escolares, incentivando a introdução do

tema em várias etapas da educação básica. A estratégia também englobou outras iniciativas para aumentar a conscientização financeira na sociedade como um todo.

Em que pese a BNCC, a partir de 2017, com sua aprovação, a EF começou a ser integrada aos currículos escolares como parte do ensino de Matemática e outras áreas do conhecimento. A BNCC estabelece as competências e habilidades essenciais que todos os alunos devem adquirir ao longo de sua trajetória escolar, e a inclusão de EF reflete a necessidade de preparar os estudantes para lidar com questões financeiras em sua vida cotidiana (Santos, 2018).

Oliveira (2024) menciona a implementação do Ensino da EF nas escolas e destaca uma abordagem multidisciplinar, em que a referida disciplina é tratada como questão integrada, abordando temas relacionados à matemática, à economia, ao empreendedorismo e até mesmo às ciências sociais. Tal estratégia permite que os professores correlacionem com o tema em diferentes disciplinas e atividades escolares.

A formação de professores é um aspecto de suma importância para a implementação bem-sucedida da EF nas escolas. Investimentos na formação do docente, programas de capacitação e treinamento têm sido desenvolvidos para ajudar os professores a entenderem os conceitos-chave de EF e a incorporá-los em suas aulas (Santos, 2021).

Segundo Araújo Silva e Gomes (2023), o desenvolvimento de materiais didáticos específicos para a EF tem sido parte importante da implementação dessa rotina de ensino da disciplina nas escolas. Organizações governamentais e privadas, bem como o sistema escolar, têm produzido livros, apostilas e outros recursos para auxiliar os professores no ensino de EF na forma de parcerias.

Segundo Domingos (2018), as aulas de EF ensinam aos alunos os conceitos básicos de gerenciamento de dinheiro: orçamento, poupança, dívida, investimento, doação e muito mais. O referido conhecimento estabelece uma base para que os alunos construam hábitos de dinheiro fortes desde o início e evitem muitos dos erros que levam a lutas por dinheiro ao longo da vida.

Observa-se que em países onde não há um currículo escolar com a EF o comprometimento financeiro é maior. Milhões de brasileiros lutam todos os dias com a gestão de seu dinheiro, e aproximadamente 78% das pessoas vivem de salário e, muitas vezes, recorrem aos cartões de crédito para sobreviver. Portanto, não é surpresa que 71% das pessoas estejam superendividadas e assumam que essa situação é parte normal da vida (Negri, 2020).

É importante capacitar a próxima geração e ensiná-los a lidar com seu dinheiro com sabedoria. Felizmente, finanças pessoais são 20% de conhecimento e 80% de comportamento. Portanto, embora seja importante que em um curso de alfabetização financeira se ensinem

lições sobre dinheiro, é mais importante dar aos alunos um plano prático para gerenciar suas finanças pessoais (Accorsi & *et al.*, 2018).

Baseando-se nos dados do PISA de 2020, o Brasil ficou em último lugar no desempenho em competências financeiras entre os 15 países analisados e nenhum estado esteve acima da média, que foi de 489 pontos, como visto na figura 11.

Figura 11

Posição do Brasil no desempenho em competências financeiras



Fonte: Banco Mundial, 2021.

De acordo com Bavaresco (2021), não há dúvida de que a EF deva ser iniciada nas escolas, ainda na educação infantil, pois se aprendem desde práticas simples, como acompanhar as despesas e entender a necessidade de gastar dinheiro quando se gosta de um produto até como encontrar o equilíbrio entre o valor do tempo economizado e o dinheiro perdido, pagar impostos e apresentar declarações fiscais, finalizar os negócios imobiliários, entre outros – tudo se torna parte da alfabetização financeira.

Nos dizeres de Domingos (2018), lê-se:

“Como seres humanos, não se espera que conheçamos o âmago da questão da gestão financeira. Mas é importante administrar nosso próprio dinheiro de maneira que não afete a nós e nossa família de maneira negativa. Certamente não queremos acabar tendo um dia sem dinheiro na mão e fome no estômago. A alfabetização financeira pode permitir que um indivíduo construa um guia orçamentário para distinguir o que compra, o que gasta e o que deve. Este assunto também influencia os empresários, que contribuem incrivelmente para o desenvolvimento financeiro e a força da nossa economia. A alfabetização financeira ajuda as pessoas a se tornarem independentes e autossuficientes. Ele capacita você com conhecimento básico de opções de investimento, mercados financeiros, orçamento de capital etc. Compreender o seu dinheiro reduz o perigo de enfrentar uma situação de fraude. Algumas estratégias são tudo menos difíceis de aceitar, principalmente quando são originadas de alguém que, segundo todos os relatos, é aprendido e planejado. O conhecimento básico de alfabetização financeira ajudará as pessoas a prever os riscos e argumentar/justificar com qualquer pessoa instruída e bem-informada (p. 22).”

Campos (2021) sustenta que, apesar de alguns avanços, a EF ainda varia significativamente de estado para estado. Enquanto alguns exigem EF no ensino fundamental, outros apenas a sugerem para alunos da EJA. Esse autor afirma que muitas escolas estão fazendo o mínimo, e isso não é suficiente. Não se podem ensinar finanças pessoais de forma eficaz em um formato condensado e esperar resultados significativos. Abordagens tradicionais, como incorporar esse tópico a um curso de economia mais amplo, não dão aos alunos a chance de se envolverem em experiências do mundo real, em que eles podem promover o domínio real das habilidades financeiras de que precisam para ter sucesso.

Para ajudar os alunos a tomarem decisões financeiras verdadeiramente informadas após a formatura, é importante ensinar-lhes o básico, como taxas de juros para empréstimos e cartões de crédito. Os alunos também devem entender o valor do investimento, a diferença entre uma ação e um fundo mútuo e a importância de poupar para a aposentadoria (Jesus, 2019).

Buss e Amorim (2020) afirmam que um dos componentes mais críticos de uma

educação bem-sucedida nesses tópicos é a experiência prática ou, no mínimo, simulações técnicas. Muitas escolas estão focando material didático que ajuda os professores a usar a simulação para ensinar aos alunos coisas como habilidades bancárias e até como investir no mercado de ações.

Até mesmo organizações juvenis baseadas na comunidade estão apoiando esforços para transmitir habilidades de alfabetização financeira na juventude de hoje. Muitos educadores colaboram com bancos, empresas e outras organizações para trabalharem juntos para melhorar a alfabetização financeira. Existem programas que oferecem aos alunos a experiência do mundo real de trabalhar em um “pregão” da Bolsa de Valores. Cada equipe começa com certa quantia para comprar ações iniciais e depois comprar ou vender ações, a fim de alcançar o maior patrimônio líquido em suas carteiras de investimento (Negri, 2020).

Coutinho (2022) resume que:

“(...) a realidade é que essas aulas ainda não chegaram à grade da maioria das escolas do Brasil e muitos dos professores não tiveram treinamento para trabalhar o assunto. A situação é mais grave nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, onde estão, respectivamente, apenas 7% e 8% das escolas do País que trabalham o conteúdo, segundo a Associação de EF do Brasil (AEF Brasil). O que é uma pena, na opinião da superintendente da entidade. A Região Norte figura no topo do ranking do levantamento realizado em abril deste ano. As atividades de seus colégios representam 33% do total nacional. Só que o índice é puxado pela experiência do Tocantins, Estado considerado modelo no ensino de EF. O Sul aparece com 32% e o Sudeste, com 20%. (...) Desde 2010, o País vem desenvolvendo a Estratégia Nacional da EF (ENEF), que levou material pedagógico e treinamento a professores de 3.800 escolas públicas. Em cada colégio, três educadores foram capacitados para ministrar as atividades, que vão desde aulas a oficinas. Atualmente, Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul estão em fase de desenvolvimento dos polos de EF, que são estruturas para capacitar os professores da rede pública sobre o tema (p. 71).”

Incentivar e ensinar os alunos da EJA a se sentirem no controle de seu próprio futuro financeiro se resumem no apoio do educador, na tecnologia e no currículo certo e, é claro, no apoio governamental suficiente. Já é hora de os estudantes serem condicionados a passar por um curso de alfabetização financeira para se formarem (Bavaresco, 2021).

A EF, como parte do currículo escolar, é tão essencial para uma vida bem-sucedida, que parece quase irreverente apenas fazer uma lista dos benefícios. Quando a EF é ensinada na escola, os alunos aprendem essa habilidade fundamental no momento crítico, pois estão apenas começando a administrar seu próprio dinheiro. Essa condição pode representar que eles estão

interessados e envolvidos em aprender a lidar com o dinheiro da melhor maneira possível. Eles fazem uso ativo dessas habilidades recém-descobertas em suas vidas, e esses comportamentos em relação ao dinheiro continuam com eles ao longo da vida. Possuindo habilidades de gerenciamento de dinheiro, esses jovens passam a não se sobrecarregar por dívidas e são mais seguros no trato com o dinheiro (Accorsi & *et al.*, 2018).

3.3 A Educação Financeira como elemento transformador

A única constante da sociedade atual são as mudanças, que ocorrem cada vez mais rápidas e de forma, muitas vezes, complexa e, ao mesmo tempo, modificam os valores sociais em que se baseia. A sociedade de hoje marca individualismo e ampla escolha entre as várias possibilidades que o mercado oferece (Cordeiro; Costa & Silva, 2018).

De acordo com Cherobim (2020), vale destacar que adquire o saber aquele que tem o conhecimento e não apenas a informação. A EF e as competências conectadas dos indivíduos estão se tornando cada vez mais importantes por causa dos mercados financeiros dinâmicos, em rápido desenvolvimento, globalmente conectados a elementos complexos e, também, a requisitos comuns.

As demandas financeiras dos indivíduos estão se tornando cada vez mais complexas e pretensivas. Somente com o domínio e o conhecimento adequados na área das finanças, pode-se melhorar a compreensão em produtos, serviços e conceitos financeiros, bem como desenvolver as habilidades necessárias para melhorar a educação ou a alfabetização financeira, reforçando suas decisões e a forma de proteção e atuando com ética na vida pessoal e profissional (D'aquino, 2017).

Os ambientes econômico e social no âmbito em que os indivíduos tomam decisões de acordo com as finanças mudam cada vez mais rápido. E nesse limiar Ramon e Trevisan (2019) defendem a responsabilidade por decisões financeiras e a segurança no futuro serem transmitidas pela família e pela escola. Ao longo da vida, a EF mostra a extensão da informação que os indivíduos têm de receber e avaliar como elemento cada vez maior.

Segundo Domingos (2018), também o comportamento econômico dos indivíduos é, como outras formas de comportamento humano, um fenômeno complexo, com importantes implicações individual, social, econômica e cultural. No campo do comportamento econômico, o indivíduo consumidor ou, por assim dizer, frequentemente relaciona as práticas financeiras sem amparo no saber e no planejamento como elemento que favorece as crises econômicas.

O formulador de políticas públicas e, ou, o cidadão comunitário preocupado e que fazem

essa pergunta pode aliviar suas dúvidas examinando a literatura acadêmica, que repetidamente provou os benefícios da alfabetização financeira. A redução da constituição de maus hábitos financeiros e a formação de melhores hábitos têm sido observadas repetidamente (Jesus, 2019).

Accorsi *et al.* (2018) mencionam uma pesquisa em que os pesquisadores fizeram dois conjuntos de perguntas aos indivíduos, um referente à alfabetização financeira básica e o outro relacionado ao conhecimento financeiro avançado. Os pesquisadores, então, aplicaram técnicas estatísticas para construir índices de conhecimento financeiro. A probabilidade de participação no mercado de ações aumentou 14% com o incremento de um desvio-padrão no conhecimento financeiro avançado. Além disso, aumento de desvio-padrão na alfabetização financeira básica aumenta também a probabilidade de poupar para a aposentadoria em 20%.

Já Buss e Amorim (2020) citam outro estudo em que uma equipe de pesquisadores decidiu analisar a eficácia das simulações na produção de mudanças comportamentais nos alunos. Os alunos que participaram do parque de finanças da Junior Achievement, uma simulação para alunos da EJA que enxergam os alunos assumirem cenários familiares e de renda, foram divididos em dois grupos depois de passarem por esse parque pela primeira vez. Um grupo passou por treinamento em EF, enquanto o outro grupo, não. Após 12 semanas, todos os alunos passaram pelo parque pela segunda vez. Mais da metade dos estudantes do grupo que recebeu treinamento foi capaz de elaborar um orçamento com sucesso, um valor estatisticamente significativo em relação ao único aluno que conseguiu fazê-lo antes do treinamento.

Verifica-se maior domínio de EF do que apenas saber como tomar decisões financeiras sábias. É mais sobre ser capaz de usar esse conhecimento e aplicá-lo a cenários cotidianos. A alfabetização financeira afeta todos os aspectos da vida: desde a criação de orçamentos até a poupança, a contratação de um empréstimo e o investimento. No entanto, muitos alunos não conhecem ou têm menos exposição à literacia financeira (Martins, 2019).

Existem outras razões pelas quais o analfabetismo financeiro está aumentando. Esse contexto advém da ausência de exposição à EF no início da vida, que depois se espalha para as próximas gerações. As crianças que não foram expostas a tópicos de EF na escola se tornam adultos que não têm forte compreensão sobre conhecimentos financeiros. Eles, então, se tornam pais, chefes ou professores para a próxima geração de crianças, continuando o ciclo (Bavaresco, 2021).

A EF precisa começar o mais cedo possível, e as escolas devem acelerar a mudança para incorporá-la em seus currículos. Com a alfabetização financeira ensinada de forma abrangente nas escolas, os alunos podem adquirir as habilidades necessárias para alcançar a independência

financeira. Como muitos jovens adultos já estão endividados devido a gastos impulsivos e à falta de habilidades de gerenciamento do dinheiro, ensiná-los sobre orçamento, economia e investimento desde o início não é apenas imperativo, mas também urgente (Jesus, 2019).

Segundo Paula (2022), a EF como elemento transformador é um conceito que abarca a ideia de que a disseminação de conhecimento sobre finanças pessoais e habilidades associadas pode ser um catalisador para mudanças positivas, tanto individual quanto coletivamente.

A EF capacita indivíduos a tomar decisões informadas sobre seu dinheiro, permitindo que eles ganhem mais autonomia em suas vidas. Quando as pessoas compreendem conceitos como orçamento, poupança, investimento e planejamento financeiro, elas se tornam mais capazes de alcançar suas metas, reduzir o estresse financeiro e construir um futuro estável (Hurtado & Freitas, 2020)

Viana *et al.* (2023) postulam que uma das transformações mais visíveis decorrentes da EF é a redução do endividamento excessivo. Ao ensinar as pessoas sobre a importância de gerenciar dívidas, evitar armadilhas de crédito e manter o orçamento equilibrado, é possível reduzir problemas como inadimplência e sobrecarga financeira. Tal condição também contribui para uma sociedade mais estável e sustentável financeiramente.

A EF pode ser fator importante na promoção da inclusão social e da igualdade econômica. Quando pessoas de todas as origens têm acesso ao conhecimento financeiro, isso nivela o campo de jogo e abre oportunidades para grupos tradicionalmente marginalizados. A EF pode ajudar a quebrar ciclos de pobreza e criar condições para maior mobilidade socioeconômica (Bavaresco, 2021).

Segundo Araújo Silva e Gomes (2023), uma população financeiramente educada é mais propensa a empreender e inovar. Quando as pessoas têm conhecimento sobre investimentos, riscos e planejamento, elas se sentem mais confiantes para iniciar negócios, buscar novas oportunidades e investir em ideias inovadoras. Assim sendo, pode-se estimular a economia, criando empregos e fomentando o crescimento.

A EF não é só sobre o trato com dinheiro, mas envolve o bem-estar geral das pessoas. Com mais habilidades financeiras, as pessoas podem planejar para o futuro, estabelecer metas e lidar com imprevistos, reduzindo o estresse e a ansiedade associados a questões financeiras. Isso, por sua vez, contribui para uma sociedade mais saudável e resiliente (Viana *et al.*, 2023).

A EF também tem papel na promoção de uma cidadania mais ativa e informada. Cidadãos financeiramente educados estão mais predispostos a participar de decisões econômicas, votar com consciência e compreender as implicações das políticas econômicas. Isso fortalece a democracia e contribui para uma governança mais transparente e eficaz

(Hurtado Viana & Freitas, 2020).

A EF, como elemento transformador, é uma tratativa de grande expressão, pois sugere que, ao capacitar as pessoas com habilidades financeiras, podemos provocar mudanças significativas em vários níveis da sociedade. Desde a autonomia pessoal até a estabilidade econômica, passando por inclusão social e empreendedorismo, a EF tem o potencial de transformar vidas e criar um futuro mais próspero para todos. Para atingir esse objetivo, é crucial continuar promovendo a EF em escolas, nas comunidades e no local de trabalho.

3.4 EJA no Brasil

A EJA é uma modalidade de ensino no Brasil projetada para atender pessoas que, por diversos motivos, não completaram a educação básica no tempo convencional. O objetivo da EJA é oferecer uma nova oportunidade para que esses indivíduos possam concluir seus estudos, desenvolver habilidades e avançar em suas carreiras ou objetivos pessoais (Hurtado; & Freitas, 2020). Sobre a estrutura da EJA no Brasil, Resende *et al.* (2020) reforçam que a EJA é dividida em duas etapas principais: Ensino Fundamental e EJA. A primeira abrange do 1º ao 9º ano, enquanto a segunda corresponde à EJA regular, que é do 1º ao 3º ano. As idades dos alunos podem variar bastante, desde adolescentes que interromperam a escolaridade até adultos mais velhos que nunca tiveram a chance de estudar. A EJA geralmente tem duração reduzida em comparação com o ensino regular, permitindo aos alunos concluírem cada etapa mais rapidamente.

Um dos aspectos centrais da EJA é a flexibilidade nos horários das aulas. As aulas normalmente acontecem à noite, permitindo que os alunos possam trabalhar ou cuidar de suas responsabilidades durante o dia. A EJA é destinada a pessoas com idades variadas, geralmente a partir de 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para a EJA. É comum encontrar pessoas de todas as idades em uma mesma turma (Cherobim, 2020).

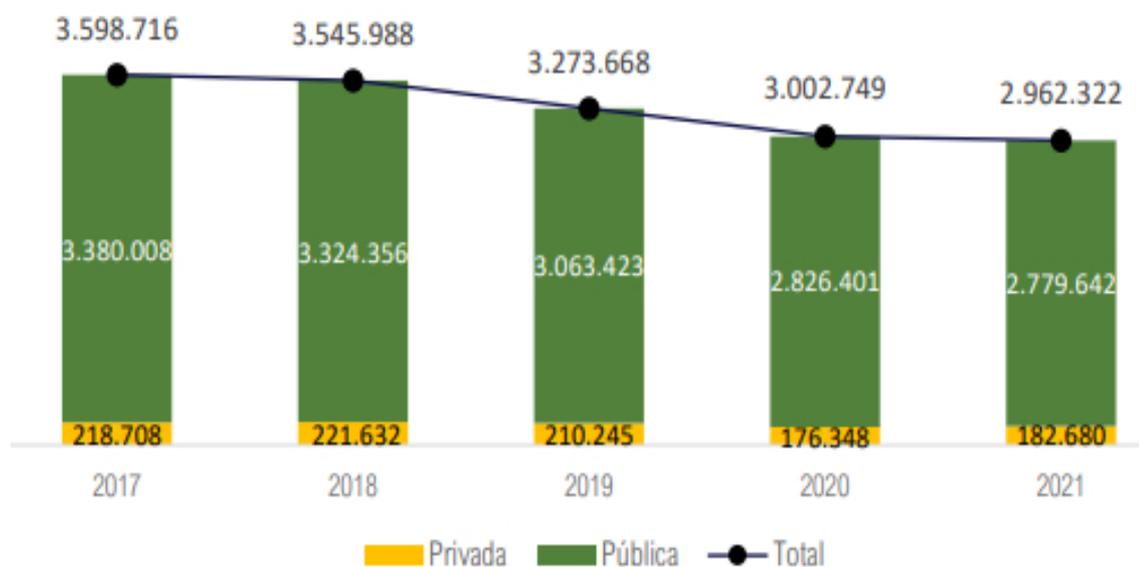
De acordo com Araújo Silva e Gomes (2023), os estudantes da EJA vêm de diferentes contextos, como trabalhadores, donas de casa, idosos ou pessoas que interromperam seus estudos para trabalhar ou cuidar de familiares. Os propósitos dos alunos da EJA são distintos: desde conseguir o diploma para melhorar suas oportunidades de emprego; ingressar no ensino superior ou realizar o sonho de completar a educação básica; e, em qualquer dos objetivos, a EF precisa ser ensinada dentro de uma abordagem Educacional e Metodologia.

O cenário mostrado na figura 12, em que aproximadamente 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade não são alfabetizadas no Brasil, aponta que há cerca de 6,6% da

população nesta faixa etária. Os dados são da PNAD Contínua de 2019. Entre as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo é mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%).

Figura 12

Evasão escolar e EJA



Fonte: Araújo Silva e & Gomes, 2023.

Conforme a Organização Não Governamental Futura (2022):

“Com a pandemia e o agravamento da desigualdade social, houve um aumento da evasão escolar. As matrículas da EJA tiveram uma queda de 7,7% em 2020. Foram cerca de 579 mil matrículas a menos do que em 2019. Em 2021, a quantidade de alunos matriculados continuou em queda: 1,3% a menos em relação a 2020, chegando a 3 milhões de matrículas em 2021. Os dados são do Censo Escolar da Educação Básica, divulgado pelo Inep. Essa queda no último ano ocorreu de forma similar nas matrículas da EJA de nível fundamental e de nível médio, que demonstraram redução de 1,4% e 1,2%, respectivamente (p. 11).”

A metodologia da EJA geralmente é adaptada para atender às necessidades dos alunos adultos, com foco em atividades práticas e conhecimentos que podem ser aplicados no dia a dia. A EJA segue a premissa do respeito pela experiência dos alunos; valoriza as experiências de vida dos alunos e busca integrá-las no processo de aprendizagem. Os professores são treinados para trabalhar com uma população diversificada e respeitar o conhecimento prévio dos alunos (Silva, 2022).

A EJA mostra-se cada vez mais incorporando tecnologias e métodos inovadores para facilitar a aprendizagem, como aulas *online*, materiais didáticos digitais e outros recursos. Um dos desafios significativos da EJA é a alta taxa de evasão, devido a dificuldades pessoais,

responsabilidades familiares ou problemas financeiros (Isabella, 2024).

Muitas escolas que oferecem EJA enfrentam limitações de recursos, como falta de professores qualificados, infraestrutura inadequada e falta de material didático. A EJA ainda se depara com certo estigma social, e muitos alunos têm receio/vergonha de participar de um programa para aprimorar a educação básica. Combater esse estigma é uma parte importante do sucesso da EJA (Cherobim, 2020).

A EJA no Brasil desempenha papel crucial ao ofertar a possibilidade para aqueles que não puderam completar sua educação no tempo convencional. Ao oferecer flexibilidade, metodologia adaptada e respeito pela experiência dos alunos, a EJA segue atendendo uma população diversificada e contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, para que a EJA alcance todo o seu potencial, é preciso superar os desafios como a evasão escolar, a ausência de recursos e o reconhecimento social da importância dessa modalidade de ensino (Silva, 2022).

3.5 Relação entre EJA e a Educação Financeira

A ação da EJA é significativa e carrega um potencial transformador, em que a disciplina da EF se mostra como ferramenta fundamental para a capacitação de indivíduos em qualquer etapa da vida. Contudo, ela assume importância ainda maior no contexto da EJA, em que os alunos podem estar retomando seus estudos após um longo período fora do ambiente escolar e, muitas vezes, se veem diante de desafios financeiros na vida cotidiana (Cherobim, 2020).

Xisto (2020) assinala que a capacitação para a vida real envolve o fato de que muitos alunos da EJA têm responsabilidades financeiras mais expressivas, como trabalho, família e contas a pagar. A EF oferece habilidades práticas para gerenciar orçamento, poupar dinheiro e planejar o futuro. Essas habilidades são diretamente aplicáveis à vida dos estudantes da EJA.

Quando se fala em redução do endividamento e estresse financeiro, fala-se em EF para ajudar os alunos da EJA a evitar o superendividamento e ceder a investimentos sem estudos prévios, práticas financeiras predatórias e compras compulsivas. Desse modo, têm-se alguns exemplos do que contribui para uma vida financeira mais saudável e reduz o estresse relacionado a problemas econômicos (Cherobim, 2020).

A EF pode capacitar os alunos a tomar decisões mais informadas sobre suas finanças, promovendo a autonomia e a capacidade de traçar objetivos financeiros pessoais. Assim, tem-se uma medida que pode auxiliar quem está voltando a estudar para melhorar sua situação econômica e de renda. A EF pode ser integrada ao currículo da EJA como parte das disciplinas

ou como matéria separada. Para tanto, ampara-se no ensino de Matemática, Ciências Sociais, ou como um componente transversal, aplicando conceitos financeiros a várias áreas de estudo (Schotten *et al.*, 2020).

A EJA exige métodos de ensino adaptados às necessidades dos alunos adultos, que podem ter menos tempo disponível e diferentes estilos de aprendizagem. A EF deve ser ensinada de maneira prática e envolvente, com exemplos reais e atividades interativas (Cherobim, 2020).

De acordo com Araújo Silva e Gomes (2023), para que a EF seja eficaz é necessário formar professores com conhecimento em finanças e habilidades pedagógicas para ensinar a alunos da EJA. Programas de capacitação e desenvolvimento profissional podem ser úteis para alcançar maior qualidade de vida, envolvem a EF e podem melhorar a qualidade de vida dos alunos da EJA, dando-lhes meios para gerenciar suas finanças, planejar o futuro e evitar situações financeiras nocivas.

A EF pode ser uma via para a inclusão social e econômica, dando aos alunos da EJA a confiança e as habilidades esperadas para participarem mais plenamente da economia e da sociedade. Muitos alunos buscam essa modalidade de ensino para potencializar suas perspectivas de emprego. A EF pode complementar essa busca, ensinando habilidades valiosas para o mercado de trabalho, como planejamento financeiro, empreendedorismo e gerenciamento de recursos. Desafios à elevada taxa de evasão na EJA pode ser uma dificuldade para a implementação da EF. Estratégias para manutenção dos alunos engajados e mostrar a relevância da EF para suas vidas são essenciais (Schotten *et al.*, 2020).

Diversas escolas de EJA deparam-se com recursos limitados, o que pode afetar a capacidade de oferecer EF de qualidade. Encontrar soluções criativas e parcerias para superar esse obstáculo é importante. A relação entre EF e EJA é uma combinação expressiva que pode desencadear diversos benefícios para os alunos e para a sociedade como um todo. Ao capacitar estudantes adultos com habilidades financeiras, promove-se a autonomia, reduz/minimiza as chances de estresse financeiro, melhora-se a qualidade de vida e aumenta-se a inclusão social e econômica. Para que essa relação alcance seu potencial, é preciso investir em formação de professores, integração curricular e recursos adequados para a EJA (Vasconcelos, 2018).

3.6 Desafios para Educação Financeira da EJA no Brasil

A relação entre a EF e a EJA é significativa e carrega um potencial transformador, em que Oliveira (2023) revela que a citada disciplina é um instrumento essencial para a capacitação

de indivíduos em qualquer etapa da vida. Contudo, ela assume importância ainda maior no contexto da EJA, em que os alunos podem estar retomando seus estudos depois de um longo período fora do ambiente escolar e, muitas vezes, enfrentam desafios financeiros na vida cotidiana.

Resende *et al.* (2020) sustentam que muitos alunos da EJA têm responsabilidades financeiras significativas, como trabalho, família e contas a pagar. A EF pode, então, trabalhar as habilidades práticas para gerenciar orçamento, poupar dinheiro e planejar o futuro. Essas habilidades são realizadas no cotidiano dos estudantes da EJA.

A EF pode ajudar os alunos da EJA a evitar a busca desenfreada e sem análise cuidadosa por crédito, endividamento em excesso e práticas financeiras nocivas, o que acaba por refletir em uma vida financeira mais saudável, estável e controlada. E, na promoção da autonomia e empoderamento, a EF capacita os alunos a tomar decisões mais informadas sobre suas finanças, promovendo a capacidade de traçar objetivos financeiros pessoais. Assim, contribui-se com a autoconfiança de quem está voltando a estudar para melhorar sua situação econômica.

Conforme explicitou Cherobim (2020), a EF pode ser integrada ao currículo da EJA como parte das suas disciplinas ou como uma matéria isolada, o que pode ser feito no escopo do ensino de Matemática, Ciências Sociais ou como componente transversal, aplicando conceitos financeiros a várias áreas de estudo.

A EJA exige métodos de ensino adaptados às demandas dos alunos adultos, que podem ter menos tempo disponível e diferentes estilos de aprendizagem. A EF precisa ser ensinada de maneira prática e envolvente, com exemplos reais e atividades interativas. Para que a EF seja eficaz, é preciso formar professores com conhecimento em finanças e habilidades pedagógicas para ensinar alunos da EJA. Programas de capacitação e desenvolvimento profissional podem contribuir sobremaneira para se atingir esse objetivo (Cherobim, 2020).

Como reforçam Araújo Silva e Gomes (2023), a EF pode melhorar a qualidade de vida dos alunos da EJA, dando-lhes ferramentas para gerenciar suas finanças, planejar o futuro e evitar situações financeiras comprometedoras de longo prazo. A EF pode ser um caminho para a inclusão social e econômica, oferecendo aos alunos da EJA melhor preparo, domínio, conhecimento, confiança e habilidades esperadas para participar mais plenamente da economia e da sociedade.

De acordo com Resende *et al.* (2020), o desenvolvimento de competências para o mercado de trabalho, em que muitos alunos da EJA procuram essa modalidade de ensino para melhorar suas perspectivas de emprego. A EF pode complementar essa busca, ensinando competências importantes para o mercado de trabalho, como planejamento financeiro,

empreendedorismo e gerenciamento de recursos.

Martins (2019) indica que a alta taxa de evasão na EJA pode ser um desafio para a implementação da EF. Estratégias para manter os alunos engajados e mostrar a relevância da EF para suas vidas são fundamentais. Muitas escolas de EJA enfrentam recursos limitados, o que pode afetar a capacidade de oferecer EF de qualidade; seguem em busca de soluções inovadoras e parcerias para superar esse obstáculo como elemento importante.

Kaiser *et al.* (2022) sustentam que a EF é uma combinação poderosa que pode trazer inúmeros benefícios para os alunos e para a sociedade como um todo. Ao capacitar estudantes adultos com habilidades financeiras, fomenta-se a autonomia, evita-se o estresse financeiro, melhora-se a qualidade de vida e aumenta-se a inclusão social e a econômica no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Para que essa relação alcance seu pleno potencial, é exigido investimento em formação de professores, integração curricular e recursos adequados para a EJA.

Lima (2022) assinala que a EF no Brasil enfrenta um rol de desafios que implicam implementação e eficácia. Esses desafios variam desde questões estruturais até obstáculos culturais e econômicos. Nesse limiar, Gonçalves (2019) postula que o Brasil possui um índice significativo de pessoas com baixa escolaridade ou que não concluíram a educação básica. Essa realidade impacta a compreensão e absorção de conceitos financeiros, tornando a tarefa de ensinar EF mais complexa. A desigualdade educacional também afeta a disseminação do conhecimento financeiro.

Araújo Silva e Gomes (2023) apontam que a desigualdade socioeconômica é um desafio significativo para a EF no Brasil. Diversas pessoas vivem em condições financeiras precárias, com acesso limitado a recursos e informações. A EF deve ser adaptada a esse contexto, abordando as realidades e desafios específicos enfrentados por essas populações.

Martins (2019) aponta que a falta de conhecimento financeiro é um desafio em todos os níveis da sociedade brasileira. Várias pessoas não entendem conceitos básicos, como juros, crédito, poupança e investimentos, o que pode levar ao uso inadequado de serviços financeiros e ao endividamento excessivo, agravando problemas econômicos pessoais e familiares.

A EF precisa ser ensinada por professores que entendam os conceitos financeiros e saibam como transmiti-los de maneira eficaz. No entanto, muitos professores no Brasil não têm treinamento ou capacitação específicos em EF, dificultando a sua implementação nas escolas (Araújo Silva & Gomes, 2023).

A falta de recursos, como materiais didáticos, tecnologias e ferramentas pedagógicas, é um desafio para a implementação da EF. Muitas escolas enfrentam restrições orçamentárias, o

que limita a capacidade de oferecer aulas de EF de qualidade. A cultura do consumo é forte no Brasil, com publicidade intensa promovendo o uso do crédito e o consumo excessivo. Isso pode dificultar a promoção de atitudes mais conscientes e responsáveis em relação ao dinheiro. A EF precisa abordar essa cultura e ensinar estratégias para resistir a pressões de consumo (Resende *et al.*, 2020).

Em muitos casos, a EF não é vista como prioridade, tanto nas escolas quanto no governo ou nas famílias. Isso pode levar a uma falta de investimento e de interesse na implementação de programas de EF de qualidade. A diversidade da população brasileira requer abordagens personalizadas para a EF. O desafio é desenvolver métodos de ensino que levem em consideração as diferentes realidades sociais, culturais e econômicas, adaptando os conteúdos para serem relevantes para cada público (Chrobim, 2019).

Importante correlacionar que a ENEF e a EJA são importantes porque abordam a inclusão de um segmento da população que frequentemente enfrenta desafios educacionais e financeiros. A ENEF e a EJA se conectam quando consideramos a importância de fornecer EF a grupos de adultos que estão voltando a estudar (Schotten *et al.*, 2020).

Segundo Xisto (2020), na ótica da incorporação no currículo, a ENEF incentiva a inclusão de EF no currículo escolar. Para a EJA, isso significa criar aulas que abordem conceitos financeiros relevantes para a vida diária dos alunos, como orçamento, poupança, dívidas e investimentos básicos. Para integrar a EF na EJA, é essencial oferecer treinamento específico para professores dessa modalidade de ensino, para que eles possam abordar tópicos financeiros de maneira eficaz e contextualizada para adultos.

A ENEF promove parcerias com instituições financeiras e organizações não governamentais para oferecer programas de EF. Essas parcerias podem fornecer recursos adicionais para a EJA, como palestras, *workshops* e materiais educativos. Como a EJA é voltada para adultos, a EF deve focar situações práticas, como gerenciamento de orçamento familiar, uso responsável do crédito e planejamento financeiro para a aposentadoria. A ENEF pode apoiar a criação de recursos educacionais adaptados para esse público (Xisto, 2020).

Viana, Silva e Rufino (2023) elucidam que a relação entre a ENEF e a EJA é significativa, porque aborda a necessidade de fornecer EF a um segmento da população que, muitas vezes, enfrenta desafios financeiros e educacionais. A integração da EF ao currículo da EJA, sustentada pela ENEF, pode fomentar maior autonomia financeira, prevenir endividamento e promover inclusão social. Com programas de treinamento, capacitação e aperfeiçoamento adequados para professores, parcerias com organizações financeiras e foco em situações práticas, a EF na EJA pode ter impacto positivo mais consistente na vida de jovens e

adultos que buscam melhorar sua educação e perspectivas financeiras.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo são apresentadas as etapas da pesquisa proposta, em que se expõe o que foi feito, como se idealizou e o tempo de realização deste estudo. Informa-se, ainda, a metodologia adotada no desenvolvimento deste trabalho, considerando os tipos de pesquisa utilizados, além do universo e da amostra. Também são descritos os instrumentos de pesquisa empregados e os procedimentos adotados na análise dos dados que foram coletados.

4.1 Tipo, abordagem e método de pesquisa

Na escolha de métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa, considera-se que eles se mostram diretamente relacionados com o problema definido no estudo, com o objetivo e interesse da sua organização (Gil, 2019).

Segundo Vergara (2017), compreendendo as bases da investigação específica, há dois critérios básicos de pesquisa: quanto aos fins e aos meios, trata-se de pesquisa descritiva, uma vez que este estudo se alinha à definição dada por Gil (2019), ou seja, aquela adequada ao detalhamento teórico e expositivo dos temas de escolha, subsidiando o alcance dos objetivos delineados para o estudo. Nessa etapa ocorreu a revisão dos pressupostos teóricos acerca do assunto, como a importância da EF na escola tomada como estudo de caso.

As pesquisas descritivas, de acordo com Bertucci (2008):

“(...) têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Elas têm como objetivo principal estabelecer relações entre as variáveis analisadas e levantar hipóteses ou possibilidades para explicar essas relações (não de forma mais definitiva, o que as transformaria em explicativas). Portanto, pesquisas que descrevem e analisam diversos fenômenos e comportamentos organizacionais (como, por exemplo, clima, atitude ou cultura organizacional), pesquisas de mercado e tantas outras constituem exemplos em que se pode utilizar o tipo descritivo para categorizar a pesquisa realizada (p. 50).”

Portanto, a pesquisa, sendo descritiva, possibilitou a observação, o registro, a análise e a correlação de fatos ou fenômenos variáveis, sem a interferência do pesquisador. Deve-se destacar que o pesquisador assume a postura imparcial e de não interferir no objeto de pesquisa.

Sendo assim, em relação aos meios de investigação foi realizada uma pesquisa de campo, no qual ocorre o fenômeno a ser estudado (a escola da rede pública tomada como estudo

de caso), que contou com a aplicação de questionários estruturados aplicados aos alunos da EJA e das entrevistas aos professores da disciplina EF.

4.2 Unidade de análise e sujeito de pesquisa

Manzato e Santos (2012) assinalam que, no contexto da metodologia científica, “universo” e “amostra” são termos fundamentais na coleta e análise de dados. O universo, ou população, refere-se ao conjunto total de indivíduos, eventos ou elementos que possuem alguma característica comum e sobre os quais se desejam obter informações ou realizar inferências.

A amostra, entretanto, é um subconjunto do universo que é selecionado para participar do estudo. A escolha da amostra deve ser feita de forma que ela seja representativa do universo, permitindo que as conclusões obtidas a partir da análise da amostra possam ser generalizadas para todo o universo. Existem diferentes métodos de amostragem, como a amostragem aleatória simples, a amostragem estratificada e a amostragem por conveniência, cada um com suas próprias vantagens e limitações. A utilização correta de uma amostra bem definida é crucial para a validade e confiabilidade dos resultados da pesquisa (Manzato & Santos, 2012).

A unidade de análise deste estudo é o comportamento de autogestão financeira desenvolvido pelos alunos da EJA, a partir da cultura de EF promovida pela Escola Estadual Três Poderes. Os sujeitos da pesquisa são os alunos matriculados na EJA da referida escola e os professores responsáveis pelas disciplinas que incorporam elementos de EF em suas práticas pedagógicas.

A amostra desta pesquisa foi não probabilística, pelo fato de ser levantada por acessibilidade e por tipicidade, de acordo com as especificações e recomendações de Vergara (2017), constituída pela seleção de elementos que o pesquisador considerou representativos da população-alvo. Para a amostra foram distribuídos questionários aos 87 alunos da EJA em que 73 questionários foram respondidos por alunos. Já as entrevistas foram aplicadas e respondidas por quatro professores da EJA, os quais ministram aulas de EF.

De acordo com a Tabela 1, de Arkin e Colton (1995), tem-se a amostra escolhida por conveniência e por julgamento do pesquisador, devido à dificuldade de acesso e pré-disposição em participar de pesquisa.

Tabela 1*Amplitude de uma amostra populacional finita com coeficiente de confiança de 95,5%*

Amplitude da população (universo)	Amplitude da amostra com as margens de erro indicadas					
	1%	2%	3%	4%	1%	10%
-1.000	222	83
1.000	385	286	91
1.500	638	441	316	94
2.000	714	476	333	95
2.500	...	1.250	769	500	345	96
3.000	...	1.364	811	517	353	97
3.500	...	1.458	843	530	359	97
4.000	...	1.538	870	541	364	98
4.500	...	1.607	891	540	367	98
5.000	...	1.667	909	566	370	98
6.000	...	1.765	938	574	375	98
7.000	...	1.842	949	480	378	99
8.000	...	1.905	976	584	381	99
9.000	...	1.957	989	488	383	99
10.000	5.000	2.000	1.000	600	383	99
15.000	6.000	2.143	1.034	606	390	99
20.000	6.667	2.222	1.053	606	392	100
25.000	7.143	2.273	1.064	610	394	100
50.000	8.333	2.381	1.087	617	397	100
+100.000	9.091	2.439	1.099	621	398	100

Fonte: Arkin e Colton, 1995.

Partindo-se da premissa de que na pesquisa proposta foi utilizada a técnica de um questionário estruturado e da entrevista semiestruturada, conforme mencionado anteriormente, o primeiro roteiro de questionário (Apêndice I) estruturado contou com questões objetivas

aplicadas à amostra selecionada para esta dissertação.

Já no roteiro de entrevista semiestruturada disposto no Apêndice II se buscou consolidar as respostas dadas pelos professores em quadros de síntese em relação aos questionamentos sobre o ensino da EF na EJA.

4.3 Técnica de coleta de dados

Segundo Gil (2019), não se pode acreditar que somente os indivíduos são fontes de informações validadas nos estudos acadêmicos. Consideraram-se a seleção de publicações científicas e acadêmicas e o material documental, como registros em papel, arquivos públicos e privados, publicações internas, dados estatísticos etc. como outras fontes de informações para a pesquisa, obtidas mediante documentação indireta.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores da disciplina Matemática, sendo todos da escola objeto deste estudo, que ministram aulas de EF, delineando para o foco esta pesquisa, a EJA. A entrevista semiestruturada é aquela cujas perguntas são pré-formuladas, mas admitindo respostas de forma livre (Gil, 2019).

Neste estudo, especificamente, foi dada abordagem quali-quantitativa pelo fato de empregar dados descritivos e de conteúdo provenientes das entrevistas semiestruturadas, tendo os dados estatísticos (na forma de índices percentuais) como centro do processo de análise do problema levantado. Tanto o questionário aplicado aos alunos quanto as entrevistas realizadas com os professores foram construídas com base nos eixos temáticos abordados pelos autores citados no Referencial Teórico.

Segundo Vergara (2017), a pesquisa quantitativa lida com números e estatísticas, enquanto a pesquisa qualitativa lida com palavras e significados. Os métodos quantitativos permitem que se mensurem sistematicamente variáveis e se testem hipóteses. Os métodos qualitativos permitem explorar conceitos e experiências com mais detalhes. Essa autora assinala que estudos quantitativos dependem de dados numéricos ou mensuráveis. Em contraste, estudos qualitativos se baseiam em relatos pessoais ou documentos que ilustram, em detalhes, como as pessoas pensam ou reagem dentro da sociedade.

4.4 Técnica de análise de dados

Leitão (2021) esclarece que o tratamento de dados é o processo de organizar, estruturar e analisar dados coletados durante uma pesquisa ou estudo, a fim de extrair informações úteis

e relevantes. Esse tratamento pode ser dividido em dois tipos principais: qualitativo e quantitativo. O tratamento qualitativo de dados envolve a análise de informações não numéricas, como textos, entrevistas, observações e documentos. Esse tipo de tratamento é utilizado para compreender conceitos, opiniões ou experiências e geralmente envolve técnicas como análise de conteúdo, análise temática e codificação. A análise qualitativa é interpretativa e busca identificar padrões, categorias e significados nos dados coletados, proporcionando a compreensão mais profunda e detalhada do fenômeno estudado.

No entanto, o tratamento quantitativo de dados é focado na análise de informações numéricas. Ele envolve o uso de técnicas estatísticas para descrever, comparar e inferir relações entre variáveis. Esse tratamento inclui procedimentos como a construção de tabelas e gráficos, cálculo de médias e desvios-padrão, testes de hipóteses e regressões. A análise quantitativa é objetiva e permite generalizações a partir dos dados amostrais para a população estudada, proporcionando resultados que podem ser replicáveis e verificáveis. Melhor dizendo, o tratamento de dados, seja qualitativo ou quantitativo, é determinante para transformar dados brutos em informações úteis, permitindo melhor compreensão e tomada de decisões com base em evidências (Mineiro & Mazzer, 2020).

Já a análise de dados, como assinalam Manzato e Santos (2012), diz respeito ao processo de inspecionar, limpar, transformar e modelar dados com o objetivo de descobrir informações úteis, tirar conclusões e apoiar a tomada de decisões. O referido processo envolve várias técnicas e metodologias, dependendo da natureza dos dados e dos objetivos do estudo. Em contextos educacionais, como a avaliação da importância da disciplina de EF para alunos da EJA, diferentes abordagens de análise podem ser aplicadas, dependendo da forma como os dados são coletados, como questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas.

Foram quantificadas as opiniões coletadas, os dados e outras formas de informações, para se obter uma solução sobre o fenômeno/problema com abordagem quantitativa e qualitativa. Conforme explica Bertucci (2008), a abordagem quantitativa é muito utilizada no desenvolvimento das investigações da relação de causalidade entre os fenômenos, ou seja, em situações de causa e efeito, que no caso deste estudo permitiu que as opiniões dos entrevistados sejam quantificadas e, a partir daí, mensuradas de acordo com os objetivos definidos.

Outro aspecto que deve ser mencionado se refere à transformação dos dados obtidos na pesquisa em informação de fato, revelando-se como o grande desafio deste estudo. Os dados quantitativos foram provenientes da tabulação dos questionários aplicados aos alunos, por meio físico, na sala de aula. A abordagem qualitativa foi dada aos dados coletados das entrevistas respondidas pelos professores da EJA que ministram a disciplina EF.

Foram consideradas as dificuldades que surgem ao tentar integrar a EF ao contexto da EJA, cujos alunos têm origens, experiências de vida e idades bastante variadas. Essa diversidade torna mais difícil criar abordagem única para a EF e diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e contextos culturais, pois isso requer métodos de ensino adaptados às necessidades individuais.

Importante considerar que, antes da aplicação do questionário que buscou avaliar a percepção dos alunos da EJA da Escola Estadual Três Poderes em relação à EF, uma breve explicação sobre o instrumento foi dada nas salas de aula para que os participantes pudessem assimilar melhor os questionamentos, esclarecer dúvidas e dar respostas de forma mais consciente. O Termo de Livre Consentimento foi distribuído aos participantes, considerando que todos são maiores de 18 anos de idade, assegurando o seu anonimato e o sigilo de seus dados.

Respeitando a dificuldade já mencionada por alguns alunos da EJA de usabilidade de *links* e formulários eletrônicos como o *Google Forms*, o questionário foi distribuído nas salas de aula na sua forma física, visando obter informações relevantes sobre o conhecimento, atitudes e comportamentos financeiros dos alunos, devido à sua ampla utilização pelos alunos da EJA, para que se possa alcançar maior taxa de resposta como assinala Vergara (2017).

O questionário contém perguntas de múltipla escolha (escalas de Likert) sugerido por Leitão (2021), abordando temas como conhecimentos básicos de finanças, práticas de planejamento financeiro, poupança, investimentos e hábitos de consumo. Os alunos tiveram 30 dias para responder ao questionário. Lembretes foram feitos durante as aulas semanalmente para aumentar a taxa de resposta.

Foi garantido aos participantes que suas respostas seriam anônimas e utilizadas exclusivamente para fins desta pesquisa. As respostas foram coletadas por meio do roteiro respondido e devolvido pelos participantes, consolidando os dados em uma planilha eletrônica (Excel).

A planilha foi revisada para remover respostas em duplicatas e respostas incompletas. Além disso, fez-se a verificação para garantir que todas as perguntas obrigatórias sejam respondidas. A análise estatística foi descritiva, sendo calculadas as medidas de tendências central (média, mediana, moda) e de dispersão (desvio-padrão) para as variáveis quantitativas. As frequências absolutas e relativas das respostas foram determinadas para todas as questões de múltipla escolha (Mineiro & Mazzer, 2020).

No roteiro de entrevista semiestruturada enviado aos professores, também por meio físico, foram considerados igual dinâmica de distribuição e o lembrete do período para as

respostas. Por se tratar de respostas livres, a abordagem qualitativa foi codificada em categorias temáticas. As respostas qualitativas foram analisadas para identificar padrões e temas recorrentes (Gil, 2019).

A análise dos dados coletados pelos questionários forneceu uma visão da percepção dos alunos da EJA sobre a EF e também dos professores que ministram essa disciplina. Tais resultados foram fundamentais para a elaboração de estratégias educativas que atendam melhor às necessidades desses alunos, promovendo uma gestão financeira mais consciente e eficaz. Para os professores da disciplina EF, entrevistas semiestruturadas são utilizadas para coletar dados qualitativos. O citado tipo de entrevista permite maior flexibilidade, com perguntas abertas que incentivam os professores a expressarem suas opiniões e experiências de forma detalhada.

Ao combinar a análise de dados quantitativos dos questionários estruturados dos alunos com a análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas dos professores, isto é, mediante a estratégia de métodos mistos sugeridos por Vergara (2017) tem-se a possibilidade de alcançar uma visão mais abrangente sobre a importância da disciplina EF. A análise quantitativa fornece a medida objetiva das percepções dos alunos, enquanto a análise qualitativa permite a compreensão mais profunda das experiências e opiniões dos professores. Juntas, essas análises fornecem reflexões valiosas para a melhoria do currículo e das práticas pedagógicas da EF.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados das entrevistas realizadas com os professores da EJA, em conjunto com a análise dos questionários aplicados aos alunos da Escola Estadual Três Poderes. Por meio desses resultados aqui apresentados, examinou-se a percepção de professores e alunos daquela Escola acerca de como o ensino da EF, no âmbito da EJA, pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de autogestão financeira entre os alunos, segundo as perspectivas de professores e alunos.

5.1 Entrevista com os professores da EJA

Nesta seção são apresentados os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro professores da EJA, que integram o conteúdo de EF em suas práticas pedagógicas na Escola Estadual Três Poderes. A figura 13 sintetiza o perfil dos professores entrevistados.

Figura 13

Perfil dos professores (entrevistados) da EJA

Identificação	Gênero	Idade, em anos	Tempo como professor, em anos	Tempo ensinando EF, em anos
Entrevistado 1	Masculino	45	20	3
Entrevistado 2	Feminino	50	25	2
Entrevistado 3	Feminino	38	10	1
Entrevistado 4	Masculino	42	15	2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

De acordo com os dados resumidos na figura 13, pode-se dizer que o tempo relativamente curto de experiência no ensino de EF pode ser reflexo do fato de ser recente a inclusão desse conteúdo na grade curricular da EJA, como iniciada na escola objeto de estudo de caso em 2020, conforme as diretrizes da BNCC citadas por Santos (2018) e Ramalho e Forte (2019). Mesmo sendo professores experientes, com mais de 10 anos atuando como docentes, a experiência deles em EF tem a média de dois anos e reflete a recente abordagem dada à EF nos ciclos de ensino da EJA, fator esse que influencia a maneira como os professores abordam o tema, exigindo adaptação contínua para integrar esses conhecimentos nas aulas de Matemática

e de outras disciplinas.

Em relação ao questionamento acerca da capacitação dos professores para ministrar o conteúdo de EF, os resultados são evidenciados na figura 14.

Figura 14

Capacitação para ensinar EF

Identificação	Capacitação
Entrevistado 1	Cursos na escola e formação <i>online</i>
Entrevistado 2	Participação em seminários e capacitações externas
Entrevistado 3	Cursos oferecidos pela Secretaria de Educação
Entrevistado 4	Investimento em cursos de especialização

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os dados da figura 14 evidenciam a capacitação dos professores e revelam uma variação, indo desde cursos oferecidos pela própria escola até investimentos em especializações. Tal fato pode representar uma tendência dos docentes na busca por formação contínua, mesmo que existam desafios em relação à disponibilidade e qualidade das capacitações oferecidas, como apontado por Sodré (2018), Melo (2019), Kaiser e Menkhoff (2020) e Santos (2021), ao enfatizarem a necessidade de formação mais específica e consistente para o ensino de Educação Financeira.

A figura 15 consolida as respostas acerca da pergunta sobre como os conceitos básicos de economia e finanças são trabalhados e quais os principais temas abordados na programação e proposta pedagógica.

Figura 15

Proposta e temas abordados

Identificação	Proposta Pedagógica e Temas Abordados
Entrevistado 1	Saúde financeira, gestão do dinheiro, cenários financeiros
Entrevistado 2	Alfabetização financeira, habilidades financeiras básicas
Entrevistado 3	Exploração de exercícios matemáticos e práticos no cotidiano
Entrevistado 4	Gestão financeira no dia a dia, conforme a BNCC

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Considerando as respostas, observa-se que os entrevistados deixam claro que a EF é integrada, especialmente nas aulas de Matemática, com ênfase em Saúde Financeira e Gestão

do Dinheiro. A referida abordagem busca munir os alunos com as habilidades esperadas para uma autogestão financeira eficaz, alinhando-se com os princípios propostos por Ramalho e Forte (2019) e Xisto (2020).

Foi também perguntado aos entrevistados o que eles percebem a respeito do que desperta mais interesse nos alunos nas aulas que envolvem a EF e do que gera mais dificuldade, conforme demonstrado na figura 16.

Figura 16

Interesse e dificuldades dos alunos

Identificação	Interesse dos alunos	Dificuldade dos alunos
Entrevistado 1	Interesse em associar a Matemática à Gestão Financeira	Dificuldade em gerenciar recursos financeiros
Entrevistado 2	Interesse em superar desafios econômicos	Dificuldade em cálculos e compreensão de legislação
Entrevistado 3	Interesse em estratégias financeiras	Dificuldade em desenvolver ferramentas de Gestão Financeira
Entrevistado 4	Importância da EF no cotidiano	Dificuldades em cálculos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

De acordo com o que foi consolidado nas respostas dos professores respondentes, eles identificaram que, mesmo os alunos demonstrando interesse em aprender sobre finanças, especialmente em relação à Matemática e à superação de desafios econômicos, eles também enfrentam dificuldades expressivas nas áreas de cálculos financeiros e compreensão de aspectos legais, o que evidencia a demanda por metodologias didáticas mais acessíveis e práticas, conforme sugerido por Martins (2019) e Lusardi (2019).

Procurou-se saber quais são os desafios para levar a instrução financeira para a EJA, como se vê na figura 17.

Figura 17

Desafios na EF

Identificação	Desafio na EF
Entrevistado 1	Alinhar a grade curricular de forma mais padronizada
Entrevistado 2	Assegurar a clareza sobre o que deve ser ensinado
Entrevistado 3	Definir bases consistentes para a EF
Entrevistado 4	Nivelar o conteúdo e as bases da EF

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Conforme a percepção dos professores entrevistados, os principais desafios relatados pelos professores incluem a necessidade de padronizar e clarificar a grade curricular, como dito por Teixeira (2015), garantindo que todos os alunos recebam formação consistente e adequada em EF, aspecto também mencionado por Accorsi *et al.* (2018). Esse alinhamento é fundamental para que a EF se torne ferramenta eficaz na formação de cidadãos conscientes e capazes de gerir suas finanças pessoais de maneira eficiente, como abordado por De Araújo Silva, Gomes (2023) e Oliveira (2024).

Sobre a pergunta aos professores se a forma como a EF tem sido trabalhada na EJA prepara o aluno para lidar melhor com o dinheiro no dia a dia, os resultados são dispostos na figura 18.

Figura 18

Preparação dos alunos para a Gestão Financeira

Identificação	Abordagem na EF
Entrevistado 1	Ensino de conceitos básicos: orçamento, poupança, dívida, investimento
Entrevistado 2	Finanças pessoais como parte vital do cotidiano
Entrevistado 3	Trabalho com orçamento, economia, uso de crédito
Entrevistado 4	Gestão financeira e orçamento dos rendimentos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os entrevistados, em suas respostas, destacam que a forma como a EF tem sido trabalhada na EJA conta com o ensino de conceitos básicos de finanças, como orçamento e poupança, o que se alinha ao pensamento de Ramalho e Forte (2019) e Paula (2022), ao sustentarem que os referidos assuntos são essenciais para preparar os alunos para uma gestão financeira responsável. Esses conhecimentos, além de facilitarem a vida cotidiana dos alunos, são fundamentais para que eles possam planejar melhor seu futuro financeiro, como afirmado por Martins (2019) e Bavaresco (2021).

Foi também perguntado se existe algum projeto de referência que os professores podem descrever como exemplo de êxito para a EF na EJA como observado na figura 19.

Figura 19*Projetos de referência em EF*

Identificação	Projeto de referência descrito
Entrevistado 1	Projeto de gamificação: simulação financeira com alunos
Entrevistado 2	Atividades educacionais alinhadas ao currículo com apoio da BM & FBOVESPA
Entrevistado 3	Liga de Mercado Financeiro da UFMG
Entrevistado 4	Projeto Aprender Valor, do Banco Central

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os professores respondentes mencionaram diversos projetos que têm sido bem-sucedidos na EF, desde simulações gamificadas até atividades estruturadas em parceria com instituições financeiras. Os citados projetos são considerados importantes instrumentos e recursos para o ensino de EF, proporcionando aos alunos experiências práticas e interativas que complementam o aprendizado teórico como reforçam Schotten *et al.* (2020).

Por fim, foi questionado aos professores como o ensino de EF na EJA pode ser melhorado, como visto na figura 20.

Figura 20*Sugestões para melhoria do ensino de EF*

Identificação	Sugestão para melhoria do ensino
Entrevistado 1	Maior capacitação para os professores
Entrevistado 2	Materiais didáticos que auxiliem no planejamento financeiro
Entrevistado 3	Parcerias entre instituições financeiras e escolas
Entrevistado 4	Projetos integradores entre escolas e outras entidades

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os entrevistados forneceram respostas apontando que a capacitação contínua dos professores, o desenvolvimento de materiais didáticos específicos e a formação de parcerias entre escolas e instituições financeiras são medidas cruciais para a melhoria do ensino de EF. Como defendem Ramalho e Forte (2019) e Cherobim (2019), essas ações são determinantes para assegurar professores mais bem preparados e com amplo domínio para ministrar a EF, de modo que os alunos da EJA aprendam melhor e estejam bem preparados para gerenciar suas

finanças de forma autônoma e consciente.

5.2 Questionário aplicado aos alunos

É importante considerar que esta seção resume os dados sintetizados no questionário aplicado aos alunos em relação ao ensino de EF no ciclo da EJA. Dos 87 questionários distribuídos, foram respondidos e validados 73.

Na figura 21, são apresentados a divisão dos alunos respondentes da pesquisa e o seu perfil, considerando um total de 73 respostas.

Figura 21

Perfil dos alunos respondentes

Período da EJA	1º perfil	2º perfil	3º perfil
		15	26
Sexo	Feminino	Masculino	Prefiro não responder
	46	22	5
Idade – Faixa etária	De 18 a 30 anos	De 31 a 50 anos	De 51 ou mais
	17	29	27
Renda familiar	De 1 a 3 sm	De 4 a 6 sm	Mais de 6 sm
	46	22	5
Número de membros na família (que moram na mesma casa)	Mora sozinho	De 2 a 4 pessoas	De 4 a 6 pessoas
	18	40	15

Fonte: Dados primários da pesquisa, 2024.

Considerando o perfil dos alunos respondentes, estes estão na EJA no 1º período, que tem 15 alunos (15,4%); no 2º período, 26 alunos (33,3%); e no 3º período, 32 alunos (41,0%). Pode-se extrair que existe progressão no número de alunos conforme eles avançam nos períodos, o que acaba indicando maior permanência dos estudantes à medida que evoluem no curso. Tal situação pode ser relacionada com o aumento do interesse ou da necessidade de conclusão da escolaridade básica, que é um fenômeno discutido em estudos sobre EJA, de acordo com Vasconcelos (2018), Cherobim (2020) e Xisto (2020).

Em relação à distribuição por sexo, têm-se 46 alunos (58,9%) do sexo feminino, 22 (28,2%) do masculino e 6,4% dos que preferiram não. O predomínio feminino entre os respondentes pode refletir a realidade apontada por autores como Resende *et al.* (2020), que destacam a maior participação de mulheres em programas de EJA, muitas vezes devido à interrupção anterior dos estudos para dedicação à família.

Em relação à faixa etária de 18 a 30 anos, têm-se 17 alunos (21,8%); alocados na faixa

de 31 a 50 anos, 29 alunos (37,2%); e na faixa de 51 anos ou mais, 27 alunos (34,6%). Melhor explicando, a maioria dos alunos está na faixa de 31 a 50 anos, seguidos pela faixa acima de 51 anos. Trata-se de um indicativo de que a EJA atrai, principalmente, adultos em idade madura que não puderam completar os estudos na juventude, como reforçam Xisto (2020) e Bavaresco (2021).

Na renda familiar, observa-se que 46 alunos (59,0%) recebem de 1 a 3 salários mínimos; 22 alunos (28,2%), de 4 a 6 salários mínimos; e 5 alunos (6,4%), mais de 6 salários-mínimos. A maioria dos alunos conta com renda familiar baixa, o que corresponde às características socioeconômicas comuns dos estudantes da EJA, conforme observado por Xisto (2020) e Araújo Silva e Gomes (2023). A baixa renda, em geral, associa-se à necessidade de retorno à escola para melhorar a qualificação e, conseqüentemente, as condições de vida, como assinala Flores (2013).

Em relação ao número de membros na família, aqueles que moram sozinhos são 18 alunos (23,1%); as famílias que têm de 2 a 4 pessoas são 40 (51,3%); e nas famílias compostas por 4 a 6 pessoas foram registrados 15 alunos (19,2%).

Percebe-se que mais da metade dos alunos vivem em famílias pequenas, com até quatro membros, o que pode indicar a existência de um contexto familiar que possibilita, ou até estimula, o retorno à educação, de acordo com Viana, Silva e Rufino (2023). Já o grupo que mora sozinho pode estar enfrentando desafios adicionais relacionados à conciliação de trabalho, estudo e responsabilidades pessoais, como menciona Flores (2013).

A maior parte dos respondentes é do sexo feminino e possui renda baixa (1 a 3 salários mínimos), associação que pode denotar a realidade de mulheres chefes de família ou que assumem a maior parte das responsabilidades domésticas. Portanto, elas demandam melhor qualificação para ingressar no mercado de trabalho ou melhorar a renda (Oliveira, 2024).

Sobre a faixa etária majoritária (31 a 50 anos), ela se alinha com a maior presença no 2º e 3º períodos da EJA, o que significa que muitos alunos deram início aos estudos mais tarde e estão avançando na escolaridade, o que é comum em EJA, devido a trajetórias escolares interrompidas, como sustentam Negri (2020) e De Araújo Silva e Gomes (2023).

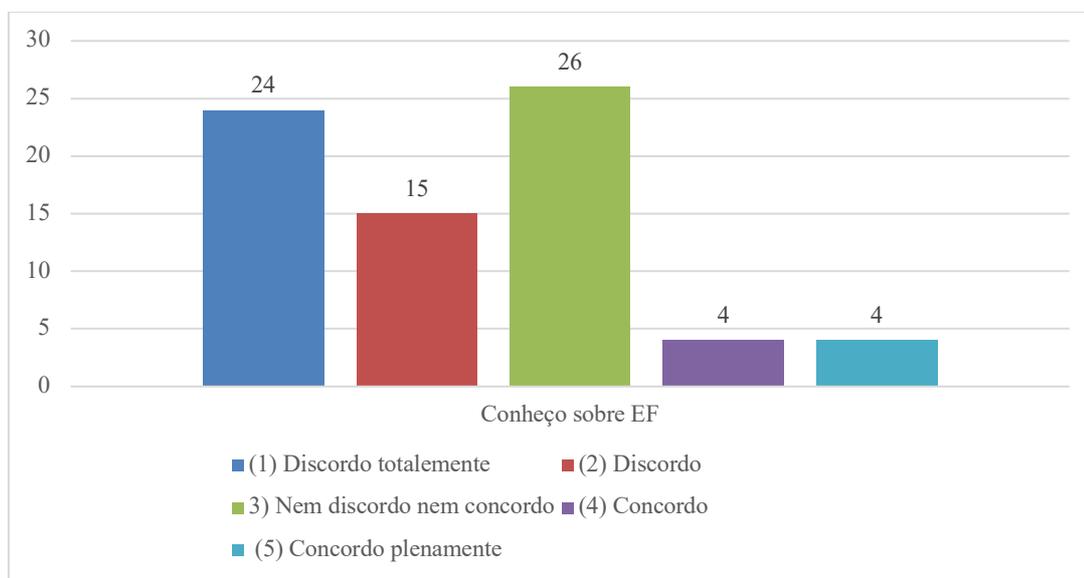
Os dados indicam que os alunos da EJA são, em sua maioria, mulheres, de renda baixa e com idade entre 31 e 50 anos, vivendo em famílias pequenas. Esses fatores refletem os desafios econômicos e sociais que esses indivíduos enfrentam, reforçando a importância da EJA como meio de inclusão social e melhoria das condições de vida, conforme argumentado por diversos autores na literatura revisada (Kistemann Jr.; Xisto, 2024).

Na escala Likert foram consideradas as alternativas: (1) Discordo totalmente; (2)

Discordo; (3) Nem discordo nem concordo; (4) Concordo; e (5) Concordo plenamente, para representação de resposta dos alunos em relação à sua realidade. E, inicialmente, foi questionado se os respondentes consideram que conhecem o que é EF, conforme ilustra a figura 22.

Figura 22

Conhecimento do que é EF



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

A maior parcela dos alunos, 26 (35,62%) respondeu que não discorda e nem concorda, indicou posição neutra, o que sugere que eles não têm opinião formada ou o seu conhecimento sobre EF é superficial, apontando que esse grupo pode estar ciente do conceito, mas não o compreende de modo mais profundo, e isso acaba por representar uma necessidade de maior instrução e clareza sobre o tema. Um número expressivo de alunos, 24, (32,88%) discorda totalmente de que conhecem o que é EF, aspecto que se mostra preocupante, pois pode indicar falta de compreensão ou de exposição ao tema, o que pode refletir em dificuldades na gestão financeira pessoal e familiar. Outros 15 (20,55%) alunos também expressaram desconhecimento, ainda que de forma menos evidente que os do grupo anterior. Mesmo assim, essa quantidade significativa sustenta a necessidade de um programa educativo mais robusto em EF.

Poucos alunos (4 para cada nível) afirmam ter conhecimento sobre EF, o que representa que a minoria revela confiança em seu entendimento do tema, sugerindo que esses alunos podem ter tido alguma educação formal ou informal em finanças.

O elevado número de respostas neutras e negativas, visto em 65 alunos (somando os que responderam "Nem discordo nem concordo", "Discordo" e "Discordo totalmente"), deixa

claro que a maioria dos alunos não possui conhecimento sólido sobre EF, refletindo as lacunas no currículo educacional ou na ausência de programas de conscientização sobre o assunto.

No tocante ao baixo nível de conhecimento positivo, vale observar que apenas oito alunos expressaram concordância em conhecer o tema, significando uma pequena fração do total. Melhor dizendo, é um indicativo de que a EF não tem sido prioridade nos ambientes educacionais desses alunos ou, mesmo, que as oportunidades de aprender o assunto são restritas.

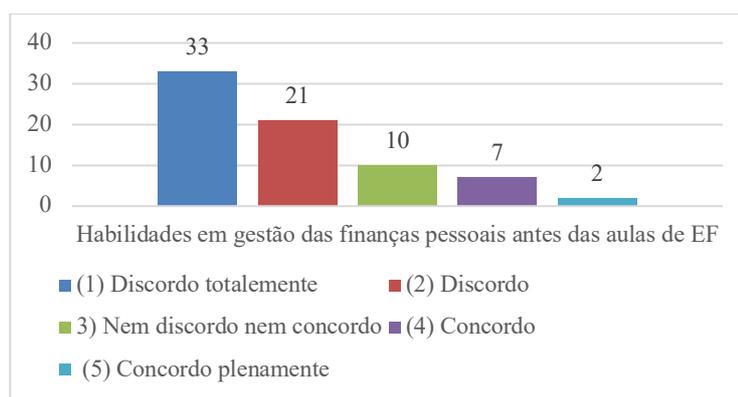
Os resultados do Gráfico 1 apontam que a maioria dos alunos não conta com boa compreensão sobre EF, o que pode comprometer suas habilidades para a tomada de decisões financeiras informadas. O referido cenário aponta para a importância de implementar programas educacionais com foco na melhoria do entendimento dos alunos em relação a finanças pessoais, o que é determinante para sua vida futura.

A literatura sobre EF, como apontada por Gonçalves (2019), Negri (2020) e De Araújo Silva e Gomes (2023), sustenta o conhecimento financeiro como essencial para a gestão eficaz dos recursos e para a estabilidade financeira em longo prazo. Portanto, iniciativas para potencializar a alfabetização financeira entre os alunos precisam ser consideradas prioritárias.

Foi perguntado aos respondentes se, na visão deles, eles tinham habilidades na gestão das finanças pessoais antes das aulas de EF, como mostrado no Gráfico 2.

Figura 23

Possuía habilidades na gestão das finanças pessoais antes das aulas de EF



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

As respostas dos alunos em relação às suas habilidades em gestão das finanças pessoais antes das aulas de EF demonstram que 33 alunos (46,5%) discordam totalmente; foram 21 alunos (29,6%) que responderam discordar; aqueles que responderam que nem discordam nem concordam foram 10 alunos (14,1%); os que concordam foram 7 (9,8%) e aqueles que concordam plenamente foram 4 (5,6%).

Os dados indicam que a maioria dos alunos (76,1%) afirmou não ter habilidades em gestão de finanças pessoais antes das aulas de EF, com 46,5% discordando totalmente e 29,6% discordando. O referido resultado indica que a falta de conhecimento financeiro básico é comum entre os estudantes, o que sustenta a importância das aulas de EF para o desenvolvimento dessas habilidades.

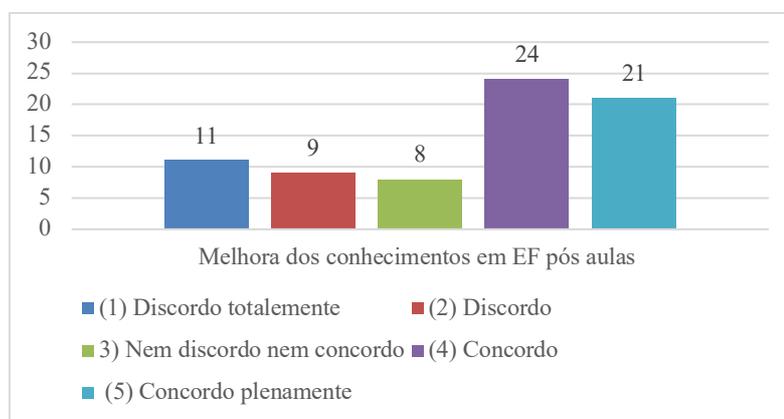
No tocante à resposta "Nem discordo nem concordo" escolhida por 14,1% dos alunos, tem-se o indicativo de que uma parcela dos estudantes não revelou certeza sobre sua capacidade de gerenciar suas finanças, possivelmente em razão da ausência de experiência ou compreensão do que contempla uma gestão financeira eficiente. Somente 15,4% dos alunos (somando os que concordam e concordam plenamente) disseram ter habilidades em gestão financeira antes das aulas. O pequeno percentual pode estar ligado à experiência prévia desses alunos em situações em que precisaram administrar suas finanças ou à exposição a algum tipo de orientação financeira anterior.

Os referidos dados revelam a necessidade crítica de uma EF estruturada para capacitar os estudantes, que majoritariamente entraram no curso com pouca ou nenhuma habilidade de gestão financeira, como dito por Xisto (2020) e Bavaresco (2021). A EF é imprescindível para o desenvolvimento de competências que permitirão aos alunos tomarem decisões financeiras informadas e responsáveis, refletindo, positivamente, seu bem-estar econômico e social ao longo da vida.

Também foi perguntado se os alunos consideram que melhoraram seus conhecimentos em EF depois das aulas, como pode ser visto na figura 24.

Figura 24

Melhoraram os conhecimentos em EF



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Pode-se observar que em relação à afirmação "Melhoraram os conhecimentos em EF " depois de terem assistido às aulas de EF, os que discordam totalmente foram 11 alunos (15,5%);

os que discordam foram 9 (12,7%); os que nem discordam e nem concordam somaram oito alunos (11,3%); os que concordam foram 24 (33,8%); e os que concordam plenamente, 21 alunos (29,6%).

Analisando os dados, tem-se que a maioria dos alunos (63,4%) percebeu melhoria em seus conhecimentos de EF posteriormente às aulas; 33,8% concordaram; e 29,6% concordaram plenamente com a afirmação. Os números apontam que as aulas de EF tiveram impacto positivo notório na maioria dos alunos, aumentando seu entendimento sobre o assunto.

No entanto, 28,2% dos alunos não perceberam melhoria considerável, 15,5% discordaram totalmente e 12,7% discordaram da afirmação. Tais dados sugerem que, mesmo com o impacto positivo para a maioria, ainda existe parcela relevante dos alunos que podem não ter absorvido o conteúdo de forma eficaz, possivelmente em razão dos diferentes níveis de engajamento ou de dificuldades na compreensão dos conceitos abordados, como citaram Carvalho e Scholz (2019) e Hurtado e Freitas (2020).

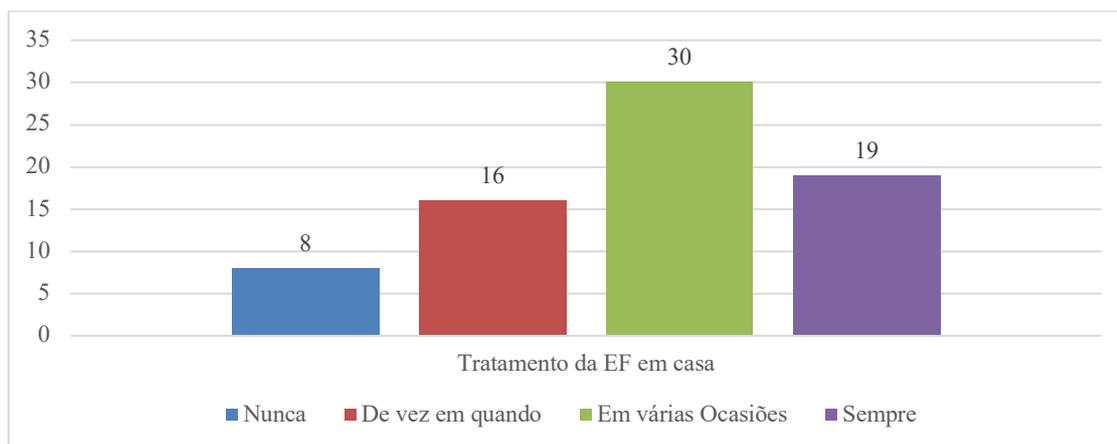
O grupo que se manteve neutro ("Nem discordo nem concordo") representa 11,3% dos alunos, indicando que esses estudantes podem ter tido percepção intermediária sobre o aumento de seus conhecimentos, não sendo suficiente para formar uma opinião definitiva.

Em geral, os resultados demonstram que, para a maioria dos alunos, as aulas de EF foram eficazes em melhorar seus conhecimentos sobre a EF, o que é um apontamento positivo para o currículo dessa disciplina. Porém, a existência de parcela significativa de alunos que não perceberam essa melhoria acaba por indicar a necessidade de readequar as metodologias de ensino utilizadas, para assegurar que todos os estudantes consigam aproveitar, de modo pleno, o conteúdo apresentado.

Buscou-se saber quando a EF é tratada na rotina dos alunos respondentes (figura 25).

Figura 25

Tratamento da EF na rotina de casa



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os alunos que responderam “Nunca” foram 8 (11%), ou seja, uma pequena parte dos entrevistados não realiza o tratamento da EF em casa, significando que a maioria tem algum grau de engajamento com o tratamento. A alternativa “de vez em quando” foi registrada por 16 (22%), indicando que uma parcela moderada realiza o tratamento de forma ocasional, o que denota falta de consistência ou obstáculos para uma prática mais regular. Foram 30 (41%) os que responderam “em várias ocasiões”, significando que a maior parte dos entrevistados realiza o tratamento em diferentes ocasiões, o que sugere um compromisso significativo, mas não necessariamente uma prática contínua. Os que responderam “sempre” foram 19 (26%), isto é, uma parcela considerável segue o tratamento de forma constante, indicando forte engajamento e, talvez, um compromisso mais rigoroso com o tratamento.

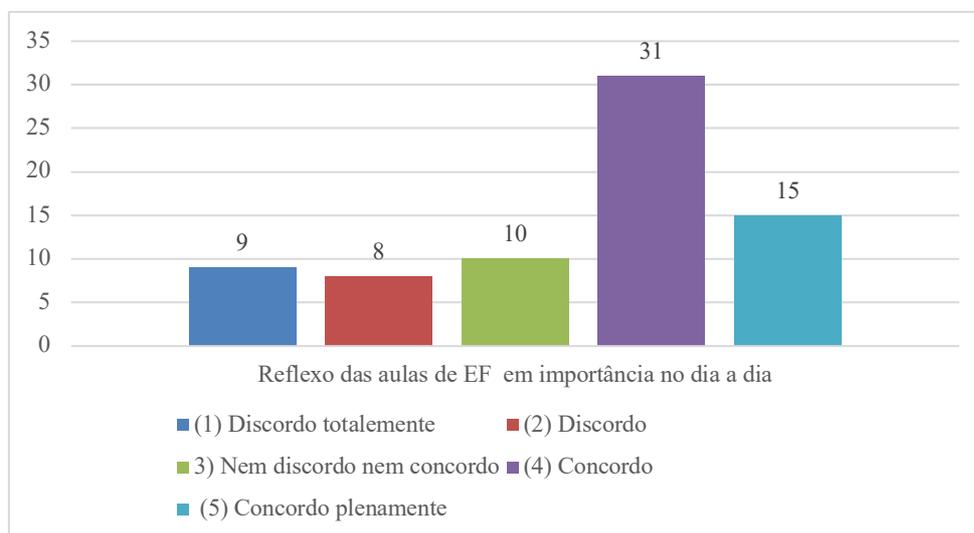
Pode-se dizer que os dados evidenciam que a maior parte dos indivíduos realiza o tratamento da EF em casa de forma variada, com uma proporção significativa praticando-o de forma consistente. Existe distribuição, de certo modo, equilibrada entre os que o realizam frequentemente e os que não realizam ou realizam ocasionalmente.

Em busca de melhor adesão e caminhando na ótica de Coutinho (2022), Araújo Silva e Gomes (2023) defendem a identificação e abordagem das barreiras enfrentadas pelos que praticam "de vez em quando" ou "nunca". Não obstante, entender os fatores contribuintes para que uma pessoa realize o tratamento "sempre" pode oferecer pontos de reflexão determinantes na promoção de maior adesão entre os outros grupos.

Na figura 26, têm-se os resultados da pergunta aos alunos, considerando o aprendizado e o conteúdo ministrado nas aulas, se a EF tem grande importância no dia a dia deles.

Figura 26

O aprendizado e o conteúdo das aulas de EF refletem importância no dia a dia



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Observa-se que a desaprovação indicada em “Discordo totalmente” e “Discordo” obteve 17 respostas (12% + 11% = 23%), apontando que pequena parcela dos entrevistados não enxerga ou não percebe o reflexo das aulas de EF como elemento importante no dia a dia. Tal constatação acaba sugerindo percepção limitada do impacto dessas aulas nessa parte da amostra. Um indicativo de neutralidade, visto na alternativa “Nem discordo nem concordo”, é registrado por 10 respostas (14%), significando que um número moderado de pessoas não possui opinião definida sobre a importância das aulas de EF na sua rotina. Tem-se a expressão da ausência de percepção clara ou de visão neutra em relação ao impacto dessas aulas.

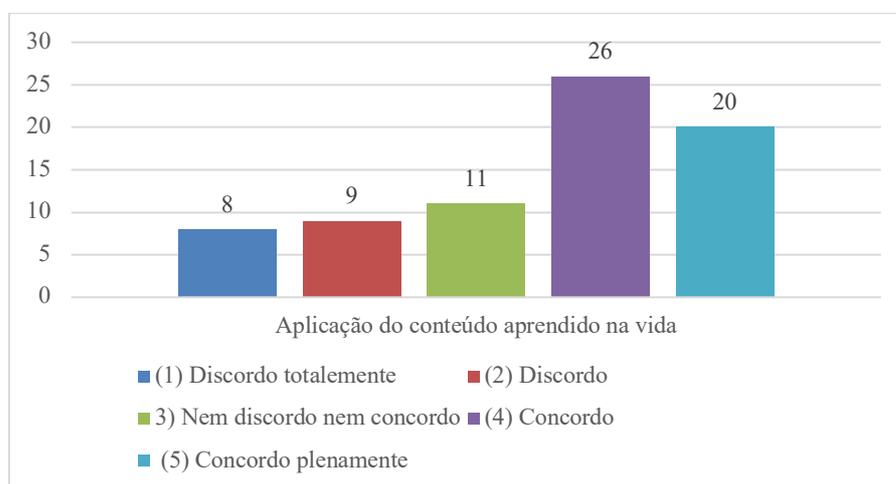
Em relação à aprovação (concordo e concordo plenamente), esta teve seu registro dado por 46 respostas (42% + 21% = 63%), ou seja, a maioria dos entrevistados reconhece e valoriza o reflexo positivo das aulas de EF em sua vida diária, em que 42% concordam e 21% concordam plenamente. Tal constatação aponta que as aulas de EF são percebidas como relevantes e benéficas por parcela expressiva dos participantes, o que está alinhado ao pensamento defendido por Garg e Singh (2018) e Carvalho e Scholz (2019).

Os dados evidenciam que a maior parte dos entrevistados acredita que as aulas de EF têm impacto positivo em sua vida cotidiana, mesmo que pequena parcela não considere isso importante e outra parte neutra, a maior parcela dos respondentes, expresse concordância com a importância das aulas. Para melhorar ainda mais a percepção e eficácia das aulas, sugere-se explorar mais minuciosamente, o que contribui para a percepção positiva e os desafios enfrentados por aqueles que não veem a mesma importância.

Perguntado aos alunos se eles aplicam o conteúdo aprendido em suas vidas, os resultados são mostrados na figura 27.

Figura 27

Aplicação do conteúdo aprendido na vida



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

De acordo com os dados apresentados, pode-se dizer que a percepção dos indivíduos sobre a aplicação do conteúdo aprendido em suas vidas está em desaprovação (Discordo totalmente e Discordo) para 17 respondentes (8 + 9, respectivamente), 23% indicando que pequena parte dos entrevistados não vê a aplicação do conteúdo aprendido como relevante ou útil em suas vidas. A referida visão pode significar falta de conexão entre o conteúdo aprendido e a vida prática ou uma percepção negativa em relação à aplicabilidade do material.

O sentido de neutralidade (nem discordo nem concordo) foi registrado por 11 (15%) alunos, o que denota um número moderado de pessoas que estão em estado neutro quanto à aplicação do conteúdo aprendido. Os referidos entrevistados podem não ter opinião clara ou podem não ter experimentado, de modo significativo, a aplicação prática do conteúdo em suas vidas.

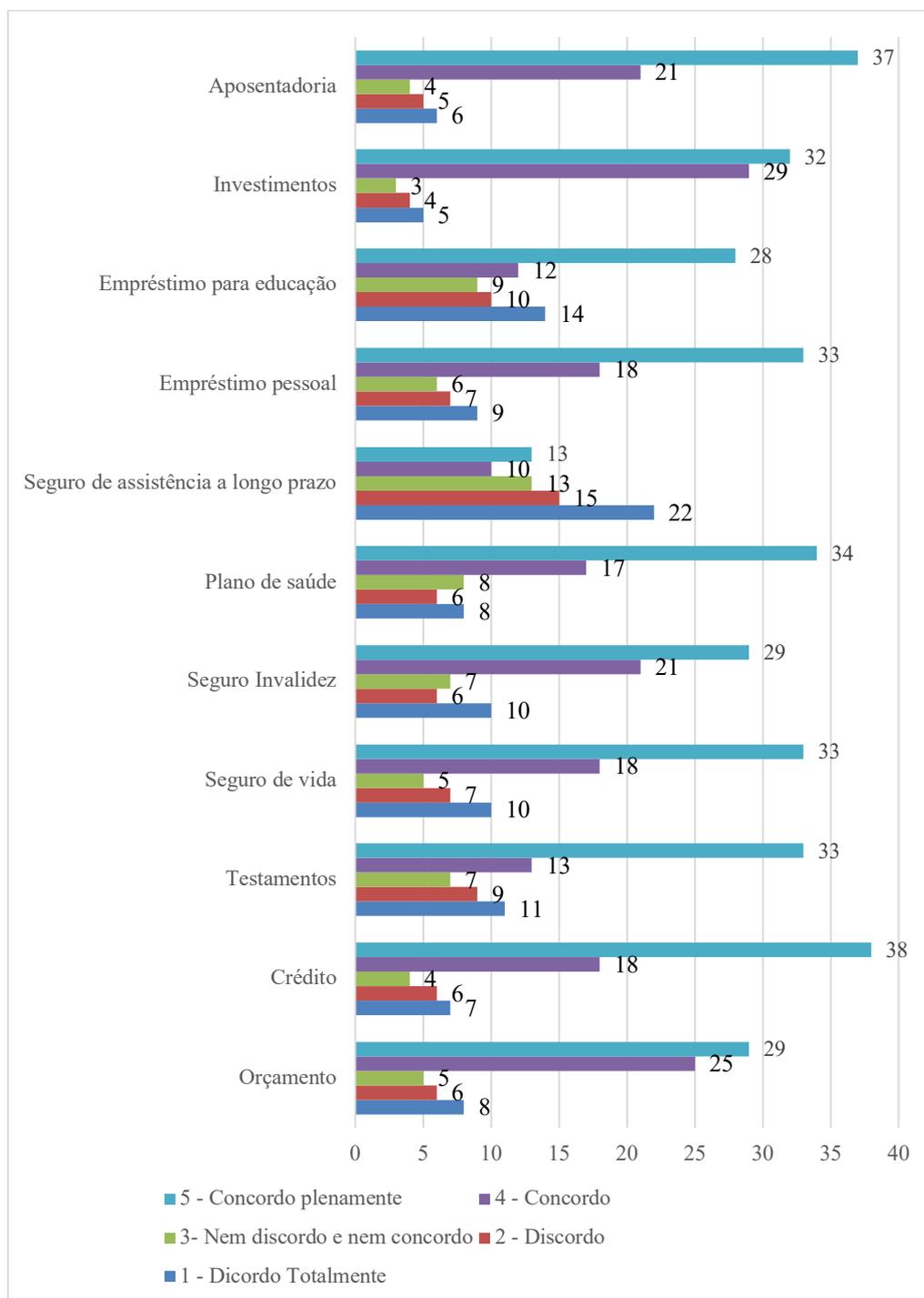
A aprovação (concordo e concordo plenamente) foi vista em 46 respostas (26 + 20, respectivamente – 62%), indicando que a maior parte dos entrevistados acredita que o conteúdo aprendido é aplicável e relevante para suas vidas. Com 35% concordando e 27% concordando plenamente, tem-se a clara percepção positiva em relação à utilidade do conteúdo fora do ambiente de aprendizado.

Compreende-se que a maior parte dos entrevistados vê o conteúdo aprendido como aplicável e relevante para suas vidas diárias. Mesmo uma parcela menor tendo visão negativa ou neutra sobre a aplicabilidade do conteúdo, a tendência geral mostra-se como positiva. A referida percepção favorável pode significar que o conteúdo abordado é percebido como prático e útil pelos participantes, o que acaba indicando aspecto positivo sobre a qualidade e relevância do material ensinado. A melhoria continuada da aplicabilidade passa pela identificação das áreas específicas, que auxiliam a visão negativa ou neutra a buscar formas de conectar o conteúdo de maneira mais eficaz na vida prática dos alunos.

A questão seguinte buscou saber o que os alunos acreditam que deve ser mais bem explorado nas aulas de EF (figura 28).

Figura 28

O que deve ser mais bem explorado nas aulas de EF



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Os resultados obtidos revelam diversas percepções e atitudes em relação aos diferentes

temas abordados nas aulas de EF no âmbito da EJA e permite uma melhor compreensão da importância atribuída aos tópicos e das possíveis áreas de maior atenção para melhoria do processo de ensino. No quesito “Aposentadoria”, 50,68% dos entrevistados registraram “Concordar plenamente” com a demanda de ser mais explorado nas aulas de EF, enquanto 6,85% concordaram. Somente 2,74% discordaram totalmente e 5,48% discordaram. Esses resultados apontam uma percepção considerável de importância associada à aposentadoria, significando a percepção da necessidade de planejamento financeiro e proteção para o futuro entre os participantes.

O critério “Investimentos” também revelou uma elevada taxa de concordância, com 43,84% dos respondentes afirmando “Concordar plenamente” e 13,70% “Concordar”. Foram 2,74% discordaram completamente e 5,48% discordaram. Esses dados sugerem que os participantes valorizam a educação financeira direcionadas à gestão de investimentos e à construção de patrimônio, compreendendo-a uma competência útil e importante para serem exploradas no contexto da EJA.

O microtema “Empréstimo para educação” recebeu uma resposta mista, com 38,36% dos participantes responderam “Concordar plenamente” e 12,33% concordando. No entanto, 2,74% discordaram totalmente e 6,85% discordaram. Os referidos resultados evidenciam a relevância percebida do empréstimo como uma alternativa financeira para acesso a educação e melhoria da formação profissional, mas também representam uma menor aceitação geral em comparação com outros temas.

Sobre o subtema “Empréstimo pessoal” revelou que 45,21% dos entrevistados disseram “Concordar plenamente” e 9,59% “Concordar”. E 2,74% discordaram totalmente e 5,48% discordaram. Esses dados reforçam a importância do crédito pessoal como ferramenta para atender às necessidades financeiras dos indivíduos, embora haja uma pequena proporção de respostas negativas.

O microtema “Seguro de assistência a longo prazo” demonstrou maior taxa de discordância, com 15,07% discordando totalmente e 9,59% discordando. No entanto, 30,14% concordaram plenamente e 17,81% concordaram. A referida discrepância sugere uma menor percepção de importância e uma certa relutância em relação à adoção deste tipo de seguro, possivelmente devido à percepção de custo e complexidade associada.

O “Plano de saúde” teve 46,58% de respostas em “Concordar plenamente” e 13,70% em “Concordar”. A menor taxa de discordância (2,74%) também aponta uma aceitação razoável, porém algumas pessoas ainda manifestaram dúvidas e contrariedade (4,11% discordaram totalmente e 4,11% discordaram). Os referidos dados revelam a importância

percebida do plano de saúde como parte da proteção financeira, mas também sugerem a necessidade de melhor comunicação e acesso às opções disponíveis.

Sobre a percepção em relação ao “Seguro Invalidez”, esta mostra 39,73% “Concordando plenamente” e 12,33% “Concordando”. No entanto, 2,74% discordaram totalmente e 5,48% discordaram, o que indica uma aceitação majoritária do seguro como importante para o planejamento financeiro e a proteção contra riscos, mas com algumas ressalvas.

Os dados pertinentes ao “Seguro de vida” indicam que 45,21% dos participantes concordaram plenamente e 9,59% concordaram. A menor taxa de discordância (2,74%) indica uma aceitação geral deste tipo de seguro, embora se tenha uma pequena parcela de discordância (4,11% discordaram totalmente e 6,85% discordaram).

No subtema “Testamentos”, 45,21% dos entrevistados disseram “Concordar plenamente” e 12,33% “Concordar”. Ao mesmo tempo, 2,74% discordaram totalmente e 5,48% discordaram. Os referidos dados evidenciam a importância percebida dos testamentos como um instrumento útil de planejamento financeiro e legado familiar, mas também significa uma preocupação ou relutância associada ao assunto.

O microtema “Crédito” alcançou a maior taxa de concordância, com 52,05% afirmando “Concordar plenamente” e só 2,74% discordando totalmente. Os referidos resultados indicam que o crédito é percebido como um meio útil e acessível para os participantes, destacando a importância da gestão financeira e do planejamento de longo prazo.

E, finalmente, em se tratando de “Orçamento”, 39,73% dos participantes concordaram plenamente e 13,70% concordaram. A maior taxa de discordância foi de 6,85%, indicando uma aceitação moderada, mas também apontando possíveis desafios na implementação e aceitação de práticas orçamentárias como uma ferramenta pedagógica e de ensino na EJA.

Compreende-se, portanto, que os temas relacionados ao crédito, investimentos e aposentadoria são percebidos com alta importância pelos participantes, refletindo a valorização de estratégias de gestão financeira e planejamento de longo prazo. No entanto, temas como o seguro de assistência a longo prazo e o empréstimo para educação são considerados de menor relevância, possivelmente devido a barreiras percebidas em termos de custo, complexidade e comunicação.

referidos dados ressaltam a necessidade de readequação do foco e da abordagem nos cursos de Educação Financeira, garantindo a eficácia e a relevância dos conteúdos ministrados. A adaptação pedagógica e a oferta de opções que melhorem a compreensão e o acesso aos tópicos discutidos podem aperfeiçoar a aceitação e a eficácia da educação financeira na EJA.

6 DISCUSSÃO

A análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os quatro professores da EJA na Escola Estadual Três Poderes entrevistados revela um cenário que reflete as transformações recentes e os desafios constantes na implementação da EF, alinhando-se com a literatura acerca do tema.

Pode-se dizer que o curto período de experiência dos professores em ensino de EF, iniciado em 2020 em razão da inclusão desse tema na BNCC, resultou em abordagens pedagógicas, mesmo em fase de adaptação, como cita Gonçalves (2019). A referida realidade é abordada na literatura como reflexo das recentes diretrizes educacionais, que exigem dos docentes integração eficaz dos conceitos financeiros em disciplinas como Matemática.

Como postula Lima (2022), essa adequação contínua é determinante para assegurar que os conteúdos sejam relevantes e acessíveis aos alunos da EJA, de acordo com o evidenciado por estudos que debatem a inclusão de novos conteúdos na grade curricular.

A oscilação na capacitação dos professores, desde cursos internos até especializações pessoais, enfatiza a busca por formação contínua, ainda que se tenham desafios quanto à qualidade e disponibilidade dessas formações. Cherobim (2020) destaca a importância de uma formação consistente para o ensino de EF, um ponto que se alinha com as percepções dos professores entrevistados.

A lacuna na formação especializada sugere a necessidade de políticas educacionais que garantam uma capacitação mais uniforme e acessível, para que os professores possam desenvolver competências adequadas para ensinar finanças, como citado por Vasconcelos (2018), Melo (2019) e Santos (2021).

Segundo Gonçalves (2019), a EF na EJA, conforme também relatado pelos professores entrevistados, é predominantemente integrada nas aulas de Matemática, focando saúde financeira e gestão do dinheiro. Tal abordagem está alinhada aos princípios sugeridos por Campos (2021), que defende a importância de equipar os alunos com habilidades práticas para a autogestão financeira.

A centralização do conteúdo nas aulas de Matemática pode indicar uma metodologia que busca tornar o aprendizado relevante e aplicável ao cotidiano dos alunos, embora isso também possa limitar a interdisciplinaridade e a exploração de conteúdos da EF mais amplos.

Os professores entrevistados observam que, mesmo com o interesse dos alunos em aprender acerca das finanças, principalmente no tocante aos temas práticos, como matemática

e desafios econômicos, ocorrem dificuldades notáveis em áreas como cálculos financeiros e aspectos legais. Nesse limiar, Lima (2022) sugere que essas dificuldades podem ser abrandadas por metodologias didáticas mais acessíveis e práticas, apontando para a necessidade de inovação pedagógica e de materiais de apoio que tornem o conteúdo mais compreensível para os alunos da EJA.

Outros aspectos a serem analisados são a padronização da grade curricular e a necessidade de uma formação consistente em EF, desafios esses mencionados pelos professores e, também, por Araújo Silva e Gomes (2023). O referido alinhamento curricular é essencial para garantir a formação eficaz e equitativa, como discutido por diversas evidências na literatura, como Santos (2021) e Lima (2022), que apontam a EF como ferramenta de máxima importância para a formação de cidadãos conscientes e financeiramente responsáveis.

O destaque na preparação dos alunos para uma gestão financeira responsável, mediante o ensino de conceitos básicos como orçamento e poupança, é visto como essencial pelos professores. Essa abordagem é corroborada por Martins (2019) e Bavaresco (2021), que destacam a importância de ensinar finanças de forma que os alunos possam aplicar esses conhecimentos no dia a dia, melhorando suas perspectivas econômicas futuras.

Não obstante, os professores mencionaram projetos bem-sucedidos na EF, como simulações gamificadas e parcerias com instituições financeiras. Esses projetos são vistos como práticas exemplares que complementam o ensino teórico, proporcionando aos alunos experiências práticas valiosas. A literatura de referência reforça a eficácia dessas iniciativas em tornar o aprendizado mais envolvente e aplicável, como visto em Kaiser *et al.* (2022).

Importa observar que as sugestões dos professores para melhorar o ensino de EF na EJA, como capacitação contínua, desenvolvimento de materiais didáticos específicos e parcerias com instituições financeiras, refletem as necessidades apontadas por fontes acadêmicas. As citadas ações são percebidas como determinantes para preparar os alunos da EJA para uma gestão financeira autônoma e consciente, assegurando que a EF cumpra seu papel transformador na vida dos alunos, como analisado por Martins (2019) e Santos (2021).

Além disso, a correlação entre as respostas dos professores e a literatura revela uma convergência na percepção dos desafios e na busca por soluções, indicando um caminho de aperfeiçoamento contínuo no ensino de EF na EJA.

No que se refere aos resultados apresentados pelas respostas dos 73 alunos da EJA, em geral, pode-se dizer que revelam importantes reflexões no que diz respeito à percepção dos estudantes sobre a EF. A análise a seguir correlaciona os dados com o perfil dos respondentes, dando uma visão detalhada sobre as demandas e eficácia das aulas de EF.

Importante ressaltar que a maioria dos alunos se encontra no 3º período (41%), seguido pelo 2º (33,3%) e pelo 1º (15,4%), sugerindo maior permanência e progresso dos alunos à medida que avançam nos períodos, o que indica aumento do comprometimento com a conclusão da escolaridade básica, como reforçam Gonçalves (2019) e Kaiser *et al.* (2022).

O predomínio feminino entre os alunos respondentes, com 58,9%, pode significar maior participação de mulheres na EJA, podendo se relacionar com a retomada dos estudos após interrupções anteriores para dedicação à família. A maior parte dos alunos está na faixa de 31 a 50 anos (37,2%), seguida pela faixa de 51 anos ou mais (34,6%). A presença expressiva de adultos maduros reforça a premissa de que a EJA atrai, em especial, indivíduos que não puderam completar seus estudos na juventude, como citado por Campos (2020).

A maior parcela dos alunos (59,0%) possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, o que está condizente com as características socioeconômicas típicas dos estudantes da EJA. Como destaca Santos (2021), a baixa renda está geralmente associada à necessidade de qualificação para melhorar as condições de vida.

A maioria dos alunos vive em famílias pequenas, com até quatro membros (51,3%), representando um contexto familiar que acaba por estimular o retorno à educação. Assim, tem-se ainda uma parcela significativa (23,1%) morando sozinha e enfrentando desafios adicionais relacionados à conciliação de trabalho, estudo e responsabilidades pessoais.

Destaca-se que alto número de alunos (65) indicou posição neutra ou negativa em relação ao conhecimento sobre EF, evidenciando que a maioria não possui entendimento sólido de EF. Apenas oito alunos demonstraram confiança no conhecimento adquirido, o que sugere um abismo no currículo educacional também frisado por Resende *et al.* (2020).

Antes das aulas, 76,1% dos alunos afirmaram não ter habilidades em gestão de finanças pessoais, o que reflete a importância de um programa educativo estruturado que capacite os estudantes, que, como também foi ressaltado por Kaiser *et al.* (2022), majoritariamente entraram no curso com pouca ou nenhuma habilidade de gestão financeira.

A maioria dos alunos (63,4%) percebeu melhoria em seus conhecimentos de EF posterior às aulas, significando impactos positivo e significativo nas aulas. No entanto, 28,2% dos alunos não perceberam melhoria considerável, apontando a necessidade de revisar as metodologias de ensino para consolidar uma compreensão mais eficaz. Segundo Xisto (2020), a EF formal é essencial para melhorar a compreensão e a gestão de recursos financeiros, especialmente em grupos vulneráveis como os alunos da EJA.

Assuntos como crédito, investimentos e aposentadoria foram vistos como os mais importantes pelos alunos, o que pode ser explicado pela necessidade de planejamento e

segurança financeira identificada entre os estudantes da EJA. A referida valorização de temas práticos e diretamente aplicáveis à vida cotidiana é reforçada por Schotten *et al.* (2020), que enfatizam a importância de ensinar conteúdos que os alunos possam utilizar de forma imediata em suas vidas.

A maior parte dos alunos (62%) acredita que o conteúdo aprendido é aplicável e relevante para suas vidas, indicando percepção positiva sobre a utilidade do conteúdo ensinado. No entanto, 23% dos alunos não veem a aplicação do conteúdo como relevante, o que pode refletir desconexão entre o conteúdo aprendido e a vida prática.

De acordo com Xisto (2020), a aplicação eficaz do conhecimento financeiro exige não só a compreensão dos conceitos, mas também a habilidade de os implementar no contexto da vida real, algo que pode ser dificultado por fatores como baixa renda ou falta de apoio.

Os dados que apontam que uma parcela expressiva dos alunos não percebeu melhoria substancial no conhecimento financeiro sugerem a necessidade de aperfeiçoar as metodologias de ensino. A literatura sugere que métodos interativos e contextualizados, que levem em consideração a realidade dos alunos, são mais eficazes em promover a EF (OECD, 2017).

Os itens "Crédito", "Investimentos" e "Aposentadoria" foram considerados de alta importância, indicando que os alunos valorizam a gestão financeira ativa e o planejamento de longo prazo. Em contraste, temas como "Seguro de assistência em longo prazo" e "Empréstimo para educação" foram percebidos como menos relevantes, o que pode indicar a necessidade de reavaliação da abordagem desses temas nas aulas, como também defendem Garg e Singh (2018) e Carvalho e Scholz (2019).

Foi possível extrair que, embora a maioria dos alunos tenha percebido melhoria em seus conhecimentos de EF, ainda existem espaços significativos que precisam ser abordados. O predomínio de respostas neutras ou negativas em relação ao conhecimento prévio e à aplicação prática dos conteúdos aprendidos indica a necessidade de reforçar e adaptar as estratégias pedagógicas para assegurar que todos os alunos possam aproveitar plenamente as aulas de EF.

A análise também sugere relevância de temas como crédito e investimentos, enquanto outros, como seguro de assistência em longo prazo, demandam abordagem mais contextualizada para aumentar seu valor percebido. Esses apontamentos são cruciais para a construção de um currículo que atenda melhor às necessidades dos alunos da EJA, proporcionando-lhes ferramentas determinantes para a gestão financeira e melhoria de sua qualidade de vida.

Os resultados alcançados nos 73 questionários aplicados aos alunos da EJA sobre EF podem ser sustentados por várias discussões presentes na literatura acadêmica, que tratam as

especificidades dessa modalidade de ensino, bem como os desafios e a importância da EF.

A maioria dos alunos indicou desconhecimento ou compreensão superficial sobre EF. Esse dado é consistente com a literatura que discute a alfabetização financeira em populações de baixa renda e baixa escolaridade. Estudos como o de Lusardi (2019) e Martins (2019) destacam que o desconhecimento em relação aos conceitos financeiros básicos é comum em populações menos favorecidas, o que reflete diretamente a capacidade desses indivíduos de tomar decisões financeiras informadas e eficazes.

Portanto, os resultados dos questionários são sustentados por alguns dos autores citados ao longo desta dissertação, o que evidencia a importância de se adaptar a EF ao perfil específico dos alunos da EJA, abordando tanto suas necessidades práticas quanto as barreiras que podem enfrentar na aplicação do conhecimento. A implementação de programas de EF bem estruturados e sensíveis ao contexto dos alunos pode contribuir significativamente para melhorar sua capacidade de gerir recursos financeiros e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

Tanto os professores quanto os alunos reconheceram a importância da EF na formação acadêmica e pessoal, sendo esse um ponto de concordância. Isto é, ambos os grupos podem ter concordado que o conhecimento em finanças pessoais é imprescindível para a vida cotidiana e para o futuro financeiro dos alunos, o que sugere convergência na percepção da qualidade e aplicabilidade do material.

Somente os professores entrevistados defendem a melhoria no comportamento financeiro dos alunos após as aulas de EF, mas os estudantes, em sua maioria, não relataram mudança positiva expressiva nas práticas financeiras de suas vidas. Ademais, os professores acreditam que os alunos compreenderam bem o conteúdo, embora indicam que ainda têm dificuldades em certos tópicos, e isso representa divergência e sugere que os métodos de ensino precisam ser adequados para melhor atender às necessidades dos estudantes.

Os professores, no entanto, não se mostram satisfeitos com o método de ensino utilizado, bem como os alunos que acham as aulas enfadonhas ou difíceis de acompanhar. Os docentes demonstram acreditar que o método pode ser melhorado, e os discentes parecem preferir abordagens mais interativas ou práticas.

Os professores defendem que as aulas de EF terão impacto sólido e os alunos também estão convencidos de que aplicarão esses conhecimentos no futuro, o que indica divergência nas expectativas de longo prazo.

7 PROPOSTAS FUTURAS

Neste capítulo, tem-se a descrição do Plano de Ação para Melhorar a EF e o Desenvolvimento dos Alunos da EJA na Escola Estadual Três Poderes, o qual foi elaborado com o propósito de proporcionar aos alunos conhecimentos essenciais para a gestão de suas finanças pessoais e, assim, contribuir para o seu desenvolvimento econômico e social.

A iniciativa busca integrar a EF ao currículo da EJA, abordando assuntos pertinentes a essa disciplina, como orçamento doméstico, crédito, investimentos e planejamento para o futuro. A implementação do plano aqui sugerido busca oferecer maior estímulo para a autonomia dos alunos, capacitando-os para a tomada de decisões financeiras informadas e conscientes, além de promover cultura de responsabilidade financeira na comunidade escolar.

O plano apresentado na Figura 29 traz a proposta de realização de *workshops*, palestras e atividades práticas que contemplem tanto alunos quanto professores, para garantir abordagem holística da EF. Os citados eventos devem ser complementados por materiais didáticos e recursos digitais que facilitam o aprendizado contínuo e a aplicação prática dos conceitos abordados em sala de aula.

Não obstante, deve ser feito acompanhamento contínuo dos resultados, com ajustes periódicos no plano para suprir às necessidades específicas dos alunos, promovendo, desse modo, uma EF que não só esclarece, mas transforma a realidade financeira dos participantes da EJA na Escola Estadual Três Poderes.

Figura 29

Plano de ação para melhorar a EF e o desenvolvimento dos alunos da EJA na Escola Estadual Três Poderes

Ação	Objetivo	Estratégia	Responsável	Prazo	Recurso necessário	Indicador de sucesso
1. Capacitar os Professores	Melhoria da qualificação dos professores para o ensino de EF	Oferta de <i>workshops</i> e cursos de capacitação em EF	Direção e Coordenação Pedagógica	3 meses	Parcerias com instituições financeiras e educacionais	Número de professores capacitados e <i>feedback</i> positivo

2. Desenvolver Material Didático	Criação e adaptação de materiais didáticos para a realidade dos alunos da EJA	Produção de modo colaborativo –Professores e especialistas em EF	Professor es e especialis tas	4 meses	Recursos didáticos, livros e acesso a plataformas virtuais	Qualidade e relevância do material didático utilizado
3. Implementar Aulas Práticas	Tornar o aprendizad o de EF mais prático e aplicável	Integra simulações financeiras e estudos de caso práticos nas aulas	Professor es	6 meses	Recursos para simulações financeiras e casos adaptados à realidade dos alunos	Participaç ão ativa dos alunos e aplicação prática do conteúdo
4. Acompanha mento Individualiza do	Oferta de suporte personaliz ado para alunos com dificuldade s	Mentoria e acompanha mento individual com foco em EF	Professor es e Orientad ores	6 meses	Horários de mentoria, materiais de apoio individualiz ados	Melhoria no desempen ho dos alunos em avaliações de conhecim ento financeiro
5. Cria Grupos de Estudo e Discussão	Promove a troca de experiênci as e conhecime ntos entre	Forma grupos de estudo focados em tópicos específicos	Alunos e Professor es	Contín uo	Espaço físico adequado e horários definidos	Engajame nto dos alunos nos grupos e qualidade das

	os alunos	de EF				discussões
6. Avalia de modo contínuo e dá <i>feedback</i>	Monitora e ajusta o plano de ação conforme necessário	Aplica avaliações periódicas e reuniões de <i>feedback</i> com alunos e professores	Coordenação Pedagógica	12 meses	Recursos de avaliação e canais de comunicação eficientes	Adaptação contínua e melhoria dos indicadores de sucesso

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

De modo a melhorar a EF e o desenvolvimento dos alunos da EJA na Escola Estadual Três Poderes, acredita-se que é preciso implementar um conjunto de ações planejadas que visam não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a adaptação dos conteúdos à realidade e necessidades específicas dos alunos. Conforme apontado por autores como Lusardi (2019), Martins (2019) e Santos (2021), a EF eficaz é fundamental para a gestão dos recursos pessoais e o bem-estar financeiro no longo prazo.

Sobre a “Capacitação dos Professores”, considera-se que a formação contínua dos docentes é crucial para garantir que eles estejam aptos a ensinar EF de forma eficaz. *Workshops* e cursos específicos permitirão que os professores adquiram as competências necessárias, fazendo uso de metodologias ativas que engajem os alunos. A literatura destaca que professores bem preparados contam com mais capacidade de contextualizar o conteúdo, de forma que ressoe com os alunos (Xisto, 2020; Santos, 2021).

No que concerne ao “Desenvolvimento de Material Didático”, a criação de materiais que reflitam a realidade dos alunos da EJA é imprescindível para o ensino da EF. O desenvolvimento desses materiais precisa ser feito em colaboração com especialistas, assegurando que sejam relevantes e aplicáveis. Os materiais devem contar com uma abordagem das principais preocupações financeiras dos alunos, como orçamento familiar e crédito, temas que foram enfatizados como prioritários pelos próprios alunos, como reforçam (Philippas & Avdoulas, 2021).

Na “Implementação de Aulas Práticas”, tem-se o detalhamento de que as aulas práticas, contemplando simulações e estudos de caso, são determinantes para que os alunos possam aplicar o que aprendem em situações do cotidiano. Estudos sugerem que o aprendizado ativo, em que os alunos participam de atividades práticas, é mais eficaz do que a aprendizagem puramente teórica, como defendem Nascimento e Strohschoen (2023).

Sobre o item “Acompanhamento Individualizado”, pode-se ver que nem todos os alunos aprendem no mesmo ritmo, e alguns podem apresentar maiores dificuldades em compreender certos conceitos. Sessões de mentoria e de acompanhamento individualizado são necessárias para atender às necessidades específicas de cada aluno, assegurando que todos possam acompanhar o conteúdo, como sugerido por Santos (2018).

A “Criação de Grupos de Estudo e Discussão” diz respeito a grupos de estudo que são excelentes na maneira de estimular a colaboração entre os alunos, permitindo que troquem experiências e conhecimentos. Os referidos grupos podem abordar temas específicos e ajudar a reforçar o conteúdo aprendido em sala de aula, de acordo com o que defendem Martins (2019) e Lima (2022)

Sobre a “Avaliação Contínua e *Feedback*”, nota-se que, para assegurar que o plano de ação esteja no rumo certo, é válido implementar um sistema de avaliação contínua. Reuniões periódicas de *feedback* com alunos e professores permitirão ajustes no plano de ação, assegurando que ele se mantenha eficaz e relevante ao longo do tempo, aspecto também defendido por Nascimento e Strohschoen (2023).

O plano de ação aqui apresentado mostra-se como ponto de partida para transformar a EF na Escola Estadual Três Poderes, promovendo o desenvolvimento pessoal e econômico dos alunos da EJA. Com implementação cuidadosa e avaliação constante, a escola poderá contribuir, de modo expressivo, para a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida dos seus alunos, alinhando-se às melhores práticas recomendadas na literatura.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, o objetivo geral foi demonstrar como a cultura da EF, no contexto da EJA, contribui para o desenvolvimento de um comportamento de autogestão financeira entre os alunos a partir das percepções de professores e estudantes da Escola Estadual Três Poderes. Pode-se dizer que a pesquisa foi fundamentada em três objetivos específicos, que envolveram descrever a percepção dos alunos sobre o conteúdo abordado nas aulas de EF; descrever a percepção dos professores sobre o que é explorado nas aulas; e, por fim, comparar essas percepções para uma análise crítica dos pontos fortes e fracos do ensino de EF na EJA.

Com relação ao objetivo específico que buscou descrever a percepção dos professores sobre o que é explorado nas aulas em relação à EF para os alunos da EJA da E.E. Três Poderes, a partir dos resultados, foi possível constatar que tanto professores quanto alunos reconhecem a importância da EF no desenvolvimento da autogestão financeira. Os alunos demonstraram entendimento básico sobre finanças pessoais, mas apresentaram dificuldades em aplicar esses conceitos de maneira eficaz na vida cotidiana. Muitos relataram que, embora entendam a importância de controlar gastos e poupar, as limitações econômicas e a falta de planejamento financeiro estruturado permanecem sendo desafios significativos.

Os professores, no entanto, evidenciam que, embora os conceitos fundamentais sejam abordados em sala de aula, existe uma lacuna entre o conteúdo teórico e a prática diária dos alunos. Além disso, os discentes citaram a necessidade de materiais didáticos mais contextualizados à realidade dos alunos da EJA, que muitas vezes lidam com múltiplas responsabilidades, como trabalho, família e estudos. A percepção dos professores é de que, mesmo o conteúdo sendo pertinente, tem-se uma demanda por metodologias mais práticas e aplicáveis, que possam ser diretamente transpostas para o cotidiano dos alunos.

Com relação ao objetivo específico que se voltou a descrever a percepção dos alunos no que concerne ao conteúdo dado nas aulas de EF, os alunos, em sua maioria, entendem as aulas de EF como úteis, mas muitos sentem que os conteúdos abordados ainda são insuficientes para que possam aplicar, de modo efetivo, o que aprendem em suas vidas financeiras. Eles expressaram o desejo por mais exemplos práticos e representações que possam ser implementadas imediatamente, como estratégias de poupança acessíveis e métodos para o pagamento de dívidas. O referido *feedback* deixa clara a necessidade de uma abordagem pedagógica mais prática e voltada para a realidade financeira dos estudantes.

Entretanto, os professores defendem que o conteúdo explorado em sala de aula cobre os aspectos essenciais da EF, mas reconhecem que os desafios enfrentados pelos alunos fora da

escola limitam a eficácia desse ensino. Ademais, alguns professores ressaltaram que o tempo destinado ao tema é insuficiente para aprofundar os conhecimentos necessários para uma real transformação de comportamento financeiro. Também foi evidenciada a importância de uma formação continuada dos professores para que possam atualizar e diversificar suas abordagens pedagógicas, ajustando-se às necessidades específicas dos alunos da EJA.

Na comparação das percepções de alunos e professores, referindo-se ao terceiro objetivo específico, notam-se tanto convergências quanto divergências. Ambos os grupos trazem o reconhecimento da relevância da EF, mas divergem quanto à adequação do conteúdo e à eficácia das aulas em promoverem adequações comportamentais significativas. Enquanto os professores sustentam que o conteúdo é adequado, os alunos sentem que precisam de mais ferramentas práticas para aplicar o que aprendem.

A mencionada divergência indica a necessidade de uma revisão curricular que inclua maior integração entre teoria e prática, além de diálogo constante entre educadores e alunos para adequar as metodologias de ensino às demandas reais dos estudantes. A criação de oficinas práticas e o uso de tecnologia e de recursos visuais, além de maior tempo dedicado ao tema, são estratégias sugeridas para reforçar o ensino de EF na EJA.

Em síntese, a EF na EJA é claramente aspecto determinante para a formação de cidadãos mais conscientes e capazes de gerir suas finanças com autonomia. No entanto, para que essa formação seja eficaz, é preciso que o ensino seja contextualizado e alinhado às realidades vividas pelos alunos. A partir dos resultados deste estudo, recomenda-se que a Escola Estadual Três Poderes implemente ações que propiciem maior aproximação entre a teoria ensinada em sala e a prática diária dos alunos. Isso pode incluir a elaboração de projetos interdisciplinares, a utilização de casos reais como estudo e a formação contínua de professores.

No campo das contribuições organizacionais, vale ressaltar que é imprescindível que políticas públicas sejam desenvolvidas para assegurar a ampliação do tempo e dos recursos dedicados ao ensino de EF na EJA, possibilitando que os alunos adquiram não só o conhecimento, mas também a confiança necessária para exercer uma gestão financeira eficaz em suas vidas. Esta dissertação contribui para a compreensão do papel da EF na EJA e sugere caminhos para que essa educação seja mais impactante e transformadora na vida dos alunos.

Além disso, têm-se algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados e suas implicações. De início, a pesquisa foi realizada em uma única instituição, a Escola Estadual Três Poderes, o que pode restringir a generalização dos resultados para outras instituições de EJA. A amostra, composta por um número específico de alunos e professores dessa escola, pode não refletir a diversidade de experiências e percepções presentes em demais

escolas com particularidades distintas, sejam elas relacionadas à localização geográfica, à infraestrutura ou ao perfil socioeconômico dos estudantes.

Destaca-se ainda que este estudo se baseou em questionários aplicados aos alunos e aos professores, o que, mesmo eficiente para a coleta de dados, pode não captar percepções mais profundas das percepções e sentimentos dos participantes. A subjetividade das respostas, influenciada por fatores como o contexto pessoal e emocional no momento da aplicação, pode ter impactado os resultados. Também, o fato de que os questionários são instrumentos auto declaratórios pode levar a um viés de resposta, em que os participantes podem dar respostas que consideram socialmente desejáveis ou que refletem mais suas aspirações do que suas práticas reais.

Outro ponto a ser considerado é o foco no conteúdo abordado nas aulas e nas percepções dos participantes, não trazendo análise mais detalhada das práticas pedagógicas específicas ou do currículo de EF. Essa constatação acaba limitando a compreensão de como os métodos de ensino específicos refletem a absorção do conteúdo e a aplicação prática por parte dos alunos. Também não foram consideradas variáveis externas que podem influenciar o comportamento financeiro dos alunos, como a situação econômica do país, o acesso a recursos financeiros e o suporte familiar.

Em razão das limitações deste estudo, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o escopo da investigação para incluir múltiplas escolas de diferentes regiões e contextos socioeconômicos. Essa sugestão permitirá uma análise comparativa mais ampla e contribuirá para a compreensão de como a EF na EJA oscila em diferentes ambientes educacionais e culturais.

Acredita-se que seria positiva a realização de estudos qualitativos complementares, como entrevistas em profundidade ou grupos focais, que poderiam proporcionar compreensão mais rica e detalhada das experiências e percepções dos alunos e professores. Os métodos em questão podem revelar *insights* que não são captados por questionários, como os desafios emocionais e sociais enfrentados pelos alunos ao tentarem aplicar o que aprendem em sala de aula.

Vale ainda mencionar a sugestão para futuros estudos da análise longitudinal, acompanhando o desenvolvimento dos alunos ao longo do tempo, para observar se as práticas de autogestão financeira aprendidas na EJA se mantêm e se fortalecem depois da conclusão dos estudos. Assim, podem-se fornecer dados valiosos sobre a eficácia em longo prazo do ensino de EF na EJA e sobre a sua influência na vida financeira dos ex-alunos.

Por fim, pesquisas futuras poderiam, ainda, explorar a integração de novas tecnologias

e metodologias de ensino na EF, avaliando o impacto de ferramentas digitais, jogos educativos, *e-learning* e simulações financeiras na aprendizagem e aplicação prática do conhecimento adquirido pelos alunos. Essa linha de investigação pode identificar abordagens inovadoras que potencializam a eficácia do ensino de Educação Financeira para o público da Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

Accorsi, R. De S., Lopes, J. R. M., De Lames, E. R., Machado, R. De Q., & Lames, L. Da C. J. (2018). Influência do curso de Administração nas finanças pessoais de seus alunos. *Acta Negócios*, 1(2)79-106.

Arkin, H., & Colton, R. (1995). *Pesquisa: o que é e para que serve*. (2. ed.). Brasília: SEBRAE.

Almeida, B. T. de. (2024). *Orientações para formatação de teses e dissertações: baseadas nas normas American Psychological Association APA*. Belo Horizonte: Unihorizontes. 46 p

Amagir, A., Groot, W., Maassen van den Brink, H., & Wilschut, A. (2018). A review of financial-literacy education programs for children and adolescents. *Citizenship, Social and Economic Education*, 17(1)56-80.

Bavaresco, J. (2021). *EF na escola*. (1. ed.). Jundiaí [SP]: Paco. 196 p.; 21 cm.

Berry, J., Karlan, D., & Pradhan, M. (2018). The impact of financial education for youth in Ghana. *World Development*, v. 102, p. 71-89.

Beraldo, L. (2022). *OCDE aprova o plano de adesão do Brasil e de outros países ao grupo*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-06/ocdeaprova-plano-de-adesao-do-brasil-e-de-outros-paises-ao-grupo>.

Bm & FBovespa. (2012). *Resultados da avaliação de impacto do projeto piloto de EF nas escolas*. Recuperado de: https://www.vidaedinheiro.gov.br/wpcontent/uploads/2017/04/avaliacao_educacao_financeira_escolas.pdf.

Borges, A. C. (2021). *A educação como foco da estratégia de desenvolvimento econômico*. Recuperado de: www.segs.com.br/seguos/319719-a-educacaocomo-foco-da-estrategia-de-desenvolvimento-economico.

Brasil. (2017). *Entenda a ENEF – Infográfico*. Recuperado de:

<https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Infografico-frente-mesclado.pdf>.

Brasil. (2017). *Estratégia Nacional de EF, Quem Somos*. Recuperado de: www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos.

Brasil. (2017). *Para crianças e jovens*. Recuperado: www.vidaedinheiro.gov.br/para-criancas-e-jovens.

Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEF. Recuperado de: [/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).

Brasil. (2018). *Orientações para EF nas Escolas*. Brasília: Governo Federal. https://www.vidaedinheiro.gov.br/wpcontent/uploads/2018/03/Info-EscolasFinal_alterado.pdf. Acesso em: 3 de abr. 2024.

Brasil. (2021). *O ministério da economia e a OCDE*. Recuperado de: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/ocde>.

Brown, A., Collins, J. M., Schmeiser, M. D., & Urban, C. (2014). State mandated financial education and the credit behavior of young adults. *Citizenship, Social and Economic Education*, 17(1)56-80.

Brown, M., Henchoz, C., & Spycher, T. (2018). Culture and financial literacy: Evidence from a within-country language border. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v. 150, p. 62-85

Campos, M. B. (2021). *EF na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*. (Versão Eletrônico). Recuperado de: https://www2.ufjf.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-_Marcelo-Bergamini-Campos.pdf.

Carvalho, L. A., & Scholz, R. H. (2019). *Se vê o básico do básico, quando a turma rende”*:

cenário da EF no cotidiano escolar. (2. ed.). São Paulo: Atlas.

Cherobim, A. P. M. S. (2020). *Finanças pessoais: conhecer para enriquecer*. (2. ed.) São Paulo: Atlas.

Cordeiro, N. J. N., Costa, M. G. V., & Silva, M. N. Da. (2018). EF no brasil: uma perspectiva panorâmica. *Ensino Da Matemática Em Debate*, 5(1), 69-84. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/36841>.

Da Guia, M. C., Soares, J. L. J., Gomes, D. W. R., & Chrisostomo, E. (2023). Finanças comportamentais: a relação entre o nível de EF e os vieses cognitivos. *Entrepreneurship*, 7(2) 1-14.

D'aquino, C. (2017). *EF: como educar seus filhos*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Domingos, R. (2018). *Terapia financeira*. São Paulo: Nossa Cultura.

Estratégia Nacional de EF – ENEF. (2018). *Estratégia Nacional de EF. Livros – Ensino fundamental*. Recuperado de: https://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensinofundamental/?doing_wp_cron=1668879360.9529430866241455078125.

Estratégia Nacional de EF – ENEF. (2018). *Estratégia Nacional de EF. Livros – Ensino médio*. Recuperado de: https://www.vidaedinheiro.gov.br/livrosensinomedio/?doing_wp_cron=1668879506.3134160041809082031250.

Estratégia Nacional de EF – ENEF. (2018). *No relatório anual é possível verificar o andamento das principais ações promovidas pela Estratégia Nacional de EF*. Recuperado de: https://www.vidaedinheiro.gov.br/relatorioanual/?doing_wp_cron=1668879729.5481519699096679687500.

Foucault, M. (2003). *Ditos e escritos. Ética, estratégia, poder-saber*. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ergün, K. (2018). Financial literacy among university students: a study in eight European countries. *International journal of consumer studies*, v. 42(1)2-15.

Flores, S. A. M., Vieira, K. M., & Coronel, D. A. (2023). Influência de fatores comportamentais na Propensão ao Endividamento. *Revista de Administração Faces Journal*, v. 12(2).

Futura Organização Não Governamental. *EJA e os desafios de inclusão e permanência agravados pela pandemia*. (2022). Recuperado de: <https://futura.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/eja-e-os-desafios-de-inclusao-e-permanencia-agravados-pela>.

Garg, N., & Singh, S. (2018). Financial literacy among youth. *International Journal of Social Economics*, v. 45(1), p. 173-186.

Goyal, K., & Kumar, S. (2021). Financial literacy: a systematic review and bibliometric analysis. *International Journal of Consumer Studies*, v. 45(1) 80-105.

Hurtado, A. P. G., & Freitas, C. C. G. (2020). A importância da EF na EJA. *Revista de Educação Popular*, v. 19(3)56-76.

Ignácio De Souza, J., & Flores, C. R. (2020). Da construção do objeto de uma pesquisa para a história da EF. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ENAPHEM, 5., 2020. *Anais...* p.1-4.

Jesus, N. D. L. M. (2019). Finanças pessoais: um estudo sobre as contribuições da EF para a qualidade de vida. *Textura*, 13(21)74-82. Recuperado de: <https://doi.org/10.22479/desenreg2019v13n21p74-82>.

Harmuch, D. (2017). *Tarefas para uma EF: um estudo*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Londrina.

Hartmann, A. L. B., Mariani, R. De C. P., & Maltempi, M. V. (2021). EF no Ensino Médio: uma análise de atividades didáticas relacionadas a séries periódicas uniformes sob o ponto de

vista da Educação Matemática Crítica. *Bolema: Boletim de Educação Matemática [online]*, v. 35(70), p. 567-587. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v35n70a02>.

Kaiser, T., Lusardi, A., Menkhoff, L., & Urban, C. J. (2020). Financial education affects financial knowledge and downstream. *Global Financial Literacy Excellence Center*.

Kaiser, T., Lusardi, A., Menkhoff, L., & Urban, C. (2022). Financial education affects financial knowledge and downstream behaviors. *Journal of Financial Economics*, 145(2)255-272.

Klapper, L., & Lusardi, A. (2020). Financial literacy and financial resilience: evidence from around the world. *Financial Management*, v. 49(3)589-614.

Kistemann Jr., M. A., & Xisto, L. P. (2024). EF com estudantes do 2º ano do Ensino Médio da EJA (EJA) no município de Irupi-ES. *Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática*, v. 24(1) 41-69.

Leitão, C. (2021). A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. *Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação: Abordagem qualitativa de Pesquisa*, v. 3.

Lusardi, A. (2019). Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. *Swiss Journal of Economics and Statistics*, v. 155(1)1-8.

Luz, E. J. F., Ayres, M. A. C., & Melo, M. A. S. (2019). Orçamento Familiar: uma análise acerca da EF. *Humanidades & Inovação*, v. 6(12) 206-218.

Lührmann, M.; Serra-Garcia, M., & Winter, J. (2018). The impact of financial education on adolescents' intertemporal choices. *American Economic Journal: Economic Policy*, v. 10(3) 309-332.

Manzato, A. J., & Santos, A. B. (2012). A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. *Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE–UNESP*, v. 17, p. 1-17, 2012.

Martins, J. P. (2004). *EF ao alcance de todos*. São Paulo: Fundamento Educacional.

Melo, J. M. (2019). *EF: estudo comparado entre discentes de ciências contábeis, administração e direito*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Mendes, R. V. (2018). *Produção textual e o gênero verbete na EJA (EJA): termos da EF*. Porto Alegre: Bookman.

Mineiro, K. M. L., & Mazzer, L. P. (2020). Contabilidade Gerencial: um Estudo Bibliométrico e de Redes Sociais na Produção Científica Publicada nos Periódicos Nacionais de Contabilidade. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 2020, São Paulo, SP, Brasil. *Anais...* São Paulo.

Nascimento, W. G., & Strohschoen, A. A. G. (2023). Ensino de EF no curso técnico integrado ao ensino médio—possibilidades e potencialidades. *Revista Signos*, v. 44(1).

Negri, A. L. L. (2020). *EF para o Ensino Médio da Rede Pública: uma proposta inovadora*. 73 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL, Americana, SP.

OCDE. (2020). *História da OCDE*. Recuperado de: <https://ocde.missaoportugal.mne.gov.pt/pt/ocde/história>.

OCDE. (2021). *Building the future of education*. Recuperado de: <https://www.oecd.org/education/future-of-education-brochure.pdf>.

Olgin, C., & Silva, L. (2021). Interdisciplinaridade: explorando o tema EF na EJA. *Communitas*, v. 5(11)36-55.

Philippas, N. D., & Avdoulas, C. (2021). Financial literacy and financial well-being among generation-Z university students: Evidence from Greece. In: FINANCIAL LITERACY AND RESPONSIBLE FINANCE IN THE FINTECH ERA. *Anais...* Routledge. p. 64-85.

Ramalho, T. B., & Forte, D. (2019). Financial literacy in Brazil – Do knowledge and self-

confidence relate with behavior? *RAUSP Management Journal [online]*, v. 54(1) 77-95. Recuperado de: <https://doi.org/10.1108/RAUSP-04-2018-0008>.

Ramon, R., & Trevisan, E. (2019). EF: um comparativo entre estudantes de escolas públicas e privadas. *REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, [S. l.], v. 7(2) 109-126.

Ribeiro, S. P., Rizzo, M. R., & Scarausi, V. G. S. (2020). EF sob a ótica da análise bibliométrica embasada no portal SPELL. *Revista Brasileira de Administração Científica*, v. 11(3)34-44.

Santos Seixas, G., Santarosa, M. C. P., & Ferrão, N. S. (2020). EF na EJA: proposta de uma sequência didática à luz da Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica. *Research, Society and Development*, v. 9(11).

Santos, Lilian Regina Araujo dos. (2018). *EF escolar na EJA: discutindo a organização orçamentária e a gestão de pequenos negócios informais*. Belo Horizonte: Atlas.

Schotten, Paulo César *et al.* (2020). EF. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO – Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), 1. *Anais...* [S.l.], v. 4, n. 1.

Sodré, A. A. S. L. (2018). *Investigando uma sequência didática sobre juros compostos para a formação em EF de alunos do ensino médio*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

Sousa, L. R. B. (2020). *Técnicas de EF para alunos de EJA*. Jundiaí, SP: Paco.

S & P Ratings Services Global Financial Literacy Survey. (2021). *Pesquisa Global de EF da divisão de ratings e pesquisas da Standard & Poor's*. Recuperado de: <https://gflec.org/initiatives/sp-global-finlit-survey>.

Sturion, B. C., Hartmann, A. L. B., & Mazzi, L. C. (2024). EF e livros didáticos de matemática. (2024). *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 17(45)21-21.

Teixeira, J. (2015). *Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre EF e*

Matemática Financeira. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

UNESCO. (2009). *Global Report on Adult and Learning Education*. Recuperado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000188644>.

Valentim, R. K., Rodrigues, K. C., & Levino, N. (2020). EF: projeto Mulungú de fomento à economia doméstica em uma comunidade do Jacintinho. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 36(3)1220-1247.

Viana, W. Felix, Silva, J. R. Da, & Rufino, M. A. da S. (2023). Uma formação para EJA sobre EF aportada na Etnomatemática e na Teoria da Aprendizagem Significativa. *Série-Estudos*, v. 28(64) 267-288.

Vasconcelos, M. A. de O. (2018). *O Nubank contribui para a EF dos seus usuários?* São Paulo: FGV.

Xisto, L. P. (2020). *EF na EJA (eja): buscando uma visão empreendedora para estudantes adultos no município de Irupi-ES*. São Paulo: FGV.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Entrevista com os professores

Olá, meu nome é EVERTON MANUEL NONATO e sou mestrando do curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes. Este questionário compõe a pesquisa intitulada “EF E O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA, EJA: um Estudo de Caso na Escola Estadual Três Poderes”. O objetivo é analisar o conteúdo explorado no conteúdo de EF na EJA, e sua participação enquanto docente é de grande importância para esta pesquisa. Ressalto que não é necessário se identificar e o preenchimento das perguntas leva, aproximadamente, 15 minutos.

1. Há quanto tempo você é professor?
2. E há quanto tempo você ministra conteúdo de EF?
3. Como você se capacitou para ministrar o conteúdo de EF?
4. Na programação e proposta pedagógicas, como os conceitos básicos de economia e finanças são trabalhados? Quais os principais temas abordados?
5. O que você percebe que desperta mais interesse nos alunos nas aulas que envolvem a EF? E os que geram mais dificuldades?
6. Quais os desafios em levar a instrução financeira para a EJA?
7. A forma como a EF tem sido trabalhada na EJA prepara o aluno para lidar melhor com o dinheiro no dia a dia? Justifique.
8. Existe algum projeto de referência que você pode descrever como exemplo de êxito para a EF na EJA?
9. Como o ensino de EF na EJA pode ser melhorado?

APÊNDICE II – Questionário a ser aplicado aos alunos

Olá, meu nome é EVERTON MANUEL NONATO e sou mestrando do curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes. Este questionário compõe a pesquisa intitulada “EF E O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DA EJA, EJA: um Estudo de Caso na Escola Estadual Três Poderes”. O objetivo é analisar o conteúdo explorado no conteúdo de EF na EJA e sua participação enquanto aluno é de grande importância para esta pesquisa.

1 – Ano da EJA	
1- Sexo	(1) feminino (2) masculino (3) outros (4) Prefiro não responder
2- Idade (em anos)	_____ anos () Prefiro não responder
3- Renda familiar	(1) até 3 sm (2) de 4 a 6 sm (3) de 7 a 9 sm (4) mais de 10 sm (5) Prefiro não responder
4- Número de membros na família (que moram na mesma casa)	(1) 3 pessoas (2) 4 pessoas (3) 5 pessoas (4) 6 pessoas (6) mais de 6 pessoas (5) Prefiro não responder

Para as perguntas a seguir, considere a escala em que:

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo plenamente

Marque a resposta que mais se adeque à sua realidade.

- 1) Você considera que conhece o que é EF?

- 2) Na sua visão, você tinha habilidades na gestão das finanças pessoais antes das aulas de EF?

3) E você considera que melhorou seus conhecimentos em EF depois das aulas?

4) Na sua casa, como a EF é tratada?

a) Nunca ____

b) De vez em quando ____

c) Em várias ocasiões ____

d) Sempre ____

5) Considerando o seu aprendizado, o conteúdo ministrado nas aulas de EF tem grande importância no seu dia a dia?

6) Você aplica o conteúdo aprendido em sua vida?

Para as questões a seguir, você acha que deve ser explorado nas aulas:

7) Orçamento

8) Crédito

9) Testamentos

10) Seguro de vida

11) Seguro de invalidez

12) Plano de saúde

13) Seguro de assistência em longo prazo

14) Empréstimo pessoal

15) Empréstimo para Educação

16) Investimentos

17) Aposentadoria

APÊNDICE III – RELATÓRIO ANTI PLÁGIO



Versão do CopySpider: 2.3.1

Relatório gerado por: everton_nonato@yahoo.com.br

Modo: web / normal

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
Dissertação Everton rev7.docx X https://rsbljournal.org/index.php/rsd/article/download/38295/32119/422598	471	1,48
Dissertação Everton rev7.docx X https://gmw.investidor.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/EM-Livro1-VoceAguieAgora.pdf	723	1,11
Dissertação Everton rev7.docx X https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/561356/2/EDUC_A%C3%87%C3%83O_FINANCEIRA_PARA_JOVENS_E_ADULTOS.pdf	350	1,10
Dissertação Everton rev7.docx X https://mindminers.com/blog/entenda-o-que-e-escala-likert	80	0,26
Dissertação Everton rev7.docx X https://vidadeproduto.com.br/escala-likert	84	0,25
Dissertação Everton rev7.docx X https://www.questionpro.com/blog/pt-br/exemplos-de-escalas-likert	54	0,18
Dissertação Everton rev7.docx X https://pt.surveymonkey.com/mp/2-tips-for-writing-agree-disagree-survey-questions	32	0,10
Arquivos com problema de download		
https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/emieta/article/view/250435	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conteúdo (Um contra todos). - PKIX path building failed: sun.security.provider.certpath.SunCertPathBuilderException: unable to find valid certification path to requested target	
https://www.researchgate.net/publication/366585307_Educacao_financeira_na_educacao_basica	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conteúdo (Um contra todos). - Erro: Parece que o documento não existe ou não pode ser acessado. HTTP response code: 403 - Server returned HTTP response code: 403 for URL: https://www.researchgate.net/publication/366585307_Educacao_financeira_na_educacao_basica	
https://pt.surveymonkey.com/mp/likert-scale	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conteúdo (Um contra todos). - Index 30 out of bounds for length 30	

ANEXO I – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA****PARECER FINAL****Protocolo: 3208****IDENTIFICAÇÃO:****Nome do(a) pesquisador(a):** EVERTON MANUEL NONATO**Nome do(a) Professor(a) orientador(a):** JERISNALDO DE MATOS LOPES**Curso:** Mestrado Acadêmico em Administração**Nome do Projeto:** Educação Financeira e o Desenvolvimento dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos, EJA: Um Estudo de Caso na Escola Estadual Três Poderes**Instituição(es) envolvidas na realização do projeto:****Centro Universitário Unihorizontes**

**QUANTO AO PROJETO DE PESQUISA:**

1- Os objetivos do projeto são apresentados claramente?

Sim

Não

2- No item referente a metodologia há descrição da amostra pretendida?

Sim

Não

Não se aplica: []

4- Os possíveis benefícios a serem alcançados justificam a realização da pesquisa?

Sim

Não

Não se aplica: []

5- Há riscos para os sujeitos envolvidos na pesquisa?

Sim

Não

Não se aplica: []

Se sim explique:

6- Há conflito de interesses? Caso positivo quais?

Sim

Não

Se sim explique:

**QUANTO AO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:**

1-O pesquisador está fornecendo aos sujeitos da pesquisa documento escrito que os esclareça dos objetivos, benefícios e risco da pesquisa proposta?

() Sim

() Não

Não se aplica: []

2-Nesse documento existe clara referência sobre o sujeito estar ciente que ele tem a liberdade de se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem ser penalizado?

() Sim

() Não

Não se aplica: []

3- Quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, foram citadas garantias sobre o sigilo que defenda a privacidade dos sujeitos?

() Sim

() Não

Não se aplica: []



AVALIAÇÃO FINAL sobre todos os itens:

- Bem qualificado em todos os itens – aprovado.
- Bom com reservas – deve ser revisto conforme Tabela 1.
- Inadequado – não aprovado.

**TABELA 1: Alterações propostas pelo comitê de ética****ALTERAÇÕES:**

Após apreciação acima, o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Unihorizontes sugere as seguintes correções:

SEM ALTERAÇÕES



**INFORMAÇÕES PARA USO EXCLUSIVO DO CONSELHO DE ÉTICA DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES:**

Belo Horizonte, 22 de Agosto de 2024

PARECERISTAS:

NOME: Fernanda Versiani de Rezende

ASSINATURA:

Documento assinado digitalmente

FERNANDA VERSIANI DE REZENDE
 Data: 22/08/2024 10:30:14-0300
 Verifique em: <https://validar.jgov.br>

NOME: Jersone Tasso Moreira Silva

ASSINATURA:

Documento assinado digitalmente

JERSONE TASSO MOREIRA SILVA
 Data: 22/08/2024 10:30:00-0300
 Verifique em: <https://validar.jgov.br>

NOME: Alexandre Teixeira Dias

ASSINATURA:

Documento assinado digitalmente

ALEXANDRE TEIXEIRA DIAS
 Data: 22/08/2024 10:37:17-0300
 Verifique em: <https://validar.jgov.br>

ANEXO II - Revisão Linguística da dissertação

DECLARAÇÃO

Declaro que fiz a Revisão Linguística da dissertação de Everton Manuel Nonato, intitulada **Educação Financeira e o Desenvolvimento dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de caso na Escola Estadual Três Poderes**, do Programa de Pós-Graduação em Administração, Mestrado, do Centro Universitário Unihorizontes.

Viçosa, MG, 20 de setembro de 2024.



Edir de Oliveira Barbosa
Licenciado em Letras – Português-Inglês
Especialista em Língua Portuguesa
ebarbosaufv@gmail.com